

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Educação

**UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE**

Département des Sciences de l'Éducation et de la formation

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**FORMAÇÃO DE JOVENS E PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

**Um estudo sobre a formação de três jovens da  
Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO.**

**Erialdo Augusto Pereira**

Dissertação apresentada para a obtenção do grau de Mestre, em Ciências da Educação, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa e do Diplôme d'Université François Rabelais de Tours.

**Orientador:** Professora Doutora Maria do Loureto Paiva Couceiro.

**Porto Nacional**

**Dezembro de 2003**

**UNIVERSIDADE NOVA DE LISBOA – PORTUGAL**

Faculdade de Ciências e Tecnologia de Educação

**UNIVERSITÉ FRANÇOIS RABELAIS DE TOURS – FRANCE**

Département des Sciences de l'Éducation et de la formation

**Mestrado Internacional em Ciências da Educação**

**“FORMAÇÃO E DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL”**

**FORMAÇÃO DE JOVENS E PARTICIPAÇÃO SOCIAL**

**Um estudo sobre a formação de três jovens da**

**Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO.**

**Erialdo Augusto Pereira**

**Porto Nacional**

**Dezembro de 2003**

Dedico este trabalho a minha mãe Nesmina Pereira das Chagas, camponesa sem terra e sem letras, pela sua sabedoria, tão marcante na minha formação.

## **AGRADECIMENTOS:**

A Deus, pela minha existência e por mais essa realização.

À Deusina, minha companheira de caminhada, pela partilha das tristezas e alegrias. E também, pelo auxílio na correção deste trabalho.

À minha primogênita Marina, pela digitação. Ao meu filho Éder e à minha filha Mariana pelas alegrias. Aos três por que sofreram com a minha ausência durante este trabalho.

À Maria de Fátima pelos cuidados com nossa família, testemunha maior do meu esforço e dedicação neste trabalho.

À Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO, os estudantes, colegas profissionais e famílias, o meu terreno de prática, ação – reflexão – ação nestes últimos dez anos, e pela contribuição para realização deste mestrado.

Aos três estudantes entrevistados – Virna, Matheus e Oscar -, sujeitos dessa pesquisa, pela presteza, franqueza, disposição e participação neste trabalho.

À UNEFAB e AEFACOT, pela realização do Curso Internacional de Mestrado em Ciências da Educação, pela contribuição na minha formação e pela constante luta por uma educação básica do campo.

À Comsaúde, por manter acesa nesta região a esperança e a motivação da luta por uma sociedade menos injusta.

Aos colegas do mestrado, aos funcionários e aos guias deste curso, com quem partilhei amizades, conhecimentos, alegrias e, principalmente, o esforço na busca do saber e da produção pessoal e coletiva.

À minha orientadora, professora Doutora Maria do Loreto Paiva Couceiro, pela paciência, estímulo, orientação e acima de tudo, pela amizade.

## **RESUMO**

O presente trabalho intitulado – Formação e Participação Social – Um estudo sobre a formação de três jovens estudantes da Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO, trata de uma investigação no campo das Ciências da Educação realizada na Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO.

Trabalhei com a Metodologia das Ciências Sociais, especificamente Ciências da Educação, com o método qualitativo e com a triangulação das técnicas de recolha de dados – caderno de campo, análise de documentos e entrevista semi diretiva, no período de 2002 e 2003..

A Escola Família Agrícola de Porto Nacional trabalha com a Pedagogia da Alternância, que possibilita a formação dos jovens, filhos de camponeses, no Centro educativo – EFA, alternando com tempos de formação no seio familiar e nos seus coletivos de Origem.

Esse trabalho de pesquisa teve como objetivo principal, compreender os processos formativos que levaram jovens camponeses a terem uma eficiente participação nas organizações coletivas desta região.

Os principais teóricos base deste estudo são: Pineau, Couceiro, Demo, Freire, Gadotti, Warschauer, Pirrenoud, Gimonet, , Nóvoa, Veiga, outros e documentos do movimento CEFFA's.

A pesquisa revela que a família, a comunidade, o movimento popular e a escola podem fazer um trabalho articulado, que favoreça a descoberta do estudante protagonista do desenvolvimento local, o que possibilita ser sujeito da sua aprendizagem e atuante nas organizações sociais existente no seu meio.

Este trabalho se torna relevante por tratar da Educação do Campo, especificamente da Pedagogia da Alternância, espaço com pouca discussão no meio acadêmico brasileiro e conseqüentemente com raras publicações. O mesmo pretende contribuir com o movimento CEFFA's no Brasil e com todos que se interessarem por educação do campo.

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO GERAL</b> .....	09
<b>PARTE I - Construção do conhecimento - Aprendendo com os teóricos</b> .....	14
Introdução à Parte I.....	15
<b>CAPÍTULO I – O TERRENO DAS PESSOAS DA INVESTIGAÇÃO</b>	
Introdução.....	16
1.1- O Município de Porto Nacional –TO.....	17
1.2- A Escola Família Agrícola de Porto Nacional –TO.....	22
1.3- A Juventude Rural de Porto Nacional – TO.....	39
Conclusão.....	41
<b>CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL</b>	
Introdução.....	44
2.1- A Participação Social.....	45
2.2- Desenvolvimento Humano.....	50
2.3- Desenvolvimento Rural Sustentável.....	56
Conclusão.....	61
<b>CAPÍTULO III – OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO</b>	
Introdução.....	63
3.1- Clarificação do Conceito de Formação.....	64
3.2- Teoria Tripolar da Formação.....	69
3.3- A Coformação entre a Auto e Heteroformação.....	74
Conclusão.....	76
<b>CAPÍTULO IV – OS JOVENS RURAIS E A SUA FORMAÇÃO</b>	
Introdução.....	78
4.1- A Juventude: uma Etapa da Vida.....	79
4.2- A Formação dos Jovens do Campo.....	82

4.3- A Proposta Pedagógica dos CEFFA´s.....	87
Conclusão.....	93
Conclusão da Parte I.....	95
<b>PARTE II - Construção do conhecimento - Aprendendo com os jovens do campo.....</b>	<b>98</b>
Introdução à Parte II.....	99
<b>CAPÍTULO V – O PONTO DE PARTIDA E O CAMINHO DA PESQUISA</b>	
Introdução.....	100
5.1- A Problemática.....	101
5.2- Metodologia.....	102
5.3- Opções Metodológicas Utilizadas.....	106
Conclusão.....	109
<b>CAPÍTULO VI – A REVELAÇÃO DOS FATOS</b>	
Introdução.....	111
6.1- Entrevistada Virna.....	112
6.2- Entrevistado Matheus.....	117
6.3- Entrevistado Oscar.....	122
Conclusão.....	127
<b>CAPÍTULO VII - RELAÇÃO TEORIA COM AS INFORMAÇÕES ANALISADAS</b>	
Introdução.....	130
7.1- A Formação dos Jovens.....	131
7.2- A Participação Social dos Jovens.....	136
7.3- A Relação Formação/Participação.....	142
Conclusão.....	148
Conclusão à Parte II.....	151
<b>CAPÍTULO VIII – CONCLUSÃO FINAL</b>	
8.1 – Algumas considerações.....	153

8.2 – Recomendações.....	160
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>162</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>169</b>
ANEXO 1. Guião de Entrevista.....	170
ANEXO 2. Transcrição da Entrevista 1 – Virna .....	172
ANEXO 3. Transcrição da Entrevista 2 – Matheus.....	180
ANEXO 4. Transcrição da Entrevista 3 – Oscar.....	187
ANEXO 5. Grade Geral de Análises de Dados.....	197
ANEXO 6. Grade Temática de Análise de Dados – Formação.....	202
ANEXO 7. Grade Temática de Análise de Dados – Participação.....	205
ANEXO 8. Lista de Figuras e Tabelas.....	208
ANEXO 9. Lista de Siglas.....	209

## **INTRODUÇÃO GERAL:**

O presente trabalho de investigação intitulado – Formação de Jovens e Participação Social – um estudo sobre a formação de três jovens da Escola Família agrícola de Porto Nacional-TO, surgiu de uma motivação pessoal ligada à minha história de vida. Que pode ser resumida em três itens:

1- Sou filho de mãe camponesa sem terra, antes mesmo da instituição do MST, com também sem letras, sofri na pele as deficiências da escola pública oferecida às camadas populares;

2- Sou militante dos movimentos sociais, ligado ao campo, indignado com a situação de abandono dos poderes públicos que negam os direitos dos trabalhadores, principalmente, à população pobre camponesa.

3- E por último, à minha atuação profissional na Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO, nesta última década, que possibilitou perceber o quanto é possível contribuir na formação de jovens e no seu incentivo à participação social na luta pelo desenvolvimento da comunidade local.

A educação brasileira, que historicamente tem contribuído para as desigualdades sociais, no primeiro momento pela negação do direito à escola e, atualmente, pela baixa qualidade oferecida às camadas populares, tem neste quadro de expansão, dificuldades em atender de forma satisfatória, a juventude que a procura.

Tal situação é denunciada silenciosamente, por fatores como: o alto índice de abandono e repetência na educação básica; indisciplina e desinteresse de estudantes; frustração dos professores (as), que não conseguem ensinar e de estudantes que não conseguem articular os conhecimentos adquiridos na escola com os saberes necessários para viver na sociedade moderna.

Essa situação torna-se muito mais complexa quando se trata da educação das populações camponesas, pois falta uma proposta governamental que leve em consideração a cultura desses

povos. Neste vácuo, têm surgido propostas de organizações da sociedade civil que vêm procurando minimizar essas carências dentre as quais cito: a Escola do Movimento Sem Terra; a Escola Família Agrícola; a Casa Familiar Rural; a Escola Comunitária; o Pró-jovem, entre outras.

Neste contexto, aparece o movimento do CEFFA's – Centro Familiar de Formação por Alternância, denominação cunhada no Brasil para atender à rede de escolas por alternância – Escola Família Agrícola e Casa Familiar Rural, que têm as suas raízes nas Maisons Familiales Rurales de França.

O movimento das Escolas da Alternância do Brasil tem uma necessidade de sistematizar suas experiências e de pesquisar no interior das unidades escolares os resultados desse trabalho, para uma melhor divulgação da Pedagogia da Alternância, pouco conhecida no meio acadêmico pelos técnicos de Secretarias de Educação e de Conselhos de Educação, o que tem dificultado o reconhecimento e a autorização de cursos em escolas já existentes, como também, a expansão desse modelo de escola em outras localidades.

A escolha do tema está vinculada à sua relevância política, social e científica, pois no Brasil, há carências de pesquisas voltadas para a realidade do povo do campo. Existe também um silêncio, uma aparente neutralidade científica sobre as questões políticas e sociais, resquícios da ditadura militar que nos calou, principalmente, sobre esses temas. E, ainda, a necessidade de pesquisar sobre educação, no sentido de vincular o tempo escola como parte importante do processo de formação integral da pessoa.

Esse trabalho de investigação foi realizado em 2003, na Escola Família Agrícola do município de Porto Nacional-TO, com ênfase na formação de jovens e participação social. A intenção é de poder contribuir para compreensão do tema e, se possível, intervir no espaço escolar da rede CEFFA's.

O trabalho de pesquisa está dividido em duas partes. A primeira, composta por quatro capítulos, trata basicamente da fundamentação teórica do tema. A segunda parte, trata da investigação empírica e do tratamento dos dados, também em quatro capítulos.

O primeiro capítulo contextualiza o espaço e as pessoas da pesquisa. Retrata o município de Porto Nacional-TO nos seus aspectos histórico, geográfico, econômico e educacional; a Escola Família Agrícola situada nesta cidade, sua história e as atividades pedagógicas que levam em conta a bagagem cultural do estudante camponês e a proposta de formação do sujeito; e a juventude rural desta região, caracterizando suas potencialidades, dificuldades e desafios na luta para viver com dignidade no campo.

Os termos desenvolvimento, participação social, processos de formação e juventude rural são tratados com aprofundamento teórico nos capítulos II, III e IV, onde foi feita uma revisão literária para clarificações de conceitos e de idéias, que contribuíram para a análise da parte empírica da pesquisa.

Na segunda parte, nos capítulos V a VII, coloca-se a problemática, a metodologia utilizada na investigação, a análise dos dados e a relação da teoria com os dados analisados.

A minha pretensão com essa pesquisa, pode ser resumida nas seguintes questões: Que processos formativos levam jovens camponeses à participação social? Que saberes eles privilegiam? Que estratégias utilizam? Quais são seus valores e sonhos? Como se vêem neste contexto? Como percebem os diferentes espaços de formação em que participam? Em que acredita o jovem camponês de hoje? Como está a sua satisfação pessoal em relação ao processo de formação e participação social em que estão envolvidos?

Utilizou-se a pesquisa por amostragem, selecionando três estudantes, com sete anos de participação no processo de formação da Escola Família Agrícola, com um nível considerável de participação nos movimentos sociais que os fazem emergir aos demais jovens da turma.

Esses estudantes, além de estarem em evidências nas participações das atividades coletivas ou internas da escola, são diretores das associações das comunidades locais, participam de outros movimentos com abrangência municipal, estadual e nacional como Pastoral da Juventude Rural,

Movimento dos Atingidos de Barragens, Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável e do movimento CEFFA's, a em nível regional.

Neste trabalho utilizei a metodologia das Ciências Sociais, especificamente das Ciências da Educação, com o método da pesquisa qualitativa e a triangulação das técnicas de recolha de dados com análise de documentos, caderno de campo e entrevista semi diretiva - utilizando um roteiro e um gravador onde foram registradas todas as falas dos participantes, que posteriormente foram transcritas e analisadas e que estão contidas nesta dissertação.

Finalizando, o capítulo oito traz as considerações resultantes das minhas reflexões pessoais sobre o estudo realizado e algumas recomendações que podem contribuir com a rede CEFFA's, no sentido de aprimorar o trabalho de formação dos jovens camponeses e a proposta de educação básica do campo que está na pauta política dos movimentos sociais atuantes no espaço agrário brasileiro.

A literatura revisada foi, principalmente, de teóricos precursores da Escola Nova, atuais defensores de uma educação em que o estudante seja sujeito da sua aprendizagem e que trabalhe com os conceitos de formação, desenvolvimento humano, participação, desenvolvimento sustentável e juventude.

Dentre muitos autores, consultei: Gaston Pineau, Maria Loureto Paiva de Couceiro, Edgar Morain, Teresa Ambrózio, José Eli da Veiga, Paulo Freire, Antônio Nóvoa, Phillipe Pirrenoud, Boaventura de Souza Santos, Pedro Demo, Moacir Gadotti, Carlos Brandão, Esther Grossi, Cecília Warschauer, René Barbier, entre outros.

Também, foram consultados documentos da Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO, do município de Porto Nacional-TO, do movimento CEFFA's e do Conselho Nacional do Desenvolvimento Rural Sustentável.

O texto está escrito de tal forma que conjuga todas as pessoas, diante das necessidades, principalmente a primeira pessoa do singular, dentro de uma discussão do paradigma emergente

da não negação do sujeito. Diferente do que acontece no Brasil, onde à maioria das universidades orientam para que seja usado o infinitivo impessoal ou a terceira pessoa do plural nas redações dos trabalhos científicos.

A Bibliografia está obedecendo às normas científicas de Portugal, pois a dissertação será entregue à Universidade Nova de Lisboa, na Faculdade de Ciências e Tecnologia da Educação.

## **PARTE I**

**A construção do conhecimento – Aprendendo com os teóricos.**

## **INTRODUÇÃO À PARTE I**

Esse trabalho de investigação está dividido em duas partes. Esta primeira, intitulada “A construção do conhecimento – Aprendendo com os teóricos”, busca formar um quadro teórico sobre o terreno e os eixos de análises da pesquisa, que está dividido em quatro capítulos, a seguir:

O capítulo I - O espaço das pessoas da investigação -, em primeiro lugar trata do município de Porto Nacional, breve histórico, situação geográfica, as questões econômicas e educacionais. Depois, apresenta a Escola Família Agrícola de Porto Nacional nos aspectos históricos, localização, clientela, e a proposta pedagógica dentro do quadro da pedagogia da alternância. E finalizando busca as condições sócio-econômicas e educacionais da juventude rural desta região. Foram consultados documentos, materiais digitados, folders do IBGE, da prefeitura local e da secretaria da escola, além de artigos da revista Candeia.

O capítulo II - Desenvolvimento e Participação Social -, trabalha a participação como conquista, autopromoção, exercício de cidadania. O desenvolvimento sustentável como aquele que leva em conta as futuras gerações. O desenvolvimento humano com o significado de fazer e fazer-se oportunidade. Os teóricos abordados foram, principalmente, Demo, Veiga, Freire, Gadotti, Boff, Ambrósio, Corragio.

O capítulo III - Os processos de formação -, a discute sobre os conceitos de formação, à luz da análise da teoria tripolar (Pineau, 1991) – eco, hetero e autoformação, concluindo com a formação entre pares - a coformação entre a hetero e autoformação -. A teoria está baseada nos teóricos como, Pineau, Couceiro, Josso, Warschauer, entre outros.

O capítulo IV - Os jovens rurais e a sua formação -, busca as características dos jovens do campo e finaliza com um breve histórico e os fundamentos da Pedagogia da Alternância dos CEFFA's. Foram consultados autores como Derlors, Fraga & Iulianelle, e os documentos da AIMFR, UNEFAB, etc. Para finalizar faço uma rápida conclusão deste capítulo levantando as principais aprendizagens adquiridas com os teóricos a respeito dos temas tratados.

## CAPÍTULO I – O TERRENO DAS PESSOAS DA INVESTIGAÇÃO

### Introdução:

*“O terreno é o meio concreto na qual uma aprendizagem se efetua. É por assim dizer o ar sobre o qual o pássaro se apóia para voar; sem a resistência do ar, o pássaro tombaria como pedra, ou melhor, seria incapaz de alçar vôo”*

*Oliver Clouzot e Annie Bloch.*

Esse capítulo propõe descrever sobre o terreno onde se encontram as pessoas desta investigação. Retrata o município de Porto Nacional-TO, a Escola Família Agrícola localizada nesta cidade e a juventude rural desta região.

Sobre o município busco de forma breve, elementos que entendo ser importantes para um melhor entendimento do trabalho, como os aspectos geográficos, históricos, econômicos, políticos e educacionais. O mesmo foi feito com o estado do Tocantins e alguns dados foram comparados com a situação do país.

A Escola Família Agrícola por ser um espaço importante no processo formativo dos jovens camponeses da região e objeto de estudo desta investigação, tem um espaço em que descrevo sobre a sua gênese e detalhes de suas atividades pedagógicas que têm como objetivo mobilizar os jovens para atuarem como sujeitos dos seus destinos, capazes de serem protagonistas do desenvolvimento sustentável local.

E ainda neste capítulo, busquei caracterizar os jovens desta região e suas famílias com os seus desafios, dificuldades e potencialidades para aprimorar a luta por uma vida digna no campo. Para isso, retrato a riqueza da cultura camponesa e a sua resistência diante da proposta de massificação da sociedade de consumo, o trabalho na propriedade familiar, as novas tecnologias, as carências

de políticas públicas e as dificuldades de uma organização comunitária atuante na busca dos direitos que lhes são negados.

É com a compreensão da importância do meio na formação das pessoas, que busco contextualizar o terreno desta pesquisa.

### **1.1- O Município de Porto Nacional -TO:**

O município de Porto Nacional compõe um conjunto de 139 sedes administrativas que formam o estado de Tocantins. Tornou-se cidade em 13 de julho de 1861, através da Lei Provisória nº 333. Existe consenso entre historiadores, que a origem de Porto Nacional se remonta ao ciclo do ouro no século XIX, e a mesma, deve-se à navegação pelo rio Tocantins e a sua localização entre os principais pólos de riquezas minerais da região daquela época– Pontal e Carmo.

Porto Nacional está localizada geograficamente na região central do estado, e de acordo com a Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins, (SEPLAN, 2002), está a 64 km da capital, a cidade de Palmas. Possui altitude média de 212 m, uma superfície de 4.446,2 km<sup>2</sup> e uma população de aproximadamente 44.991 habitantes, correspondendo 3,89% da população do estado do Tocantins, da qual 6.225 pessoas vivem na zona rural, ou seja 13,84% e 38.766 na zona urbana, o que representa 86,16%. Possui uma taxa de 13,2% da população analfabeta. Tem como coordenadas 10°42'29'' de latitude e 45°25'02'' de longitude, densidade demográfica 10,11 habitantes por km<sup>2</sup>.

A sede do município está localizada à margem direita do rio Tocantins, hoje um imenso lago formado pela usina Hidrelétrica Luís Eduardo Magalhães.

Sobre o aspecto econômico do município de Porto Nacional-TO, podemos resumir na tabela abaixo, retratando os principais setores em números de estabelecimentos e percentuais que representam.

**Tabela 1. Porto Nacional-TO: Indústria, Comércio, Serviços e Propriedades Rurais –  
Número de Estabelecimentos – 2000.**

Setor	Número	Porcentagem
Comércio	383	16,89
Indústria	65	2,87
Serviços	463	20,38
Propriedades Rurais	1.357	59,86
Total	2.267	100,0

**Fonte: SEPLAN (2001).**

Os dados da Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins - SEPLAN - TO (2001), compilados na tabela acima revelam os índices das principais atividades produtivas do município, sendo a agropecuária o setor com maior percentual de estabelecimentos 59,86%, com um potencial muito bom para geração de emprego e para a produção de alimentos.

E, neste setor, falta mão de obra qualificada para atuar em projetos que necessitam de aplicação das novas tecnologias. Temos uma agricultura arcaica que utiliza irracionalmente os bens naturais e que perde parte da produção pelo uso inadequado dos equipamentos modernos em toda cadeia produtiva.

No momento em que o desemprego e a fome são os dois maiores problemas sociais do país, investir na agricultura familiar, que emprega 7 de cada 10 pessoas que trabalham no campo e é responsável pela maioria dos produtos que chegam à mesa do povo brasileiro, passa a ser uma estratégia para a solução dos citados problemas. De acordo com FAO (1998), “no Brasil é seis vezes mais barato gerar um emprego no campo que na cidade. E, é vinte duas vezes mais barato para o poder público manter uma família morando no campo, que na cidade”.

A educação formal no município de Porto Nacional – TO, está distribuída de acordo com a tabela abaixo. A cidade é sede de uma Regional de Educação, composta por dez cidades menores circunvizinhas e administra 56 escolas da rede estadual.

**Tabela 2. Porto Nacional. Número de Estabelecimentos Escolares – 2002.**

Especificação	Municipal	Estadual	Federal	Privada	Filantrópica	Total
Educação Básica Rural	33	-	-	-	01	34
Educação Básica Urbana	19	19	-	10	-	48
Creche Urbana	03	-	-	-	01	04
Educação Superior	-	-	01	01	-	02

**Fonte Delegacia Regional de Ensino de Porto Nacional-TO. Outubro/2003.**

Os dados da tabela 2 mostram, que a educação rural deste município é atendida, quase que na sua totalidade, pelo poder público municipal com 33 estabelecimentos, onde somente uma possui administração comunitária- a Escola Família Agrícola – EFA.

As escolas rurais mantidas pelo poder público municipal, em sua maioria, enfrentam dificuldades para proporcionar um ensino-aprendizagem de qualidade para os filhos (as) dos agricultores (as) familiares do município. Os principais problemas são: carência de estrutura física e material pedagógico, proposta pedagógica inadequada para o campo, salas multiseriadas, professores (as) sem formação adequada, baixos salários, grande distância para locomoção de profissionais da área urbana e, conseqüente falta de professores nas comunidades rurais, além da falta de um projeto de educação do campo.

Os demais estabelecimentos estão na área urbana e não levam em consideração o rural, algo natural na sociedade brasileira, movida pelo desprezo pela cultura camponesa e pelas possibilidades que existem no campo.

Para o coordenador do setor de educação do MST, Edgar Jorge Kolling “há uma tendência dominante em nosso país, marcado por exclusões e desigualdades, de considerar a maioria da população que vive no campo como a aparte atrasada e fora de lugar no almejado projeto de modernidade. No modelo de desenvolvimento que vê o Brasil apenas como um mercado emergente predominantemente urbano, camponeses e indígenas são vistos como espécies em extinção. Nessa lógica, não haveria necessidade de políticas públicas específicas para essas pessoas, a não ser do tipo compensatória à sua própria condição de inferioridade e/ou diante de

pressões sociais. A educação no meio rural, hoje, retrata bem essa visão”. .( Kolling et al, 1999, p 21),

Todos esses problemas da escola rural têm reflexos diretos nos estudantes, que apresentam dificuldades na sua formação inicial com os conhecimentos escolares elementares – ler, escrever, calcular, e outros -. Como também, os mesmos não reconhecem a importância da sua cultura e de outros saberes que dominam, vivem com a auto-estima em baixa e um imaginário construído de que não têm capacidade de aprender.

O estado de Tocantins passa a existir do desmembramento do Estado de Goiás em 05 de Outubro de 1988, nos termos do artigo 13, das Disposições Transitórias da constituição Federal, e foi definitivamente instalado em 1º de janeiro de 1989. Localiza-se na região norte do país e possui uma área de 278.420,7 km<sup>2</sup> de superfície, correspondendo a 3,6% do território nacional. É, portanto, o décimo estado brasileiro em extensão territorial. Segundo o IBGE, em 2000, a população era de 1.157.098 habitantes, com 859.961 pessoas vivendo na Zona urbana (74,32%) e 297.137 vivendo na zona rural (25,68%). Possui, aproximadamente 1800 propriedades familiares e sua economia, segundo o IBGE em 1998, baseava-se, principalmente, em: agropecuária – 59%, os serviços – 37%, e a indústria 4%..

A tabela abaixo retrata a dramática situação do analfabetismo absoluto entre rural e urbano, em algumas faixas etárias e faz uma comparação do Estado do Tocantins com a média nacional.

**Tabela 3. Taxas de Analfabetismo Total, em 1999, segundo faixas etárias e situação de domicílio.**

	> 5 anos		> 15 anos		20-24 anos		> 60 anos	
	Urbanos	Rurais	Urbanos	Rurais	Urbanos	Rurais	Urbanos	Rurais
<b>Brasil</b>	12%	34,4%	9,7%	29%	3,6%	16%	29,5%	59,6%
<b>Tocantins</b>	18,8%	33,2%	16,9%	29%	5,1%	11,8%	58,4%	75,7%

**Fonte: IBGE/PNAD – 1999 – In: Revista Candeia.**

A tabela 3, denuncia o absurdo do analfabetismo e a alarmante diferença entre o urbano e o rural.

Há um consenso sobre os problemas gerado devido a falta do domínio da leitura e da escrita, Lima nos coloca algumas questões que retrata essas dificuldades, “(...) escolaridade é um fator relevante para a renda. Além disso, a disseminação de informações referentes à higiene pessoal e coletiva, alimentação, prevenção de doenças, puericultura, métodos contraceptivos, dentre outros, são fatores que contribuem para a elevação da qualidade de vida de determinada comunidade, que se traduzem em baixa taxa de mortalidade infantil, baixa incidência de doenças endêmicas, etc.” (Lima 2002, p. 15).

Ainda para esse autor, “a consciência dos direitos individuais e coletivos, traduzidos como cidadania efetiva, vai contribuir para o aperfeiçoamento da convivência e das instituições democráticas; a efetiva aplicação das leis, abolindo práticas hediondas como trabalho escravo e infantil, incluindo aqui a prostituição. Além disso, a elevação do nível de escolaridade dos pais é um fator que comprovadamente contribui para o sucesso de seus filhos na escola diminuindo a evasão e a repetência”. (ib., p. 15)

**Tabela 04. Taxas de Analfabetismo Funcional – 1999 (maiores de 10 anos)**

	> 1 ano +		> 4 anos		> 8 anos	
	Urbanos	Rurais	Urbanos	Rurais	Urbanos	Rurais
<b>Tocantins</b>	15,8%	24,5%	35,6%	56,7%	68,5%	86,7%
<b>Brasil</b>	10,2%	26,5%	25,9%	55,5%	60,6%	88,1%

**Fonte: IBGE/PNAD – 1999 – In: Revista Candeia**

A tabela 4, apresenta a gravidade quando se trata do tempo de escolaridade. Cerca de um quarto dos brasileiros, que residem no campo, têm apenas quatro anos de escolaridade. O mesmo acontece com os tocantinenses, e pior, chega a 86% o percentual dos habitantes residentes no campo que têm no máximo, oito anos de escolaridade.

Citando Lima, (2002, p. 16), “(...) estudos apontam a necessidade de quatro a oito anos de escolaridade, para que se possa efetivamente adquirir os conhecimentos necessários para uma inserção cidadã na sociedade.”

Os jovens estudantes deste município e da região, em sua maioria, depois de quatro anos de estudos iniciais na rede municipal, têm como alternativa, continuar os seus estudos na Escola Família Agrícola ou em escolas urbanas. Assim sendo, a clientela da Escola Família Agrícola chega com deficiências de aprendizagens, com baixa auto-estima, pouca leitura e motivação para o conhecimento científico e para outras atividades intelectuais. Os estudantes que vão para a cidade e freqüentam a escola urbana, em sua maioria reprovam ou evadem, e dificilmente retornam para suas famílias no campo.

### **1.2- A Escola Família Agrícola de Porto Nacional –TO:**

A Escola Família Agrícola de Porto Nacional é fruto dos trabalhos da Comsaúde – Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação - uma organização não governamental criada no município em 1969, que atua junto aos trabalhadores do campo, por meio de suas organizações - as Associações de Agricultores Familiares e o Sindicato dos Trabalhadores Rurais.

Em 1986, a COMSAÚDE participou da criação do CTA – Centro de Tecnologias Alternativas, um setor para atuar na formação dos agricultores (as) familiares. Em parceria com outras entidades adquiriu uma propriedade rural e construiu uma estrutura física para ser o Centro de Formação dos Agricultores.

O projeto do CTA durou sete anos e desenvolveu várias atividades com os agricultores (as) familiares, como: cursos de agricultura orgânica, frutos nativos, sementes caboclas, novas tecnologias de custo acessível, cursos nas áreas de apicultura, olericultura, fruticultura, piscicultura, tração animal, políticas agrícolas e outros, de acordo com as necessidades dos agricultores (as) participantes.

Apesar da boa aceitação dos agricultores com as atividades do CTA, a equipe avaliou que o êxodo rural continuava aumentando, devido principalmente, à necessidade de escola para seus filhos, pois os poderes governamentais atendiam à população rural, somente na 1ª fase do Ensino Fundamental – 1ª a 4ª séries iniciais.

Também, foi detectado o poder de convencimento da agricultura moderna. Alguns trocavam a visão da agricultura familiar pelas atividades da grande produção estimulada pelos pacotes bancários de financiamentos para agricultura, compra de máquinas, sementes híbridas, adubos sintéticos, agrotóxicos, desmatamento do cerrado e outras atividades, que não só deixavam de levar em conta as riquezas naturais, a dignidade das pessoas, como também, levavam os agricultores a uma situação de dependência de recursos externos.

Com essas dificuldades e conhecendo em um seminário o modelo de Educação proposto pelas Escolas Família Agrícola sob a direção dos MEPES no Espírito Santo, nasce à idéia, dentro da Comsaúde, da criação da Escola. Assim, aproveitando toda a estrutura do CTA, agora com objetivo de possibilitar a formação dos filhos, que repassariam aos pais e à comunidade local os conhecimentos adquiridos.

Em 1993 iniciou-se a discussão envolvendo as comunidades rurais, o poder público e entidades ligadas ao campo, com objetivo de implantar a Escola Família Agrícola no município de Porto Nacional-TO, a primeira do estado do Tocantins, como uma iniciativa piloto na formação dos filhos (as) dos agricultores (as) familiares.

As bases para a gênese da escola foram: 1) Realização do trabalho de base com os agricultores (as), que foi concluída com o processo de matrícula de 30 estudantes, formadores da primeira turma de 5ª série; 2) Negociações com o poder público, firmando convênios para os salários dos profissionais e para manutenção da escola; 3) Formação da equipe de monitores no centro de formação do MEPES – ES; 4) Aproveitamento de toda estrutura do CTA.

Em 31 de janeiro de 1994 iniciou-se às atividades de ensino-aprendizagem da escola. A cada ano uma nova turma, a ampliação da estrutura física, a aquisição de móveis e equipamentos, o aumento da equipe de monitores e o investimento na formação dos profissionais, famílias e estudantes, no sentido de estimular a compreensão da proposta.

Atualmente, com dez anos em funcionamento, a escola atende a 2ª fase do Ensino Fundamental (5ª, 6ª, 7ª e 8ª séries); o Ensino Médio nas séries (1ª, 2ª e 3ª) e o curso de Educação Profissional,

Técnico em Agropecuária, totalizando 180 estudantes, filhos de 120 famílias de agricultores familiares, residentes em 36 diferentes comunidades rurais, organizados em 33 associações de Agricultores Familiares, em 14 municípios, num raio de distância escola-residência que varia de 06 a 180 km.

### **A Pedagogia da Alternância na EFA de Porto Nacional-TO**

A Pedagogia da Alternância – consiste na formação em tempos e espaços diferentes, com a participação diversificada de formadores, por meio dos diversos instrumentos pedagógicos, é flexível para adequação à realidade de cada comunidade envolvida, compreendendo a participação das famílias e dos demais parceiros, na construção do projeto de educação que venha contribuir com o desenvolvimento desta comunidade.

A alternância na EFA de Porto Nacional – tempo de formação na família é de uma semana alternando com o tempo de formação no centro educativo na outra semana, totalizando vinte semanas no período escola e 18 semanas no período família, durante o ano letivo, com uma carga anual de 1200 horas de atividades formativas.

Ao longo de seus dez anos de existência, a EFA de Porto Nacional – TO, tem feito várias tentativas na construção da Pedagogia da Alternância. Foram diversas as criações e adequações das atividades pedagógicas, para atender às necessidades do educando na sua formação, como também, para desenvolvimento das comunidades camponesas da região.

A Proposta Pedagógica da Escola Família Agrícola contém os princípios da escola nos itens – Missão, Valores, Visão de Futuro e Objetivos – que compreende os ideais da escola para os jovens, famílias e comunidade desta região a quem ela serve.

Oportuno citar neste trabalho, pois vejo nestes itens o sonho de uma educação sustentável, para uma sociedade sustentável em um modelo de desenvolvimento sustentável, que recupere a dignidade humana e a nossa capacidade de preservar o meio ambiente.

### **Missão:**

A Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO é projeto educativo do campo, com metodologia específica para atender as necessidades educacionais do povo camponês, favorecendo a organização popular na luta pelos seus direitos, no combate ao êxodo rural e suas conseqüências.

### **Visão de Futuro:**

A comunidade escolar busca a construção de um espaço de educação de qualidade e de práticas de produção alternativa com os princípios da ciência agroecologia, voltado para a agricultura familiar, que vise a melhoria da qualidade de vida das comunidades camponesas, na linha do projeto de Desenvolvimento Rural Sustentável e Solidário.

### **Objetivos:**

# Fortalecer a Pedagogia da Alternância, propiciando o envolvimento dos estudantes, das famílias, da comunidade e dos demais parceiros da formação na identificação dos principais problemas e na busca de soluções para os mesmos.

# Proporcionar um ambiente educativo fundamentado nos valores: compromisso, democracia, participação, solidariedade e competência;

# Favorecer aos educandos a formação necessária ao desenvolvimento de suas potencialidades, propiciando o seu crescimento pessoal e o seu compromisso com a transformação do meio;

# Cooperar no resgate e na valorização da cultura regional, visando a participação e integração de todos os setores da comunidade educativa e instituições no combate ao êxodo rural e suas conseqüências;

# Incentivar processos produtivos sustentáveis como fonte de renda, aprimorando as atividades da agricultura familiar e permitindo que a pequena propriedade seja viável economicamente;

# Contribuir na organização das comunidades do campo, capacitando lideranças multiplicadoras das técnicas sustentáveis de produção e de serviços comunitários.

### **Valores:**

# compromisso – valoriza-se o compromisso assumido no diálogo educativo e concretizado na prática de vida;

# democracia – defende-se a democracia como exercício permanente da cidadania e do respeito à diversidade;

# participação – incentiva-se a participação como atitude permanente de todos, conscientes de que aprendemos e ensinamos em todos os momentos da vida;

# solidariedade – acredita-se na solidariedade como esforço pessoal para o reencontro com o outro na gratuidade, no perdão, na justiça e no amor;

# competência – busca-se a competência como um processo inacabado num esforço coletivo na construção do saber, revisão da própria experiência para adquirir habilidades e competências, acompanhar mudanças e modificar atitudes e comportamentos.

### **As atividades pedagógicas da EFA de Porto Nacional**

As atividades pedagógicas das Escolas Famílias Agrícolas são entendidas como: 1)- as atividades de organização local da proposta pedagógica feita pela equipe da escola, com a participação das famílias, estudantes e parceiros, 2)- os instrumentos pedagógicos da Pedagogia da Alternância trabalhada pelos estudantes, comum à rede destas escolas.

As atividades pedagógicas das escolas da alternância em uma construção feita pela comunidade escolar, um espaço de participação dos estudantes, das famílias, dos parceiros e dos monitores. É neste espaço que a escola é pensada, repensada e adequada às necessidades das comunidades camponesas.

As atividades em nível de organização do projeto da escola são: Plano de Formação, Tema Gerador, Divisão de Trabalhos, Monitor Coordenador do Dia, Estudante Coordenador da Semana, Calendário de Datas Comemorativas, Conselho de Classe, Avaliação Formativa, Reunião Pedagógica, Reunião Administrativa, Jornada de Planejamento, Projetos Técnicos de Estudos, Plano de Aprendizagem, Formação das Famílias, Semana da Cultura, OLIMPEFA, Projeto Multidisciplinar, Orientação para Aprendizagem, Assembléia da Associação e a Contribuição das Famílias.

Os Instrumentos Pedagógicos são os dispositivos de ação que efetivam a Pedagogia da Alternância, possibilitando ao estudante, relacionar-se com a família, com os parceiros da formação, com o conhecimento científico e com o meio sócio-profissional e cultural de maneira ativa, buscando sua formação integral e sua atuação para o desenvolvimento do meio. Esses instrumentos têm espaços dentro da estrutura escolar e são utilizados de forma transversal, nas disciplinas curriculares.

Os instrumentos pedagógicos utilizados na escola favorecem uma participação ativa do estudante, colocando-o na função de sujeito da atividade e, conseqüentemente, da construção do seu próprio conhecimento. Cada dispositivo recebem denominação própria, São: Plano de Estudo, Colocação em Comum, Caderno da Realidade, Caderno de Acompanhamento, Caderno da Propriedade, Visita de Estudo, Visita á Família, Projeto Profissional de Vida, Estágios, Intervenção Externa, Atividade de Retorno, Folha de Observação, Acompanhamento Individual, Avaliação Semanal, Caderno Didático e Cursos.

Por uma questão didática, coloco as atividades pedagógicas utilizadas na EFA de Porto Nacional-TO, em quatro grupos: Ação no Internato, Ação na Comunidade, Ação Comunidade/Internato e Ações Organizacionais.

**1) Ação no Internato** – são realizadas pelos estudantes, no período da sessão-escola com a orientação de monitores, auxiliados pelo grupo do internato, pelo material científico e leitura da realidade, além de outros colaboradores. As atividades do internato são: (projeto multidisciplinar de Arte, caderno da propriedade, viagem de estudo, colocação em comum, intervenção externa, acompanhamento individual, avaliação da sessão, orientação para aprendizagem, trabalho diário, trabalho prático).

O período na escola permite a recuperação e a valorização de valores humanos e espirituais, além da consolidação de hábitos sociais, superação do individualismo por meio do trabalho e vivência em grupo, bem como a garantia de uma formação global pelas reflexões e análises conjuntas da sua própria realidade e dos demais colegas.

**1.1) Projeto Multidisciplinar de Arte** – as disciplinas Relações Comunitárias, Educação Familiar, Ensino Religioso, Educação Artística, Educação Física no Ensino Fundamental e Sociologia, Filosofia, Educação Física e Artes no Ensino Médio são trabalhadas em forma de projeto, com conteúdos ligados ao Tema Gerador. Os estudantes pesquisam, buscam auxílio junto aos monitores e criam atividades sobre esses conteúdos, que são apresentadas aos demais colegas da sessão, uma vez por mês.

**1.2) Caderno da Propriedade** – é o material de registro do estudante, onde são sistematizados os trabalhos práticos da área de ciências agrárias, realizados na propriedade familiar, na escola, nos cursos, estágios e outros;

**1.3) Viagem de Estudo** – é uma visita a uma experiência concreta extra-escola, com roteiro de estudo pré-determinado, para o aprofundamento do conhecimento sobre um determinado tema estudado;

**1.4) Colocação em Comum** – espaço de socialização dos resultados das pesquisas realizadas na comunidade com a turma e com os demais colegas da sessão;

**1.5) Intervenção externa** – é a participação de pessoas da comunidade, do campo ou da cidade, convidadas para exposição, debate ou aprofundamento de um tema em estudo;

**1.6) Acompanhamento individual** – para cada estudante há um monitor (a) responsável, com tempo determinado dentro do horário escolar, no início da sessão escola, para dar boas vindas, conversar sobre a sessão-família, animar para a sessão que se inicia e resolver problemas pessoais junto à família, contribuir com os instrumentos pedagógicos e demais dificuldades de aprendizagem;

**1.7) Avaliação da Sessão** – no final de cada sessão-escola acontece uma reunião de avaliação das atividades realizadas durante essa semana. Participam as turmas presentes, o coordenador da sessão, os monitores e demais funcionários. Os resultados desta avaliação, quando negativos são encaminhados aos responsáveis de cada estudante para possíveis soluções;

**1.8) Orientação para Aprendizagem** – a cada mês são convidados os estudantes que têm demonstrado dificuldades na aprendizagem, nas relações interpessoais, nos trabalhos, ou outros aspectos para um momento de diálogo, onde se tenta descobrir quais são os principais problemas que vêm afetando o desenvolvimento dos mesmos e quais as possíveis soluções. É um trabalho que tenta avaliar o processo educativo, resgatar a auto-estima e animar o educando para ser sujeito da sua aprendizagem. Esse encontro é aberto a todos os professores, familiares e, se necessário, a especialistas convidados.

**1.9) Trabalho Diário** – Os estudantes são os responsáveis pelas atividades de organização do espaço escolar. São formados grupos que se responsabilizam por determinados espaços, que fazem a limpeza da casa duas vezes ao dia, em rodízio semanal;

**1.10) Trabalho Prático** – As atividades de produção estão divididas em 16 projetos técnicos de estudo nas áreas de agropecuária, onde são formados grupos de estudantes que fazem opção pela área de trabalho com a qual mais se identifica. Durante cinco sessões, eles planejam e executam as atividades com o auxílio do monitor e do estudante coordenador responsável pela área. O

trabalho é realizado em 8 aulas semanais conforme projeto previamente elaborado e é revezado a cada final de bimestre.

**2) Ação na Comunidade** – são realizadas pelos estudantes em cada sessão-família, orientadas pelos monitores e auxiliadas pelos pais, pelas pesquisas da realidade local e outros colaboradores existente no meio. Essas ações são: cursos, estágios e atividades de retorno e visita às famílias. O período de trabalho na família e a vivência na comunidade permitem a consolidação de informações trazidas da escola para a vida e da vida para a escola, tornando esse meio um instrumento pedagógico, pois cabe à família auxiliar e acompanhar o processo de formação do estudante, bem como colaborar na elaboração dos instrumentos pedagógicos que são desenvolvidos no período vivido na família;

**2.1) Cursos** – são atividades de interesse do estudante, realizadas em parcerias com outras instituições que buscam o aprofundamento de conhecimentos e a definição de vocação profissional;

**2.2) Estágios** - são experiências práticas profissionais ou sociais, feitas em empreendimentos ou organizações escolhidas pelos estudantes, com os objetivos de aplicar, adicionar ou buscar novos conhecimentos. Uma semana por ano cada estudante participa de trabalhos na propriedade da escola a título de experiência e colaboração.

**2.3) Atividades de Retorno** – são ações de intervenção do educando, em si, ou, no seu meio sócio-profissional, referentes a cada tema pesquisado. São respostas aos resultados obtidos no estudo da realidade de sua comunidade, que pressupõem mudanças de atitudes;

**2.4) Visita às Famílias** – os monitores(as) visitam as famílias dos estudantes mediante alguns aspectos: trabalhos da área técnica, realidade sócio-familiar, eventos culturais e comunitários, questões sócio-pedagógicas que envolvam o estudante e outros acontecimentos de relevância para uma melhor relação escola/família.

**3) Ações no Internato/Comunidade** - essas atividades consistem em elos de ligação, que se complementam nos dois espaços - escola e família. As atividades pedagógicas utilizadas são: (caderno da realidade, caderno de acompanhamento, plano de estudo, projeto profissional de vida, caderno didático, folha de observação). Essas atividades necessitam, para sua realização, dos conhecimentos escolares e dos conhecimentos comunitários. É o aprender em todos os lugares e em todos os momentos: trabalho, família, comunidade, escola. Um estudo que parte da experiência, faz a reflexão desta realidade e retorna para transformá-la.

**3.1) Caderno da Realidade** – é o local de sistematização da reflexão e da ação provocada pelo plano de estudo e folha de observação. É o registro ordenado em caderno próprio, de parte das experiências educativas acontecidas na escola e na comunidade, que foram construídas pelo (a) educando;

**3.2) Caderno de Acompanhamento** – é o elo de ligação entre a escola e a família. Neste caderno ficam registradas pelo educando, semanalmente, as principais aprendizagens da sessão-escola e da sessão-família. O monitor responsável e os pais também fazem observações no caderno sobre o estudante, na sessão-escola e sessão-família, respectivamente. A cada cinco sessões – um bimestre - é feito pelo estudante, família e monitor um registro avaliativo do processo educativo;

**3.3) Plano de Estudo** – é a atividade de pesquisa que parte do tema gerador. É elaborado pelos estudantes, orientado pelos monitores na sessão escola e realizado junto à família, à comunidade, ao trabalho ou à organização social, na sessão-família. Retornando à escola, é ponto de partida para as aulas e, de forma transversal, perpassa as outras atividades da sessão-escola, concluindo com a atividade de retorno;

**3.4) Projeto Profissional de Vida** – a partir da formação vivenciada na escola, o estudante concluinte da 8º série do Curso de Ensino Fundamental, deverá sistematizar um projeto para orientação de sua vida futura. É a sistematização do sonho dentro das possibilidades reais em que está vivendo. Ao término do Curso de Educação Profissional, o (a) estudante deverá apresentar um Projeto Profissional que demonstre o conhecimento técnico, as habilidades de

elaboração de texto, bem como a sua pré-disposição em iniciar um trabalho que favoreça economicamente a sua permanência ou não no campo, com a perspectiva de uma vida melhor.

**3.5) Caderno didático** – é o material de consulta dos estudantes, resultado do estudo de alguns temas considerados importantes para escola, com uma estrutura que traz conhecimentos científicos e espaços para colagens, desenhos ou questões que reúnam os saberes já conhecidos pelos educandos e pelas famílias. Esse instrumento, nesta escola, é sistematizado pelos estudantes das últimas séries, orientados e revisados pelos monitores.

**3.6) Folha de Observação** – são interrogações relacionadas com os temas de estudos, formuladas pelos (as) monitor (as), respondidas e sistematizadas pelos (as) estudantes. A mesma tem o objetivo de complementar, ampliar e aprofundar os conhecimentos que foram insuficientemente refletidos no plano de estudo;

**4) Ações Organizacionais do processo** – são atividades realizadas pelos monitores, com a participação de estudantes, das famílias, da associação e de outros colaboradores, que contribuem para a organização das outras ações. Totalizando dez atividades: tema gerador, avaliação do processo de aprendizagem, formação das famílias, plano de aprendizagem, reunião pedagógica e administrativa, responsável do dia, plano de formação, conselho de classe, contribuição das famílias, coordenador da semana.

**4.1) Tema Gerador** – estudantes, monitores, famílias e outros colaboradores, definem temas para estudo durante o ano letivo. Os mesmos serão pesquisados junto às comunidades, relacionados com os conteúdos de forma interdisciplinar, aprofundados e sistematizados pelos estudantes.

**4.2) Avaliação Formativa** – as atividades de avaliação das turmas, tem o caráter de orientar o processo educativo e não de determinar quem sabe e quem não sabe. A escola trabalha com a meta de 100% de aprovação e luta com todos os esforços para que isso aconteça, por meio do próprio grupo, dos monitores, da família e outros profissionais parceiros, utilizando os instrumentos pedagógicos como suporte para formação integral do educando;

**4.3) Formação das Famílias** – as famílias, responsáveis na formação dos jovens, participam, durante o ano, de quatro encontros de formação na escola. Em cada encontro de 16 horas, é trabalhado um tema central (ou mais de um tema), são também debatidos os problemas da escola, há comemorações festivas com espaço de cultura e lazer. Os assuntos são sugeridos pela própria comunidade escolar. Além destas, participam estudantes, na condição de representantes das turmas, assessores, pessoas convidadas e o grupo de monitores;

**4.4) Plano de Aprendizagem** – é a ficha em que o monitor registra o planejamento das aulas por sessão. O mesmo contém: tema gerador, conhecimento a ser construído, objetivos, atividades/escola, atividades/comunidade, como desenvolvê-las, avaliação, orientações bibliográficas, turma, disciplina e data.

**4.5) Reunião Pedagógica e Administrativa** – semanalmente, a equipe de monitores se reúne para decidir sobre as questões administrativas, estudos e socialização das atividades pedagógicas. Sempre que necessário, participam estudantes, representante da associação de apoio à escola, famílias e outros parceiros;

**4.6) Responsável do Dia** – a equipe de monitores se reveza, diariamente, na administração da escola. No início do ano letivo fica determinado o profissional e o dia em que vai responder internamente pela escola, junto aos estudantes, aos colegas e aos visitantes;

**4.7) Plano de Formação** – é a sistematização do programa anual de aprendizagem, contendo: os temas geradores, as atividades do internato, os conteúdos das disciplinas curriculares e as ações dos instrumentos pedagógicos da sessão-escola e, também, as atividades da ação comunitária – os instrumentos pedagógicos aplicados na sessão-família;

**4.8) Conselho de Classe** – é o momento avaliativo de todo o processo educativo que envolve os estudantes, a família, a comunidade, os monitores, a estrutura da escola e a proposta pedagógica. É realizada com a presença dos estudantes e monitores de cada turma, e, se necessário, convidados, onde todos têm direito de fazer críticas e sugerir mudanças. Os resultados finais do conselho são utilizados como orientação administrativa/pedagógica da escola;

**4.9) Contribuição das Famílias** – as famílias são educadoras, gestoras e responsáveis pelo projeto da escola. A contribuição se dá por meio de doações de alimentos, matéria-prima para as construções, terra para roças comunitárias, trabalhos voluntários e pela participação nos instrumentos pedagógicos junto aos filhos e em outras atividades da escola;

**4.10) Coordenador da Semana** - a cada sessão-escola é escolhido, pelo grupo, um (a) estudante para ser o coordenado (a) da semana. O mesmo faz a ligação entre estudantes e monitor responsável do dia, controla o horário, resolve pequenos problemas, coordena material de limpeza e esportivo, entre outras. O objetivo é favorecer a formação de lideranças e a auto-organização dos estudantes.

**4.11) Semana da Cultura** – na última sessão de cada semestre juntam-se os dois grupos de estudantes que se alternam. Com o objetivo de integração, trocas de experiências e realização de atividades conjuntas, neste período, são feitas mostras de aprendizagens dos estudantes nas diversas áreas do conhecimento, oficinas, palestras, jogos, atividades de cultura, passeios, entre outras. As atividades são propostas pelos estudantes e muitos são os parceiros que colaboram para sua realização.

**4.12) Datas Comemorativas** – o calendário próprio das datas, com temas relacionados com o campo, educação e cidadania são trabalhados pelos monitores, com a participação de pessoas convidadas que buscam a reflexão junto aos estudantes.

**4.13) OLIMPEFA** – Olimpíadas da Escola Família Agrícola – são jogos estudantis da escola, que acontecem em comemoração ao dia do estudante. Todas as turmas se juntam por três dias e disputam, aproximadamente, trinta modalidades desportivas e culturais - desde atividades simples do campo, como a prova de tocar o berrante e o jogo de palito, até as principais modalidades olímpicas, como o salto em distância, em altura, a maratona, o futebol, etc. Há ainda atividades artísticas e culturais -.

**4.14)-Assembléia da Associação** – quatro vezes por ano, a Associação realiza a assembléia geral, com a participação de pais, estudantes, monitores, demais funcionários e parceiros

convidados. Nesta assembléia é discutida a escola em todos os seus aspectos, quando são aprovados projetos, planos, prestação de contas, etc.

**4.15)- Jornada Pedagógica** – no início de cada semestre os monitores se reúnem para avaliar e planejar as atividades pedagógicas da escola. São consideradas as avaliações feitas anteriormente pelas famílias e pelos estudantes. Há sempre a contribuição de parceiros especialistas.

### **A Estrutura Curricular**

Para atender a dinâmica do internato e a ação comunitária, o Plano de Formação procura focar três áreas que se relacionam com as dimensões da pessoa humana:

**1) área intelectual** – como centro da estrutura, pois é o intelecto que rege conscientemente a vida da pessoa, sustentando as áreas afetivas e sócio-econômicas;

**2) área afetiva** – mediante o conhecimento e a inteligência se deve chegar à compreensão e à apropriação dos valores, dos sentimentos, das crenças, da estima à própria cultura e da valorização das raízes que alimentam a identidade;

**3) área sócio-econômica** – o desenvolvimento intelectual serve de base para o aprendizado ocupacional e das relações sociais, que impulsionam o educando para o trabalho eficiente que melhora sua qualidade de vida.

A matriz curricular da Escola Família Agrícola está adaptada às necessidades das famílias agricultoras da região e às exigências das normas vigentes.

O Ensino Fundamental contém as disciplinas da Base Nacional Comum e uma parte diversificada própria relacionada com a cidadania e o preparo para o trabalho (Educação Familiar, Relações Comunitárias, Agricultura, Zootecnia e Práticas Alternativas).

O Ensino Médio, também, segue a Base Nacional Comum e tem como parte diversificada (Agricultura, Zootecnia e Práticas Alternativas).

O Curso Profissional trabalha com as disciplinas da área técnica em agropecuária e procura atender ao projeto de desenvolvimento sustentável e solidário, baseado na agricultura familiar.

A Escola Família Agrícola, para atender os jovens do campo, trabalha com cinco áreas básicas do conhecimento: Línguas, Ciências Exatas, Ciências Naturais, Ciências Humanas e Ciências Agrárias.

**O estudo de Línguas** – constitui-se no eixo do programa por ser o meio de comunicação do pensamento, que permite a interação e a difusão das idéias, o processamento da informação e a capacidade de seguir aprendendo. Quando se tem bom domínio da língua se pode aprender através de qualquer meio de comunicação;

**As Ciências Exatas** - os conteúdos se relacionam com princípios básicos de quantificação e processamento de quantidade. Seu estudo contribui para o desenvolvimento do raciocínio, do pensamento lógico e da capacidade de análise, o qual permite à pessoa a compreensão e a solução dos problemas referentes, não só aos temas de estudo, mas também às situações de vida diária;

**As Ciências Naturais** – enquanto área do conhecimento, que interpreta e explica os fenômenos da natureza, constitui-se instrumental de intervenção e modificação do mundo.

De acordo com (Soncini, 1991, p. 22), “Questões hoje polêmicas como as que dizem respeito ao impacto ambiental, uso de inseticidas na agricultura, erradicação de moléstias, utilização de aditivos alimentares, desmatamento, biotecnologia e tantas outras, só podem ser julgadas e devidamente encaminhadas, se tivermos conhecimento sobre o modo como a natureza se comporta e como a vida se processa”.

**As Ciências Humanas** – adquire-se os conhecimentos fundamentais sobre as relações humanas e o ambiente social. Estimula-se o conhecimento de si mesmo e de suas responsabilidades, para que se possa desempenhar da melhor forma possível, nos diferentes grupos em que se participa;

**As Ciências Agrárias** – estuda os conteúdos básicos e tecnologias alternativas relacionadas com o processo produtivo do campo, prepara para o trabalho e busca aprimorar as atividades da agricultura familiar, pois este é um setor estratégico para a manutenção e recuperação do meio ambiente, para criação de empregos, para a redistribuição da renda, para a garantia da soberania alimentar do país e para a construção do desenvolvimento sustentável solidário.

### **O Método na Pedagogia da Alternância**

A Pedagogia da Alternância, por sua dinâmica de internato (sessão-escola) e ação comunitária (sessão família) encontra na pesquisa, que é fundamentalmente o aprender a aprender, um dos principais meios para atingir os objetivos propostos.

Ponto em que muitos autores brasileiros concordam. Para Moacir Gadotti, (1998, p.17), “o aluno aprende apenas quando se torna sujeito de sua aprendizagem e, para ele se tornar sujeito da sua aprendizagem precisa participar das decisões que dizem respeito ao projeto da escola, que faz parte também do projeto de vida. Passamos muito tempo na escola para sermos meros clientes dela. Não há educação e aprendizagem sem sujeito da educação e da aprendizagem. A participação pertence à própria natureza do ato pedagógico”.

Paulo Freire (1998, p.24), afirma que “o conhecimento escolar nasce como resposta às necessidades e desejos”.

Pedro Demo (1996, p. 28), conclui que “a verdadeira aprendizagem é aquela construída com o esforço pessoal próprio, através da elaboração pessoal”.

O modelo de construção e reconstrução do conhecimento feito pelos estudantes, que propõe esta escola, está baseado na pesquisa orientada pelo monitor (a). Este é, sobretudo, um motivador, um

pesquisador, um formulador e um orientador de atividades dirigidas, colocando o estudante diante de situações - problemas, indicando o material a ser pesquisado, contribuindo com o debate e fomentando dúvidas no momento de socialização feita pelo estudante, a partir do conhecimento construído. Resumindo, o monitor (a) é alguém a serviço da emancipação do educando (a).

O estudante, como sujeito da ação de sua aprendizagem, utilizará sua bagagem cultural, os dados pesquisados na comunidade camponesa, as informações científicas acumuladas pela humanidade e os resultados das problematizações entre educandos (as) e monitor (a) da disciplina em sala de aula, para a produção do conhecimento e de novas idéias referentes ao tema estudado.

As leituras, as pesquisas bibliográficas e de campo, a sistematização, os recursos audiovisuais, as atividades em pequenos grupos, as exposições, os debates, os instrumentos da Pedagogia da Alternância e a participação das famílias, entre outras, são recursos metodológicos utilizados, que buscam também, recuperar no educando (a) a sua vontade de estudar, elevar a sua auto-estima, alimentar seus desejos e necessidades de aprender, visualizar perspectivas de futuro e animar na esperança de uma situação social mais justa, menos perversa, onde todos possam viver com dignidade.

Com o objetivo de utilizar práticas voltadas para agricultura familiar, com foco no Projeto de Desenvolvimento Sustentável e Solidário, a escola trabalha com projetos técnicos de estudo, que são atividades demonstrativas com plantas e animais, como horticultura, fruticultura, jardinagem, viveiro de espécies nativas, pastagens, culturas, reciclagem, adubação orgânica, adubação verde, minhocultura, apicultura, suinocultura, avicultura, bovinocultura, frutos de cerrado, pomar, entre outros.

A escola investe, também, na participação de estudantes e monitores em encontros, seminários e congressos que tenham como enfoque a agricultura familiar, a educação do campo, o desenvolvimento sustentável e outras atividades pertinentes aos seus objetivos. A comunidade escolar participa de cursos de formação permanente e outros encontros organizados pela associação regional- AEFACOT -, e nacional das Escolas Famílias Agrícolas –UNEFAB-

### **1.3- A Juventude Rural de Porto Nacional – TO:**

No espaço agrário de Porto Nacional residem 6225 pessoas aproximadamente (IBGE, 2000), cerca de 13,84% da população do município. Esse número aumenta, se considerarmos as pessoas que residem na cidade, e que vivem maior parte do tempo no campo, trabalhando como meeiros, parceiros, diaristas, etc.

Parte desta população é de jovens que têm em comum, entre outros pontos: a infância ceifada pelo trabalho na lavoura, uma formação escolar inicial que deixa a desejar, poucos espaços para o lazer e uma situação econômica muito baixa. E de positivo, tem como produto da cultura tradicional local: uma relação de respeito e obediência à família, o conhecimento da lida no ambiente agrário, uma forma simples de ser, uma relação de convivência respeitosa, de escuta e de amizade com as outras pessoas.

As famílias camponesas destes jovens vivem em pequenas propriedades, em média com 48 hectares, trabalham essencialmente com agricultura de subsistência – produção de arroz, milho, mandioca, feijão e outros para a sua alimentação e encontram muitas dificuldades para melhorar suas condições de vida.

As famílias, na sua maioria são de analfabetos ou semi-escolarizados - que sabem apenas desenhar o seu próprio nome -, com 1 a 2 anos de escolarização. De acordo com o IBGE 2000, 44% da população brasileira, tem no máximo três anos de escolaridade e convivemos com 24 milhões de analfabetos absolutos acima de 15 anos de idade. Destaque negativo: 32,7% da população rural são analfabetos absolutos.

Além da dificuldade natural pela falta de escolarização, essas famílias têm sérios problemas como: terras com baixa fertilidade para as culturas tradicionais, escassez de água, pouco conhecimento técnico para ampliar suas atividades e utilizar as inovações tecnológicas, deficiência na organização comunitária para resolver os seus problemas e dependência externa para as questões produtivas, entre outras. Essa situação tem gerado desânimo nos jovens com relação a continuar vivendo no campo.

Neste sentido, (Oliveira, 1997, p.60), diz: “Dessa forma, as crianças são iniciadas como personagens da decisão social do trabalho no interior da unidade produtiva do camponês. Ao atingirem os 12 ou 14 anos, passam a desempenhar tarefas dos adultos, desenvolvendo dentro da unidade familiar o trabalho acessório. Nesse momento desencadeia-se a contradição no seio da unidade familiar; o jovem precisa continuar na propriedade, pois é parte integrante da força do trabalho familiar; e permanecendo, garante a reprodução social do processo de trabalho camponês. No entanto, com o aumento da família, a migração é inevitável.”

Nos últimos anos com o advento da energia elétrica nas propriedades rurais, algumas tecnologias, e principalmente a televisão, passa a fazer parte do cotidiano desse jovem, influenciando na cultura local. Outras trazem também, possibilidades de conforto e de geração de renda a partir de atividades produtivas.

Para muitos, a cidade e a sociedade de consumo, é o admirável mundo novo – espaço para juventude – com lazer, modas, comércio, entre outros. O problema é que lhes faltam renda para compra e viver nessa mesma sociedade que estimula o consumo, mas nega um trabalho com renda digna. Isso tem levado muitos jovens citadinos e camponeses a atividades marginais, pois se revoltam com o luxo de poucos e a miséria de muitos à qual estão submetidos.

Essa sociedade prega que a juventude é a aceleração do tempo, é o momento, tudo é agora. É o curtir, é o tudo pode, tudo quero, tudo posso. Portanto, arrumo dinheiro, compro, transo, fico, fumo, bebo, uso. A apresentação deste modelo de juventude da sociedade de consumo é muito atraente, fácil e nela se vive com pouco esforço. Basta comprar. Mas também é fluída, não sustentável e tem contribuído para a geração de graves problemas sociais, que envolvem principalmente a juventude.

Nem mesmo os jovens camponeses escampam das tentações acima descritas. E, é nesta encruzilhada de formar cidadão e cidadã, ou de viver o agora como se fosse o fim, que se encontra a instituição escolar e a juventude atual. O que fazer? Como fazer? Com quem fazer? Por que fazer? Essas são questões do momento que necessitam de respostas.

“A escola em geral contribui para aguçar esse processo no interior da produção camponesa, pois ela tem preparado o jovem pra o trabalho assalariado na cidade. Esse jovem, que só possui como qualificação a força de trabalho, é um expropriado. Em relação ao trabalho, esse jovem contribui para economia familiar, mas não é trabalhador remunerado. No caso dos filhos de agricultores com pequena propriedade, eles alternam as atividades não remuneradas na propriedade da família com atividades remuneradas na propriedade de outros.” (Oliveira, 1997, p.60),

Esses jovens necessitam de formação técnica para melhorar a produção na propriedade, no sentido de gerar renda para atender às suas necessidades básicas e as de seus familiares. Diante dessas dificuldades muitos migram para a cidade tornando-se, não raro, trabalhadores rurais esporádicos, principalmente no período da colheita.

“Os jovens, procedentes de unidade de produção familiar contribuem para a economia familiar, mas constituem-se em trabalhadores não remunerados ou sub-remunerados. No caso dos filhos de agricultores com pouca terra, a sua contribuição econômica se dá através da sua participação, alternando entre atividades não remuneradas dentro da propriedade e atividades remuneradas fora dela. Geralmente, conforme aumenta a idade sua função econômica fundamental será a de complementar a renda familiar com aportes monetários provenientes de atividades desenvolvidas fora do estabelecimento.” (Deser, 1999, p. 1)

A escola local poderia ser a promotora do desenvolvimento desses jovens, que com outras políticas públicas poderiam assegurar às comunidades do campo o desenvolvimento sustentável que faz parte dos discursos políticos do momento.

### **Conclusão:**

A situação histórica a que a classe trabalhadora brasileira foi submetida desde 1500, gerou um problema social grave – a pobreza. E não só, a pobreza material, mas a pobreza política, a pobreza de pensar, a pobreza de espírito, a pobreza da acomodação, e outras. A situação de subdesenvolvidos em que nos encontramos, revela essas pobreza do nosso povo, pois somos a décima economia do mundo em relação ao PIB e 73º no ranking do Índice de Desenvolvimento

Humano. O país será desenvolvido quando houver investimentos significativos na formação do seu povo.

O município de Porto Nacional, bem como, o Estado do Tocantins, têm sua base econômica na agropecuária, por isso, as políticas públicas de desenvolvimento dessa região devem levar em conta o campo, principalmente, a agricultura familiar no sentido de potencializá-la para a utilização das novas tecnologias, o uso racional do espaço agrário, e o aproveitamento das diversas potencialidades que ainda existem, de tal forma, que as populações camponesas possam entrar na cadeia produtiva e melhorar suas condições de vida.

Qualquer projeto de desenvolvimento regional nos dias de hoje, tem que levar em consideração a participação das pessoas envolvidas. Para isso, há a necessidade da formação de pessoas das comunidades, que ficaram aleijadas do processo até o momento, no sentido da participação ativa para a resolução dos seus problemas. Portanto, a educação rural deve ir além do repasse e transmissão de conteúdos, e possibilitar aos estudantes o exercício da cidadania além de contribuir para a formação de pessoas com competências para serem protagonistas do desenvolvimento local.

O modelo de educação do campo proposto pela Escola Família Agrícola, onde o estudante é estimulado a ser sujeito da sua aprendizagem, que articula múltiplos espaços, tempos e pessoas para a formação integral deste estudante e o desenvolvimento do seu meio, hoje passa a ser uma alternativa concreta para o desenvolvimento local.

A Pedagogia da Alternância que constitui um dos pilares das Escolas Famílias Agrícolas possibilita ao estudante, às famílias, aos monitores e a outras pessoas da comunidade exercitarem a sua cidadania, através da participação nas diversas atividades pedagógicas da escola, que levam à atividades práticas na comunidade local,

A juventude rural de Porto Nacional e região têm a oportunidade de acesso a este modelo de educação proposto pela Escola Família Agrícola, que procura investir esforços na construção do

seu projeto profissional de vida, levando em conta o meio em que vive, recriando condições de fazer do campo um lugar melhor de se viver.

Neste processo, cabe ao jovem, compreender que ele (a) é a vítima de um sistema que visa o lucro, e que se atuar como sujeito do seu destino, poderá conscientemente escolher o melhor caminho para viver. Para a família, continua a obrigação de cuidar, animar, lutar para melhorar essa realidade, compreender, e ser na pior das hipóteses, o porto seguro para o (a) jovem. A escola deve trabalhar na busca do paradigma emergente, preocupando-se com a formação integral do jovem, a partir da reflexão da sua realidade, contribuindo assim, para o desenvolvimento do seu meio.

São necessárias ainda, políticas sociais que venham de encontro com a emancipação das populações camponesas, que estimulem as pessoas a passarem de pedintes para sujeitos de seus direitos. É preciso a reconstrução de um novo homem e de uma nova mulher. Ainda há tempo para a juventude que necessita apenas de oportunidades. E a escola deve contribuir.

Para finalizar, remeto ao próximo capítulo, onde trabalho teoricamente os temas participação social, desenvolvimento humano e desenvolvimento sustentável, na perspectiva do paradigma emergente buscando compreender as atividades da juventude da zona rural.

## CAPÍTULO II – DESENVOLVIMENTO E PARTICIPAÇÃO SOCIAL

### Introdução:

*“Em seu extremo, há de se dizer que um país será desenvolvido quanto mais desenvolvidos forem seus recursos humanos”.*

*C. G. Langoni.*

O modelo de desenvolvimento do atual sistema capitalista, que priorizou o crescimento econômico em detrimento das questões sociais e ambientais, encontra-se diante do caos com bilhões de seres humanos em situações deploráveis de vida e o meio ambiente nos limites da sua capacidade de suporte.

Os problemas sociais do momento como guerra, miséria, doenças endêmicas, fome, desemprego, drogas, violência, discriminação e racismo, tortura, refugiados, desaparecidos, terrorismo, entre outros, e também, as questões ambientais de desmatamento, desertificação, poluição, chuva ácida, efeito estufa, camada de ozônio, escassez de água, etc. denunciam os efeitos prejudiciais deste modelo de desenvolvimento.

É urgente, a necessidade de mudanças no estilo de vida das pessoas, nos aspectos de comportamento, consumo, valores, hábitos, etc, que só será possível, com uma reforma na mentalidade, uma revolução do pensamento, que resultem em práticas saudáveis de vida, que viabilizem a construção de uma sociedade sustentável.

Essas mudanças necessitam de investimentos no desenvolvimento humano. As pessoas devem ser reeducadas para atuar em outra perspectiva de relação saudável com a natureza, principalmente com as outras pessoas. Os seres humanos precisam ser sensibilizados para uma outra forma de vida, além dessa do consumo e do lucro, onde o ser tenha prioridade sobre o ter. Uma vida em que a Terra seja cuidada como a nossa casa e as pessoas sintam-se irmãos de um

mesmo lar, onde o diálogo e o cuidado sejam os princípios fundamentais da vida, onde o coletivo seja mais importante que o individual e que aconteça com a participação de todos.

Este capítulo aprofunda teoricamente os temas participação social, desenvolvimento humano e desenvolvimento sustentável, como elementos importantes nas mudanças necessárias para uma vida digna de toda a população do planeta Terra.

A participação social é tratada no viés do exercício da cidadania, da promoção coletiva e de uma estratégia para o desenvolvimento humano.

O desenvolvimento humano é visto como a capacidade de ser sujeito do seu destino no fazer e no aproveitar as oportunidades do meio circundante.

Finalizando, é trabalhado o desenvolvimento sustentável com enfoque no rural, apresentando as potencialidades e desafios de sua implantação diante do atual modelo de desenvolvimento.

## **2.1- A Participação Social:**

Os seres humanos em todas as civilizações procuram viver em grupos – é a espécie humana como um ser social; os agrupamentos de pessoas inevitavelmente levaram de alguma forma à organização do grupo – é a espécie humana como um ser político; e neste processo histórico, o ser humano cria e recria sua forma de vida. É a espécie humana como ser inteligente, de cultura e inacabado. Portanto, as discussões sobre temas, como poder, organização civil, desigualdades sociais, divisão de classe, democracia e cidadania, estiveram sempre presentes nas teias da rede da histórica organização da sociedade, com maior ou menor intensidade de participação social.

A participação social pode ser entendida com uma estratégia da sociedade civil para atuar no controle do poder do estado, na vigilância da democracia e na prática do exercício da cidadania,. “participação é a conquista da autopromoção.” (Demo, 2001. p. 18)

Às sociedades ditas democráticas do mundo contemporâneo, necessitam cada vez mais da organização da sociedade civil para que a democracia possa haver de fato. Essa organização vem sendo feita com a participação das pessoas interessadas nos diversos coletivos - sindical, partidário, comunitário, racial, étnico, ecológico, produtivo, entre outros. Essas sociedades estão cada vez mais dinâmicas e necessitam de pessoas ativas que possam atuar da melhor forma possível para que as mesmas possam ser melhores.

“Os processos de modernização induzem uma nova associatividade assumida em termos voluntários através de organizações com propósitos muito bem definidos. A organização é um meio para fortalecer as debilidades e as limitações humanas. A sociedade moderna é uma sociedade de organizações. Neste sentido os processos educativos podem incorporar transversalmente valores solidários e estímulos associativos que criem atitudes favoráveis a organizações e à participação (...).” (Ortega, in: AIMFR, 2000, p.34),

As desigualdades sociais fazem do estado, uma disputa por interesses de grupos e se não há participação da sociedade, principalmente das camadas populares, no sentido de controle do poder, tendem a aumentar a corrupção, o abuso de poder, as carências de políticas públicas para os menos favorecidos, o aumento de privilégios do grupo dominante, o que é contrário ao processo democrático. Para isso, necessita-se de sujeitos sociais com competências formais e políticas para organizar a sociedade que deve delegar ao estado o fazer das políticas públicas. Esse processo é tão complexo quanto necessário neste momento da história. E o desafio é possibilitar que o povo adquira as competências para participar das decisões que lhe diz respeito junto ao estado.

As classes populares necessitam compreender, que a concentração da renda e da terra no Brasil, vem sendo historicamente trabalhada pelas elites, através do poder político que a controla. A miséria em que se encontra a maioria da população é fabricada e os miseráveis devem tomar consciência desse processo, para que se comportem como sujeitos sociais e se organizem com o objetivo de reivindicar do estado o compromisso de trabalhar a serviço da sociedade, como regulador das desigualdades sociais, e não ao contrário, a bel prazer de um pequeno grupo. Isso somente será possível, se os empobrecidos ocuparem os espaços de poder, que têm início na

comunidade local, passam pelo movimento popular reivindicatório até chegar no parlamento dos poderes constituídos.

Para W. F. Thomas, citado por René Barbier, “O individuo age em função do ambiente circundante que ele percebe, da situação na qual ele se encontra. Ele define cada situação particular por meio de atividades prévias que o informam e permitam interpretar a situação. A situação depende, portanto, da ordem social e da história pessoal do sujeito”. ( Barbier, 2001, p.92)

Então, a participação social passa a ser uma necessidade básica para a consolidação das sociedades democráticas. Como também, é um indicador que apresenta o grau do exercício de cidadania de um determinado grupo.

Moacir Gadotti define cidadania como “essencialmente a consciência de direitos e deveres no exercício da democracia. Não há cidadania sem democracia. A democracia fundamenta-se em três direitos: 1) direitos civis – como segurança e locomoção; 2) direitos sociais – como trabalho, salário justo, saúde, educação, habitação, etc; 3) direitos políticos – como liberdade de expressão, de voto, de participação em partidos políticos, sindicatos, etc.” (Gadotti, 1998, p.20).

Para Pedro Demo “Assim do ponto de vista do eixo político da política social, o primeiro desafio será como motivar a organização comunitária, entendida tanto como aglutinação de interesses, como de espaços; a meta parece clara: é preciso, chegarmos a um tipo de sociedade, marcada pela constituição democrática, tão bem tecida em suas malhas associativas, que a própria democracia se torne oxigênio diário e seja capaz, de reagir às intervenções centralistas e autoritárias. Passar de objeto de manipulação, para sujeito de seu próprio destino. Instaurar o estado de direito, contra o estado de impunidade, de exceção, de privilégio. Institucionalizar o controle do poder de baixo para cima, de tal sorte que o Estado sirva à sociedade, não o contrário. Garantir um nível mínimo de direitos iguais, abaixo do qual instalam-se a selvageria e a violência incontrolável. Consolidar a cidadania organizada, aquela competente em sua estratégia democrática de defesa dos interesses”. (Demo, 2001, pp.33-34)

Há necessidade também, em qualquer coletivo que seja, de resolver democraticamente os problemas internos ou locais. E a participação dos envolvidos é de suma importância para a eficácia da solução, ou no mínimo, para a compreensão real da situação.

Uma situação problema: Como fazer a melhoria da qualidade de ensino de uma escola da comunidade rural? Deve ser resolvida com a participação dessa comunidade, pois muitos dos elementos, necessários para solução dos problemas podem estar dentro da própria comunidade. Às vezes, por entender que a solução dos problemas é externo, não se busca alternativas internas e um problema se arrasta por longo tempo.

E a simples participação dos envolvidos já é um aprendizado, é um exercício da cidadania, é sair do imobilismo ao qual foram submetidos e passar à situação de sujeito. Essa lição, por si só, tem um valor importante no processo democrático.

Para Pedro Demo “Assim como é necessária a organização do cidadão, para se opor à tendência exploradora do capital, seria necessária a organização do cidadão, para contrapor a tendência discriminatória do Estado.” (Demo, 2001, p.31)

A formação das pessoas das comunidades com vistas à participação, passa a ser uma estratégia para o desenvolvimento humano das mesmas, para o combate à pobreza e a todas as suas mazelas e, para a garantia do desenvolvimento sustentável local. O grande desafio da escola do campo é fazer que jovens rurais, até então distantes das discussões dos seus problemas, que são amenizados em forma de assistencialismo por parte do estado ou de grupos interessados, passem a ser ativos, participativos.

O que fazer com famílias que atingiram níveis sociais deploráveis, sem consciência dessa situação, e sem possibilidade de reverter o processo? O que fazer como uma comunidade não organizada ou que foi organizada para a submissão e que não tem condições para defender seus interesses junto ao grupo dominante?

A participação social é um ato político, um espaço coletivo de trocas, de solidariedade, de aprendizagens, de conquistas, de desenvolvimento pessoal e de exercício de cidadania. É uma alternativa de resposta a situação de pobreza política, em que se encontra a maioria da população brasileira.

Para Boff “cidadania é o processo histórico – social mediante o qual a massa humana consegue forjar condições de consciência, de organização e de elaboração de um projeto que lhe permite deixar de ser massa e passe a ser povo, como sujeitos históricos capazes de implementar o projeto elaborado. O grande desafio histórico da educação é certamente esse: como fazer das massas manipuláveis um povo brasileiro consciente e organizado?” (Boff, 1996, p. 4)

Trabalhar uma formação para a participação é um imperativo para as sociedades democráticas. Para isso os espaços formativos devem trabalhar com estratégias educacionais ativas, onde o educando seja sujeito do seu aprendizado. No sentido de participar das tomadas de decisões e de responsabilizar-se por algumas atividades do processo pedagógico da escola.

Para Sader, no prefácio do livro de Linhares, “Uma sociedade democrática hoje é uma sociedade do trabalho, aquela em que todos vivam do seu trabalho, tenham esse direito garantido e não explorem o trabalho alheio. Uma das condições de uma sociedade desse tipo é a educação universal e gratuita, isto é, o conhecimento nas mãos de todos, incluindo a todos os que a necessitam para se transformar em sujeitos de sua emancipação e viver uma vida em harmonia, em cooperação e em solidariedade com os outros homens. A superação da exploração, da dominação e da alienação supõe que tenhamos compreendido os nós, que articular hoje poder e saber e que saibamos como desarticulá-los, para engendrar um mundo em que os homens saibam, possam e vivam como seres donos do seu destino.” (Linhares, 1999, p.13)

Diante do consenso da formação escolar para o desenvolvimento pessoal, para participação e para democracia, são importantes os questionamentos de Linhares “Não basta concordar com a importância da escola e do conhecimento, mas, é preciso perguntar: que conhecimento? Para quê? Como ele foi produzido, apropriado e vem sendo processado na escola? Com que práticas sociais ele se articula e se reforça? Os circuitos do conhecimento abrem perguntas ou fecham o

pensamento? Alimentam curiosidades e instigam a invenção? Ou pelo contrário, promovem o conformismo e os processos de submissão?” (Linhares, 1999. p. 17).

Questões como essas poderão nos suscitar outras perguntas: qual o papel da escola nas sociedades democráticas? Qual o papel da escola na formação das cidadãs e dos cidadãos? Qual o compromisso social da escola? E até mesmo, quais são as outras possibilidades que temos com o conhecimento escolar?

Os conhecimentos elaborados na escola devem ser ferramentas nas mãos do povo, que potencialize a sua participação para compreender e transformar a sociedade a fim de fazer a sua própria história. Para aprender a participar ativamente na produção de uma cultura que caiba a todos, é fundamental incluir os sujeitos históricos – individuais e coletivos – nos processos de elaboração e apropriação dos conhecimentos.

A participação social deve ser trabalhada como um valor pessoal e institucional, como espaço de abertura e crescimento, solidariedade e politização, de aprendizagens e ensinamentos, de organização e de luta pelos direitos negados, de utopias e de práticas, de exemplos e de esperança, de desafios e possibilidades, de homens e mulheres que já se emanciparam e lutam pela emancipação de outros.

Que através do diálogo aprendam a aceitar o diferente, a diversidade, a conscientização, a alegria do conviver, o ser, o fazer, o aprender, o antecipar, e a lutar por dignidade de vida. E que, nesse esforço pessoal e coletivo, cada uma pessoa possa sentir em si própria, nos companheiros e companheiras das lutas, uma nova forma de pensar, de agir na resolução dos problemas, a independência do grupo, os resultados concretos da luta e possam acreditar mais em si e nesses companheiros (as).

## **2.2- Desenvolvimento Humano:**

Segundo Charles Hadji no seu livro *Pensar & Agir a Educação*, “o desenvolvimento é definido em um primeiro sentido concreto, como a ação de dar toda sua extensão .”. (Hadji, 2001, p. 29)

Pedro Demo, baseado no conceito da ONU, trabalha com a conceituação que “desenvolvimento é a capacidade de fazer e fazer-se oportunidade” (Demo, 2001, p. 15). Partindo desses conceitos podemos dizer que o desenvolvimento humano, em parte, é intrínseco à pessoa – “a ação de dar toda a sua extensão”, ou, “fazer-se oportunidade”, requer a pessoa como sujeito que seja doador ou que faça-se em oportunidade. Como também, requer como complemento oportunidades que devem ser oferecidas pelo o meio externo, “dar toda a sua extensão a” ou “fazer oportunidade”, então, a construção do desenvolvimento humano precisa da pessoa como sujeito capaz de aproveitar as oportunidades do meio circundante.

Neste sentido, Charles Hadji diz,“(…) cada um tem todas as chances de construir-se, mas também de destruir-se, ao longo do seu desenvolvimento. Cada desenvolvimento conserva sua parte de mistério, é isso, que torna possível decididamente, o milagre de uma educação bem sucedida, mas também a tragédia de uma educação falha. De uma para outra basta poder encontrar, (...) alguém que aposte em sua educabilidade”. (Hadji, 2001, p. 38).

Compreende-se aqui como “alguém que aposte”, a comunidade educativa, onde a pessoa aprende em diversos lugares, em diversos momentos com diversos formadores e o termo “educabilidade.” como o processo externo e interno da pessoa, que são exigidos no ato de aprender.

O termo desenvolvimento com o significado de fazer ou fazer-se oportunidade, possibilita também esse conceito “o desenvolvimento humano é o aproveitamento das oportunidades para a expansão da capacidade da pessoa, que alarga suas possibilidades de ser sujeito”. (Ambrósio, 2002). Outra vez o desenvolvimento requer o sujeito.

Então, fazer-se oportunidade é preparar-se politicamente de maneira formal e informal para atuar na sociedade contemporânea, com suas rápidas mudanças e incertezas. Compreendendo a educação como estratégia para o desenvolvimento humano, a escola terá que romper com o paradigma científico, que teima com a memorização e com as cópias, que vem atrapalhando a formação da pessoa autônoma, criativa, crítica, inovadora e ativa tão necessária para a atual sociedade dinâmica.

A ONU – Organização das Nações Unidas, trabalha com a avaliação do desenvolvimento social dos países utilizando o IDH – Índice de Desenvolvimento Humano, que tem como indicadores a educação, expectativa de vida e o poder de compra. O que nos possibilita dizer que o desenvolvimento humano está relacionado com o conhecimento adquirido, com a dignidade de vida e com a capacidade de suprimento das necessidades materiais.

Para Corragio “A importância da expectativa de vida está na crença compartilhada de que uma vida longa é valiosa em si mesma e no fato de que vários benefícios indiretos (tais como nutrição adequada e uma boa saúde) estão associados com uma alta expectativa de vida; (...) as cifras de alfabetização são apenas um reflexo grosseiro do acesso à educação, particularmente à educação de boa qualidade, tão necessária para a vida produtiva na sociedade moderna. Porém, a leitura – escrita é o primeiro passo de uma pessoa na aprendizagem e na construção do conhecimento, além do que essas cifras são essenciais em qualquer medição de desenvolvimento humano. Num conjunto mais variado de indicadores deveria dar-se importância também ao produto dos níveis mais altos de educação. Mais, para o desenvolvimento humano básico, a alfabetização merece uma clara ênfase”. (Corragio, 1997, p. 49).

“(...) O terceiro componente do desenvolvimento humano – o comando sobre os recursos necessários para uma vida decente – é, talvez, o mais difícil de medir de maneira simples. Requer dado sobre acesso à terra, ao crédito, à renda e a outros recursos... Devemos por hora fazer o melhor uso de um indicador de renda. A isto, tentou-se incorporar uma medição simples dos muitos aspectos da liberdade humana – tais como eleições, sistemas políticos multipartidários, imprensa sem censura, respeito aos princípios da lei, garantia de livre expressão, segurança pessoal... Mas tal tentativa foi suspensa por enquanto”. (ib., p. 49).

Aspectos como condições ambientais, participação social, saneamento básico, produção de alimentos limpos, condições de trabalho, relações interpessoais, se não fossem a dificuldade de medição seriam interessantes indicadores. Mas de certa forma, podem estar contemplados na

expectativa de vida, pois a qualidade de vida de uma pessoa depende também, dos grupos humanos e do meio ambiente onde ele vive.

Neste caso, a educação se torna um importante elo de ligação para garantir vida saudável e renda, que determina o desenvolvimento humano. Com o conhecimento a pessoa compreenderá melhor o mundo, os outros e a si mesma. Poderá fazer escolhas conscientes, intervir para evitar ou resolver situações problemas no seu meio. A ignorância, ao contrário, contribui para a alienação e dificulta a compreensão e resolução dos problemas tanto em nível pessoal como coletivo.

O Brasil, a décima economia do mundo, devido à precariedade educacional, (o alto índice de analfabetos absolutos em torno de 24 milhões de pessoas, que corresponde a aproximadamente 14% da população brasileira, o baixo tempo de escolaridade - 44% da população tem em média três anos de período escolar), (IBGE, 2000), acompanhado de um baixo salário, que por sua vez, baixa a expectativa de vida das pessoas, amarga a 73ª posição no ranking mundial do desenvolvimento humano, e tem uma “brutal concentração de renda índice Geni 0,6,” (Demo1997, p.20).

Esses dados que são média nacional, quando transportados para as regiões camponesas tendem a crescer. A falta de oportunidade na zona rural chega a ser um absurdo. As condições de vida em algumas regiões são subumanas. Não lhes negaram somente condições de ter recursos financeiros, mas também, os conhecimentos formais, conseguiram deixar com baixa auto-estima, com poucas competências para se organizarem e participarem politicamente, para compreenderem as novas tecnologias e serem donos dos seus próprios destinos.

O subdesenvolvimento de algumas regiões e localidades do Brasil, principalmente das áreas camponesas, está diretamente relacionado com a negação de oportunidades, causada pela carência histórica de políticas públicas, que tem como resultado o imobilismo das pessoas, a falta de iniciativa local. Reverter esse quadro implica em investimentos na formação de recursos humanos locais, na possibilidade de capacitar pessoas, de aproveitar o potencial humano e as riquezas naturais do local, no sentido de se propiciar o desenvolvimento dessas comunidades.

Como criar e recriar possibilidades de vida digna em situações tão pobres? Como fazer as mudanças necessárias que dependem de inovações, que precisam de atores, sujeitos com capacidade formal e política para construir sua história?

“A expressão desenvolvimento humano – tem a vantagem de situar o ser humano no centro do desenvolvimento. O conceito de desenvolvimento humano, cujos eixos centrais são “equidade” e “participação” está ainda em evolução, e se apõe a concepção neoliberal de desenvolvimento. Concebe a sociedade desenvolvida como uma sociedade equitativa, possível somente pela participação das pessoas” (Gadotti, 2000, p. 58).

O sistema capitalista em vigor fez opção pelo modelo de desenvolvimento que prioriza o econômico, visa o lucro, degrada o meio ambiente e aumenta o sofrimento humano da maioria excluída. E para isso, conseguiu construir uma sociedade consumista, predatória, egoísta, individualista, em que as pessoas têm hábitos, comportamentos, costumes, valores crenças, etc. não sustentáveis, que são denunciadas pela violência, fome, miséria, guerra, desemprego, lixo e outras. Então, a discussão de desenvolvimento humano só faz sentido em uma outra perspectiva de desenvolvimento, que seja sustentável.

As mudanças necessárias para a construção da sociedade sustentável, passa por uma educação sustentável, e como disse Freire ” mudar é difícil, mas é possível” (2000, p. 98). É preciso uma formação que “reforme o pensamento” (Morain). Ou talvez, é chegado o tempo que profetizou Antonio Nóvoa, in Gadotti “Já houve um tempo sem escolas e não sabemos se este tempo regressará, uma coisa é certa: tempos virão em que a sociedade necessitará de outras escolas” (Gadotti, 2000, p. 44).

Na era do conhecimento são várias as linhas de pensamento que nos levam a uma comunidade sustentável, “a Ecopedagogia” (Gutierrez & Prado), “o Paradigma da Complexidade” (Morain), “a Transdisciplinaridade” (Nicolescu), “a Teoria Tripolar da Formação” (Pineau), “o Saber Cuidar” (Boff), “a Biologia do Conhecer” (Maturana & Varela), “Inteligências Múltiplas” (Gardner), entre tantas outras, que nos levam a um mundo mais humano com uma relação saudável com as outras pessoas e com a nossa casa – a Terra.

Outra mudança significativa para o alcance da sociedade sustentável, que depende do desenvolvimento humano de seus atores é a construção da boa governança. Precisamos contribuir politicamente para termos governos com propostas políticas concretas que respeitem os princípios de um outro modelo de desenvolvimento, como os direitos humanos, liberdades fundamentais, participação comunitária, igualdades de direitos em gênero, raça, classe, as questões ambientais, políticas econômicas e sociais que amenizem as desigualdades sociais, a erradicação da pobreza, da fome, das doenças endêmicas e outros males que o atual modelo de desenvolvimento não conseguiu solucionar.

Neste aspecto, deve ser considerado desde a participação local de escolhas e fiscalização dos governos até as discussões mundiais, sobre a exploração dos países ricos do hemisfério norte que gera a miséria das nações pobres dos países do hemisfério sul.

E ainda, na busca das mudanças para o paradigma emergente, é essencial a participação da sociedade civil – ONG, Sindicato, Associação Comunitária, Associação de Classe, Conselhos, Movimentos Populares, e outros, no sentido de propor e reivindicar políticas públicas junto aos governantes. Como também, em atividades de base junto às populações, no sentido de sensibilizar as pessoas para o processo de libertação, autonomia, emancipação pessoal, como nas questões coletivas de organização, ecologia, solidariedade, justiça, processos produtivos e tantos outros.

Para Corragio “(...) as ONG’s e as organizações de auto-ajuda que, se supõe, provaram sua efetividade para capacitar as pessoas a ajudarem a si próprias, considera-se que deveriam ser parte integral de qualquer estratégia viável de desenvolvimento humano. No entanto, seu papel não seria de substituir os governos, mas agir de forma suplementar.” (Corragio, 1999, p. 53),

O novo modelo de sociedade sustentável, que está sendo construído, visível em tantas experiências em diversas localidades do mundo, necessita de investimentos na formação do patrimônio humano, de forma que aumentemos a ilimitada capacidade de pensar da humanidade em favor das possibilidades limitadas dos recursos naturais do planeta.

“O processo de ampliação do campo de escolhas das pessoas, aumentando suas oportunidades de educação, assistência médica, renda em emprego, cobrindo o espectro completo das escolhas humanas, desde o meio ambiente físico saudável até as liberdades econômicas e humanas”. (Corragio,1999. p.40),

“ (...) O desenvolvimento humano preocupa-se tanto com o desenvolvimento das capacidades humanas como com a sua utilização produtiva, (...) um desenvolvimento das pessoas, para as pessoas e pelas pessoas”. (ib., p. 40).

O desenvolvimento humano na perspectiva de um desenvolvimento sustentável é uma necessidade desta civilização, é urgente salvar o planeta, inclusive, a espécie humana do caos em que se encontra a sociedade contemporânea.

### **2.3- Desenvolvimento Rural Sustentável:**

Chegamos ao terceiro milênio e a sociedade pós-moderna está globalizada, com avanços importantes no campo do conhecimento, com sofisticadas tecnologias, e principalmente, com uma capacidade de comunicação, nunca antes vista. No entanto, esse modelo de desenvolvimento produziu dois graves problemas – o sofrimento de milhões de pessoas que se encontram na miséria; e a alarmante degradação do meio ambiente. Os dados abaixo exemplificam muito bem, a situação em que nos encontramos no início do século XXI.

Serageldin in Fraga & Iulianelli, compila dados dos organismos mundiais interessantes para reflexão da situação atual gerada pelo modelo de desenvolvimento em vigor, “Há 1,3 bilhão de pessoas que vivem com menos de um dólar por dia. E se acrescentarem os que vivem com menos de dois dólares por dia, esse número cresce para 3 bilhões. Mais da metade da população do planeta vive com menos de dois dólares por dia. A distância entre os ricos e os pobres e entre os países está crescendo anualmente. Esse crescimento permanente se torna alarmante. Os 20% mais ricos do planeta, que se encontram sobretudo nos países industrializados, consomem 84% da produção mundial. Os 80% restantes da população mundial vivem com menos de 16% da produção global e os 20% mais pobres com menos de 1,3%. Atualmente, os 20% mais ricos são

trinta vezes mais ricos que os de uma geração atrás (...). E o resto do mundo, daqueles 1,3 bilhão de pessoas, 1,2 bilhão não têm acesso a água tratada; 1,7 bilhão não tem acesso a saneamento; há 1,3 bilhão de pessoas respirando ar poluído que, de acordo com a organização mundial de saúde, é impróprio para os seres humanos, a maioria delas, em cidades do mundo em desenvolvimento. Existem 700 milhões de pessoas, a maioria delas mulheres e crianças, que sofrem de doenças respiratórias provocadas pela poluição, por respirarem um ar com um teor de contaminação equivalente ao consumo de três maços de cigarros por dia. Existem centenas de milhares de fazendeiros que não têm como manter a fertilidade dos solos (...).” (Fraga & Iulianelli, 2003, pp. 65-66).

E ainda continua o autor, “E contra esse conjunto de problemas temos uma população que cresce em mais de três pessoas por segundo, duzentas por minuto. (...). Haverá uma população maior em 3 bilhões antes que a população mundial alcance a estabilização. E este crescimento está se dando nas partes pobres do mundo como no sul asiático e na África, mormente. E o impacto devastador disso, em termos de condições de vida das pessoas e das condições do meio ambiente em que se encontram, é inimaginável. Estamos perdendo 25 milhões de hectares de floresta anualmente. Perdemos com a erosão a fertilidade dos solos nos quais as pessoas produzem alimentos. Estamos despendendo mais água do que os aquíferos podem repor. E aquela mesma pobreza, aquela mesma miséria, gera mortes relacionadas à fome seguindo uma taxa de 40 mil pessoas por dia”. (ib., p. 66).

No texto acima, os dados falam por si. Mas nos revelam os resultados de um modelo de desenvolvimento, ainda em vigor, que com o enfoque do crescimento econômico, trabalhou ao longo da história a exploração dos países pobres pelos ricos, deixando nações em extrema situação de pobreza e dependência externa. E ainda, a exploração irracional das riquezas naturais que hoje leva o planeta à margem do colapso com condições de vida deploráveis. É em resposta a essa situação e com preocupação com meio ambiente que surge o termo “Desenvolvimento Sustentável” (ONU. 1979), que amplia suas bases – na equidade social, preservação do meio ambiente, além do econômico.

“O conceito de desenvolvimento sustentável foi utilizado pela primeira vez na Assembléia Geral das Nações Unidas em 1979, “é aquele que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. (...) indicando que o desenvolvimento poderia ser um processo integral que inclui dimensões culturais, éticas, políticas, sociais, ambientais, e não só econômicas. Esse conceito foi disseminado mundialmente pelos relatórios do Worldwatch Institute na década de 80 e particularmente pelo relatório “Nosso Futuro Comum” produzido pela comissão das Nações Unidas para o meio ambiente e desenvolvimento, em 1987” (Gadotti, 2000, p.105).

Levando em consideração que a preocupação com meio ambiente, por parte das organizações mundiais, oficialmente data de 1972 em Estocolmo, são mais de 30 anos que está à disposição dos governos, instituições de pesquisa e ensino, intelectuais e dos outros segmentos da população um uma proposta diferente de desenvolvimento com poder de amenizar a caos social e ambiental em que se encontra hoje o planeta. Por que os países ricos apostam tanto nesse modelo de sociedade de extermínio? A quem interessa o fim das condições de vida no planeta? Por que a guerra e o investimento em armas que podem acabar com todos? Por que tanto sofrimento humano?

Reportando Swimme e Berry, in Gadotti só há dois caminhos: “colocar toda fé na capacidade da tecnologia de nos tirar da crise sem mudar nosso estilo consumista e poluidor de vida” e o outro “fundado numa nova relação saudável com o planeta, com o universo, caracterizado pelas atuais preocupações ecológicas.” (Gadotti, 2000, p. 77) O futuro da vida no planeta depende da escolha que fizermos. Ficamos com o lucro de poucos, a exclusão social da maioria e com a degradação cada vez maior do meio ambiente ou buscamos uma outra opção de vida, onde poderemos deixar condições de vida para as futuras gerações.

O termo desenvolvimento sustentável tem gerado críticas e controvérsias nas discussões dos teóricos sobre a sua aplicabilidade. O desenvolvimento sustentável é oposto ao sistema capitalista. Neste, o lucro vem da exploração do meio ambiente e do homem sobre o homem. É possível uma outra relação entre as pessoas com as outras pessoas e o meio ambiente? Neste contexto, aparecem outros adjetivos, fala-se em desenvolvimento local, endógeno, regional,

territorial, humano, apesar das diferenças conceituais é comum a oposição ao atual modelo desenvolvimento econômico.

No Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa desenvolvimento econômico significa: “o crescimento econômico quando acompanhado de modificações na estrutura produtiva do país ou da região.” E o desenvolvimento sustentável é “ o processo de desenvolvimento econômico em que se procura preservar o meio ambiente levando-se em conta os interesses das futuras gerações.”

Partindo desses conceitos, pode-se afirmar que o desenvolvimento rural sustentável tem que levar em conta as questões da geração de renda utilizando as riquezas naturais de forma racional. Isto é, possibilitar que os atores desse meio tenham oportunidades iguais de, trabalho; o acesso à educação de qualidade, à saúde, harmonia pessoal e com os outros, liberdades políticas e de expressão, participação nos seus coletivos, como também produzir alimentos limpos, usar racionalmente a água, o solo, ter acesso às novas tecnologias e às informações. Como fazer acontecer isso diante de tantas carências das populações rurais? Como repor políticas públicas historicamente negadas a essas populações?

Questões ambientais presentes no nosso cotidiano como: aumento da temperatura , a escassez das chuvas, diminuição das fontes naturais de água, chuvas ácidas, poluição dos solos, do ar e da água, aumento de pragas e uso de agrotóxicos, inúmeras doenças em animais e humanos só podem ser compreendidas, para serem evitadas ou amenizadas com uma formação adequada das pessoas..

Ter o conhecimento da limitação do planeta Terra em relação aos recursos naturais, e da capacidade de destruição do ser humano com suas tecnologias e desejo incontrolável do ter, passa a ser uma alternativa para ações que possibilitem evitar o extermínio da espécie humana.

O investimento na formação das novas gerações para esse modelo de desenvolvimento é urgente e necessária para sobrevivência na casa Terra. Essa formação deve ser sistêmica, a partir do local, com preocupação global. A educação passa a ser base para que haja no imaginário das pessoas

disposição para o uso racional dos bens naturais, do controle de sua satisfação pessoal diante do consumismo e de uma convivência harmônica e humana com os outros.

As comunidades rurais formadas pelos agricultores familiares têm uma relação diferenciada com os recursos naturais, eles residem neste espaço, então passam a cuidar para o seu próprio uso, em sua existência e isso leva a produzir de forma racional. Ao contrário os produtores da agricultura moderna que exploram o máximo, não residem naquele espaço, não têm raízes. Caso a experiência não dê certo, negociam e buscam outro local. Isso exemplifica que o desenvolvimento sustentável na questão social passa pelas dimensões - identidade, cultura e econômica -.

Com o discurso do produtor moderno, as tecnologias se tornam armas nas mãos dessas pessoas na destruição do ambiente. O que interessa é o lucro, por isso, exploram pessoas, degradam o meio ambiente em nome de um desenvolvimento que não se sustenta.

Fazer o desenvolvimento sustentável é mudar localmente essa mentalidade de exploração, para atitudes de cuidado, de manejo racional das atividades no meio. Como também, melhorar as relações entre as pessoas de tal forma, que haja respeito, tolerância com a diversidade, solidariedade e justiça. E no sentido global, melhorar as relações de exploração entre as nações ricas e as nações pobres.

A exploração do ser humano pelo ser humano tem como resultado a pobreza, a violência, os conflitos, as guerras, a concentração de renda, a fome, a miséria entre tantos. É possível construir outras relações entre nações ricas e pobres? O que fazer para destruir o ser humano explorador que existe e formar o ser humano solidário? Como desenvolver levando em conta recursos naturais e as pessoas?

Outra vez, a sociedade em que vivemos, traz interrogações que precisam de respostas urgentes. O problema maior está na pessoa, a pessoa foi preparada para competir, para ter, para consumir, para explorar, como se os bens naturais não fossem limitados, como se as outras pessoas não

tivessem necessidades básicas. Uma educação preocupada com valores, com a formação integral da pessoa pode contribuir para responder concretamente as interrogações anteriores.

Para Jacques Delors, “Para poder dar respostas ao conjunto das suas missões a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver juntos, a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; e, finalmente, aprender a ser, via essencial que integra os três precedentes.” (Delors, 2002, p. 90).

A sociedade moderna tem a possibilidade de reverter o quadro de destruição é miséria que se encontra o planeta Terra, principalmente os bilhões de seres humanos, precisa trabalhar a construção da sociedade sustentável e o ponto de partida é a formação de recursos humanos.

### **Conclusão:**

Para que ocorra a participação social e o desenvolvimento rural sustentável é necessária a concretização de algumas iniciativas, como:

Ações governamentais de políticas sociais para o meio rural com a participação das populações envolvidas - reforma agrária, créditos agrícolas, saneamento, saúde, educação, direitos trabalhistas, erradicação do trabalho escravo e infantil, respeito aos direitos adquiridos dos trabalhadores, etc.

Mudanças no ambiente escolar, com currículos que atendam à realidade social, econômica, política e cultural da população do campo, construído com a participação das famílias envolvidas, priorizando os saberes significativos para resolução de problemas do cotidiano das pessoas.

Atividades de extensão rural que utilizem os princípios da ciência agroecologia e de pesquisas voltadas para compreensão dos principais problemas do processo produtivo e organizacional destas comunidades, com a participação ativa da população envolvida.

Atividades de formação permanente para compreensão das novas tecnologias, valorização da cultura tradicional do trabalho agrícola e implementação de outras atividades de acordo com a vocação da propriedade.

Valorização da organização comunitária e da participação social, pela comunidade, como eixo do desenvolvimento local, exercício da cidadania e promoção coletiva. Assim como, a participação da mesma em redes municipal, regional, nacional e internacional.

Aproveitamento e potencialização dos recursos humanos locais, principalmente a juventude, para a participação e ocupação dos espaços de poder - associações, conselhos, comissões, legislativo e executivo -, em articulação com outros movimentos de base do campo.

Valorização da cultura camponesa para que esta resista à massificação cultural urbana, resgate as tradições, as atividades tradicionais do trabalho e lazer no sentido de preservar a sua identidade.

Existência de organizações comunitárias capazes de sistematizar e implementar um plano de desenvolvimento local, com a participação da comunidade e dos outros segmentos que estão na luta por melhoria na qualidade de vida das populações do campo.

Para finalizar, compreendo que o desenvolvimento e a participação social necessitam da formação da pessoa, tema que será tratado no capítulo seguinte, à luz da teoria tripolar da formação de Gaston Pineau, tentando compreender a auto, hetero, co e ecoformação dos jovens camponeses.

## CAPÍTULO III – OS PROCESSOS DE FORMAÇÃO

### Introdução:

*“No futuro não se tratará tanto de sobreviver como de saber viver. Para isso, é necessária uma outra forma de conhecimento, um conhecimento compreensivo e íntimo que não nos separe e antes nos una pessoalmente ao que estudamos.”*

*Boaventura de Sousa Santos.*

Este capítulo trata dos processos de formação da pessoa, que ultrapassam os limites da educação escolar. Formação da pessoa no sentido do desenvolvimento do humano, nos viés do paradigma emergente.

Partindo do conceito de formação “(...) enquanto processo contínuo de estar em processo de aprender.” (Warschauer, 2001, p.176), procuro trabalhar no sentido de compreender os processos formativos que vivem as pessoas.

A teoria tripolar da formação de Gaston Pineau trabalha a reassignificação dos “três mestres da educação” de Rosseau, atualizando para o paradigma emergente, onde o paradigma ecológico aparece como um dos mestres. O pensamento de Pineau nos convida para uma educação sustentável e denuncia a educação bancária (Freire). Essa teoria responde como se dá a formação da pessoa?

Ainda, busco compreender a coformação entre a auto e heteroformação, como uma teoria muito presente nas práticas coletivas dos jovens, tais como os grupos de amizades, as atividades lúdicas e de trabalho, entre outras, tão comuns nesta fase e importantes também, como espaços formativos.

A relação entre pares, distante da hierarquia de poder dos adultos, possibilita principalmente a auto-organização, a auto-afirmação, a construção da identidade e o desenvolvimento do ser humano.

### **3.1- Clarificação do Conceito de Formação:**

Para exemplificar a discussão sobre o conceito de formação, tomo de Paulo Freire, um dos seus últimos escritos, contidos no livro *Pedagogia da Indignação – cartas pedagógicas e outros escritos* - texto que descreve a morte do índio da nação Pataxó, o senhor Galdino de Jesus Santos, no dia 19 de abril de 1997, coincidentemente no dia do índio, em Brasília, vítima de jovens de classe média alta, com formação de Ensino Médio e com pouca sensibilidade na relação com o outro, com a vida e com o humano.

“Cinco adolescentes mataram hoje, barbaramente, um índio Pataxó, que dormia tranqüilo, numa estação de ônibus em Brasília. Disseram à polícia que estavam brincando, (...) É possível que na infância, esses malvados adolescentes tenham brincado, felizes e risonhos, de estrangular pintinhos, de atear fogo no rabo de gatos pachorrentos só para vê-los aos pulos e ouvir seus miados desesperados, e se tenham também divertido esmigalhando botões de rosa nos jardins públicos com a mesma desenvoltura com que rasgavam, com afiados canivetes, as tampas das mesas de sua escola. E isso tudo com a possível complacência quando não com o estímulo irresponsável de seus pais”.(Freire, 2000, pp. 65-66 ).

O texto me sugere as seguintes questões para a reflexão e possíveis respostas: 1- Que formação tiveram esses jovens? 2- A família, a escola, os meios de comunicações de massa, a sociedade em que eles conviviam e o meio que os circundavam não foram capazes de contribuir para que esses jovens fossem no mínimo humanos? Como se construiu essa mentalidade de brincar de matar gente?

Então, o que é formação? De acordo com o dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa “formação é o ato, efeito ou modo de formar: constituição de caráter, maneiras por que se constitui uma mentalidade, um caráter ou conhecimento profissional” e “formar é dar forma”.

Gaston Pineau, in Couceiro define a formação como “um processo permanente e vital de criação de uma forma”. (Couceiro, 2000, p. 32)

Para a professora Maria do Loreto P. Couceiro “formar-se é uma atividade permanente do sujeito sobre si próprio, que se busca como unidade, a partir de si mesmo e na interação dialogante ou conflitual com os diferentes contextos em que se insere”. (Couceiro, 2000, p. 84)

Para Libâneo “forma-se é tomar em suas mãos seu próprio desenvolvimento e destino num duplo movimento de ampliação de suas possibilidades humanas (...) e de compromisso com a transformação da sociedade em que vive. É modelar livremente a própria vida a fim de participar no processo construtivo da sociedade” (Libâneo, 2002, pp. 13 – 14)

Nesta linha de pensamento, podemos afirmar que a formação dos jovens que “brincaram de matar índio” (Freire) foi falha. Eles não conseguiram a “criação de forma” (Pineau), nem “tomar em suas mãos o seu próprio desenvolvimento (...) modelar a própria vida” (Libâneo). Ou ainda, como diz (Couceiro) “(..) o sujeito sobre si próprio”, que pudesse fazer os mesmos serem humanos, sensíveis à dor e ao sofrimento do índio.

A formação, de acordo com esses teóricos, se dá ao longo da existência e exige a pessoa como sujeito deste processo. A escola tradicional nega a pessoa como sujeito - educação bancária - (Freire). A família se nega ao diálogo diante da questão tempo e das próprias dificuldades de discussões com o mundo jovem e a sociedade, no geral, vê o jovem como mero consumidor, longe das tomadas de decisões e de assumir responsabilidades.

Talvez tenha sido isso, que tenha acontecido com os jovens que “brincaram de matar gente” (Freire) e vem acontecendo com as pessoas em geral, na sociedade atual.

Nas escolas, temos repasses de informações, instruções, ensino, capacitação, que não chega à formação da pessoa e o que é pior, no caso dos jovens de Brasília, houve deformações. Este é o

resultado de um modelo de sociedade que discrimina índio, negros, pobres, camponeses, etc. Precisamos, portanto, de uma educação que forme a pessoa para ser humana e cidadã.

Para Cecília Warschauer “A escola é um ambiente formativo na medida em que é um espaço onde se dão partilhas e a circulação de recursos culturais, os quais contribuem para essa construção de sentidos. Neste contexto, o papel do educador não é o de transmissão de conhecimentos, simplesmente, mas o de mediador e articulador dos pontos de vista, das negociações pessoais e diálogos com a cultura”. (Warschauer, 2001, p.136).

Ainda neste sentido, os biólogos chilenos Humberto Maturana e Francisco Varela, in Warschauer “concebe a aprendizagem como um processo criativo de auto-organização que se afasta da maneira como é identificado no senso comum: receber ensinamentos e informação vindos de fora da pessoa e por ela acumulada apesar de as informações, também fazerem parte desse processo. Assim, a aprendizagem é um processo criativo de auto-organização através do qual a pessoa amplia seus recursos, podendo enfrentar melhor, os desafios e obstáculos com que depara”. (Warschauer, 2001, p.132).

Outro aspecto interessante sobre a formação é a sua construção ao longo prazo, por isso temos a formação inicial e a formação permanente ou contínua, essa que é trabalhada ao longo da vida da pessoa. Os espaços de formação vão além da escola, apesar de ser este um lugar privilegiado para essa reflexão, e abrangem os diversos ambientes vivenciados pela pessoa.

Então, sensibilizar os jovens para os aspectos positivos da sociedade, no sentido de modelar sua própria vida para atuar construtivamente no mundo é o trabalho, nesta hora, da família, da escola e da sociedade.

O termo formação traz uma diversidade de significados. Está relacionado com “forma”, ou ainda com “fôrma”, a idéia de molde, de uma matriz, de um padrão, o que nos pode remeter a um processo educativo tradicional, onde o estudante passivamente é moldado pelo sistema de ensino, e isso é possível, na inexistência do sujeito. Com a tomada de consciência da pessoa, no sentido de ser sujeito, podemos compreender que, “Formar-se é procurar uma forma que, às vezes

propõe-se como um modelo, mas que é também uma forma a descobrir ou a construir” (Hadji, 2002, p.33). Esse sujeito é construído, e essa construção, pode ter a interferência dos modelos culturais existentes ou modelos novos a serem descobertos.

Sobre o sujeito é oportuno trazer o pensamento de Josso “(...) a qualidade essencial de um sujeito em formação está então, na sua capacidade de integrar todas as dimensões do seu ser: o conhecimento dos seus atributos, de ser psicossomático e de saber fazer consigo próprio, o conhecimento das suas competências instrumentais e relacionais e de saber fazer com elas, o conhecimento das suas competências de compreensão e da explicação e do saber-pensar (...) um dos desafios da formação é pôr em prática a criatividade em todas as suas dimensões ao longo de um processo de individuação” (Josso, 2002, p.33).

O sujeito em permanente formação lida com as informações obtidas, o conhecimento adquirido e as matizes da sua experiência, para num processo de interiorização, fazer a reflexão que orienta a ação e a reflexão desta prática.

De acordo com os autores citados, além da questão do sujeito sobre si próprio, a sua atuação na sociedade e no ambiente, nos remete à relação imbricada entre a pessoa, as outras pessoas e o meio ambiente, entre o desenvolvimento humano e o desenvolvimento local.

Paulo Freire afirma que “uma das primordiais tarefas da pedagogia crítica radical libertadora é trabalhar a legitimidade do sonho ético-político da superação da realidade injusta. É trabalhar a ingenuidade desta luta e a possibilidade de mudar, vale dizer, é trabalhar contra a força da ideologia fatalista dominante, que estimula a imobilidade dos oprimidos e sua acomodação à realidade injusta, necessária ao movimento dos dominadores. É defender uma prática docente em que o ensino rigoroso dos conteúdos jamais se faça de forma fria, mecânica e mentirosamente neutra”. (Freire, 2000, p. 43).

“É neste sentido, entre outros, que a pedagogia radical jamais pode fazer concessão às artimanhas do pragmatismo neoliberal que reduz a prática educativa ao treinamento técnico-científico dos educandos. Ao treinamento e não à formação. A necessária formação técnica científica dos

educandos, por que se bate a pedagogia crítica, não tem nada a ver com a estreiteza tecnicista e científicista que caracteriza o mero treinamento. É por isso, que o educador progressista, capaz e sério, não apenas deve ensinar muito bem sua disciplina, mas desafiar o educando a pensar criticamente a realidade social, política e histórica presente. É por isso que, ao ensinar com seriedade e rigor sua disciplina, o educador progressista não pode acomodar-se, desistente da luta, vencido pelo discurso fatalista que aponta como única saída histórica hoje a aceitação, tida como expressão da mente moderna e não “caipira” do que ai está porque o que está ai é o que deve estar.” ( Freire, 2000, pp.43-44)

Além desse professor crítico, a formação requer a participação de outros formadores. O que para Unesco, no relatório de Delors, é reforçada assim: “Mas, a educação ao longo de toda vida, conduz diretamente ao conceito de sociedade educativa, uma sociedade em que são oferecidas múltiplas oportunidades de aprender na escola como na vida econômica social e cultural. Daí a necessidade de multiplicar os acordos e os contratos de parceria com as famílias, o meio econômico, o mundo Associativo, os atores da vida cultural, etc.” (Delors, 2002, p.166)

Para Pedro Demo, “na sociedade do conhecimento, ser excluído, é, sobretudo estar excluído do conhecimento. Certamente, o analfabeto atual não é só quem não sabe ler, mas sobretudo quem não maneja minimamente os conhecimentos em termos reconstrutivos. O pobre não pode apenas reproduzir conhecimento. Carece reconstruí-lo como sujeito capaz. A idéia da reconstrução de cunho político...” (Demo, 2000, p.28)

Por isso, a formação passa a ser de fundamental importância na melhoria da qualidade de vida da própria pessoa e na construção da nova sociedade para um outro modelo de desenvolvimento, em que haja relações harmônicas entre os homens/mulheres com os outros homens/mulheres e com o meio ambiente.

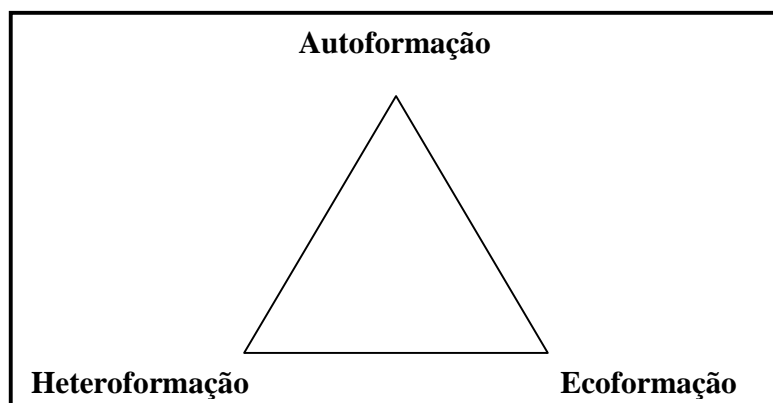
Formar-se deve ser o dever de cada indivíduo. Como forma-se conscientemente nesta sociedade que estimula a tanta situações negativas? O forma-se é orientado. A família, a escola, o meio circundante e o próprio indivíduo deve estar a serviço desta orientação.

### 3.2- Teoria Tripolar da Formação:

Baseado nos estudos Jean Jacques Rousseau, que no século XVIII afirmou que os três mestres fundamentais da educação são a própria pessoa, os outros e as coisas, Gaston Pineau elabora a teoria tripolar da formação, que vem esclarecer os processos formativos da pessoa.

Gaston Pineau utiliza os prefixos auto, hetero e eco ao termo formação para explicar que o processo formativo se dá por meio da pessoa consigo mesmo, no ambiente humano, - autoformação; na interação com as outras pessoas, no ambiente social, - heteroformação; e na interação com as coisas, o meio físico e natural, - ecoformação, formando um triângulo onde há interação entre os três pólos.

**Figura 1** – Teoria Tripolar da Formação (Pineau, 1991)



No processo formativo quando é priorizado, por exemplo, o pólo da heteroformação, como é caso da educação escolar, pode resultar na formação de pessoas submissas ou passivas, com pouca autonomia, etc. E no caso de boa interação dos três pólos, auto, hetero e ecoformação, estaremos facilitando a emergência do sujeito, reflexivo, sensível às causas sociais e ambientais.

Para Couceiro, “a formação resulta em transformações permanentes por transações entre o organismo e o seu contexto ecológico e social” (Couceiro, 2000, p.85),

Como aprender comigo mesmo? Para que isso aconteça é necessário um aprendiz sujeito de sua própria formação, que tenha desejos e necessidades de aprender. Aprender através da observação, da pesquisa, da reflexão própria. Um esforço individual para transformar os conhecimentos e as relações estabelecidas nos coletivos e na natureza em aprendizados, através da reflexão do saber pensar.

Quanto a isso, Josso afirma “(...) o processo auto-reflexivo, que obriga a um olhar retrospectivo e prospectivo, tem de se compreender como uma atividade de auto-interpretação crítica e de tomada de consciência da relatividade social, histórica e cultural dos referenciais interiorizados pelo sujeito e, por isso mesmo, constitutivos da dimensão cognitiva da sua subjetividade” (Josso, 2002, p. 44).

“Apesar dos esforços de classificação, o termo autoformação permanece de difícil precisão, em razão da sua complexidade e da multiplicidade da relação entre as diversas perspectivas conceituais e metodológicas, permanecendo apenas como elemento comum à idéia de aprender por si mesmo” (Warschauer, 2001, p.32).

Essa complexidade é demonstrada por Phillippe Carré in Warschauer, que identifica cinco correntes diferentes e/ou complementares sobre a autoformação agregando teorias, práticas instrumentais e campos sociais. Denominadas de “autoformação integral – o autodidatismo-; autoformação existencial – formação de si por si -; autoformação educativa – facilitado pelos dispositivos pedagógico-; autoformação social – relação com os grupos sociais-; e autoformação cognitiva – o aprender a aprender.” (Warschauer, 2001, p. 130).

A autoformação exige do aprendiz, a tomada de consciência do seu papel na sua formação, para que sejam possíveis escolhas, interiorizações, reflexões para ação e sobre a ação, o que se torna muito difícil dentro dos moldes da instituição escolar, que entende formação como educação, no sentido de transmissão de conteúdos científicos, impostos pelo professor, externo ao estudante e sem a preocupação de interiorização. A autoformação se dá pela emancipação do aprendiz que adquire competências para a reflexão e para o saber pensar, na orientação da suas ações.

O aprender com os outros também requer uma recombinação com suas matrizes de experiências anteriores. E essas dependem do meio e da própria pessoa. Há uma relação de imbricamento muito forte.

Neste sentido, temos Paulo Freire que disse: “Ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si, mediatizados pelo mundo.”(Freire, 1987, p.68).

De acordo com Gaston Pineau, “a heteroformação é a hierarquia que define a organização do trabalho escolar, desqualificando o autodidatismo assim como aquisições da experiência direta das coisas” (Warschauer, 2001, p.128).

A heteroformação se dá na relação social, nas trocas de experiências, nos acordos e nos conflitos que surgem das falas e das práticas. A linguagem é importante na mediação das idéias, da discussão, dos pontos de vistas, dos elementos novos que podem aparecer entre os envolvidos.

Sobre a linguagem Cecília Warschauer, nos chama atenção para o diálogo, “conversar é oportunidade ímpar para o desenvolvimento do humano, para o aprendizado da convivência tão necessária. A tarefa é tão difícil quanto preciosa, mas não pode ser usada como retórica que nos faz acreditar que algo está sendo feito, enquanto a prática permanece intocada. Tarefa concreta a ser realizada já, e nas diferentes instâncias sociais, pelos diferentes atores como é o caso do ambiente familiar ou das instituições educativas, onde se deve escapar da tendência aí dominante: sua tradução pela racionalidade técnica.” (Warschauer, 2001, p. 181).

A ecoformação ou o aprender com às coisas foi definida por Rousseau, in Gadotti. como “a aquisição de nossa própria experiência sobre os objetos que nos afeta”. (Gadotti, 2000, p.85).

Eric Baudont, in Gadotti., sustenta que “ a ecoformação é ao mesmo tempo um conceito heurístico e operatório, cuja a finalidade é compreender as relações formadoras entre o homem e o meio ambiente” (Gadotti, 2000, p.84).

A ecoformação traz o paradigma ecológico, como diz Gaston Pineau in Gadotti, “A ecoformação pretende estabelecer um equilíbrio harmônico entre o homem/mulher e o meio ambiente, ela se

inscreve no conceito mais amplo da formação tripolar já anunciada por Rousseau, os outros, as coisas e a nossa natureza pessoal.” (Gadotti, 2000, p.85).

Quando Antonio Nóvoa diz in Montenegro “o formador forma-se na relação com os outros, numa aprendizagem conjunta que faz apelo à consciência, aos sentimentos e as emoções, ecoformação (...)” (Montenegro, 2002, p.11) ele alarga o processo para os efeitos formadores da consciência, dos sentimentos e das emoções.

Para Montenegro “o conceito ecoformativo de forma abrangente não se trata apenas da ação formativa que os contextos físicos (as coisas), diferentes (espaços fluídos abertos, ao ar livre, dependentes das condições atmosféricas) exercem sobre o indivíduo, mas também da ação formativa que os contextos sociais (os outros) diferentes (espaços públicos, heterogêneos e dinâmicos), integrados nos contextos ambientais (as coisas), existindo uma relação interdependente entre eles. Entende-se então, o conceito ecoformativo enquanto ecologia social e não apenas física e ambiental.” (Montenegro, 2003, p.29)

Neste sentido, diante da amplitude da ecoformação, a ecologia humana é um dos seus elementos, só há depredação do meio ambiente, porque depredaram a pessoa humana, nos seus valores, nos princípios éticos, no campo das emoções e dos sentimentos.

Como diz Martine Xiberras, citado por Barbier “De fato, com suas idéias, os homens se atraem uns aos outros para formar conjuntos naturalmente homogêneos ou coerentes. Entretanto, é sempre possível construir um conjunto mais vasto que contém os precedentes, mais que permanecem incoerentes ou mais exatamente, cuja coerência obedece a uma lógica ainda desconhecida. É a procura dessa coerência fundamental que parece, de agora em diante, constituir as premissas da ecologia dos homens e de suas idéias.” (Barbier, 2002, p.93)

“O saber viver é orientado.” (Josso, 2002, P. 65) É nesse campo que precisamos investir na formação das pessoas, o “saber conviver” (Delors, 2000) é ou não ecológico? Se, é, a ecologia humana está contida na ecoformação. A relação da pessoa com ela mesma, com outras pessoas e com o meio ambiente são questões de formação, ou melhor de uma ecoformação.

“A ecologia humana é interessante não só pelo efeito de posição, pela localização de uma dada comunidade em relação a outros, mas também pelo lugar do indivíduo ou da instituição no âmago da comunidade mesma.” Martine Xiberras, in (Barbier, 2002, p.93)

A escola ensina tantos conteúdos não usuais ou longínquos da realidade, mas ensina muito pouco sobre o eu do indivíduo. Como lidar com minhas emoções, meus sentimentos, meus desejos, até parece que essas coisas a gente já nasce sabendo.

A teoria tripolar reforça a idéia da sociedade educativa, pólo social – heteroformação. A teoria do desenvolvimento sustentável, o pólo ecológico – ecoformação e como fim de qualquer ação, a tese do desenvolvimento humano – a autoformação.

Teresa Ambrósio, diz: “(...) não é demais sublinhar este contexto para vermos e tentarmos compreender o presente e percebermos, sempre que refletimos sobre as nossas práticas que a medida que a Pessoa Humana se vai formando em relação com o ambiente e a comunidade, inserindo experiências e saberes, compreendo, o contexto atual e adquire ou vai adquirindo a liberdade e responsabilidade de cidadão pertence a várias comunidades concêntricas que se alargam à escola universal. Este é o primeiro passo para a conquista e defesa da própria liberdade, da sua dignidade, que já não se fica pelo local do seu nascimento. Mas adquire também, e por esse motivo, o status de responsável indispensável para a promoção do Desenvolvimento Humano – um desenvolvimento para todas as pessoas e com o contributo de todas de todas as pessoas.” (Ambrósio, 2002, p.6)

A teoria de Gaston Pineau, instiga-nos a trabalhar a educação formal numa perspectiva de formação da pessoa, é um desafio, para os (as) educadores (as) deste novo milênio. E o primeiro passo é a mudança pessoal do educado (a) para reconhecer, que a escola com os conteúdos científicos não é o único espaço e nem os únicos conhecimentos necessários para formação de pessoa e da sociedade que queremos.

Os processos de auto, eco e heteroformação requerem o aproveitamento das experiências pessoais, a comunidade local, as parcerias, o conhecimento científico, a contribuição dos educadores nas reflexões ligadas às práticas metodológicas em que o estudante seja ativo, reconstrua e produza o conhecimento. Esses são pontos indispensáveis a essa nova educação, necessária para enfrentarmos os problemas atuais com os quais nos defrontamos.

A teoria tripolar nos remete à formação permanente, ao longo da vida, sempre. A pessoa como ser inacabado, em busca permanente do aperfeiçoamento, dependente das relações sociais do meio e de si própria para o desenvolvimento pessoal, que levará ao desenvolvimento sustentável.

Para Ambrósio, “É a aquisição e desenvolvimento de novas capacidades cognitivas (aprender a aprender), capacidades pessoais (saber ser e conhecer-se auto afirmando-se), capacidades sociais (cooperar, dialogar, aprofundar a democracia) que muitos acreditam ser um caminho possível para, no caos e na complexidade, pela via do risco e da incerteza, que caracteriza este século, encontrarmos novos equilíbrios, novos níveis de outro desenvolvimento e que humanamente aspiramos.” (Ambrósio, 2002, p.7)

### **3.3- A Coformação entre a Auto e Heteroformação:**

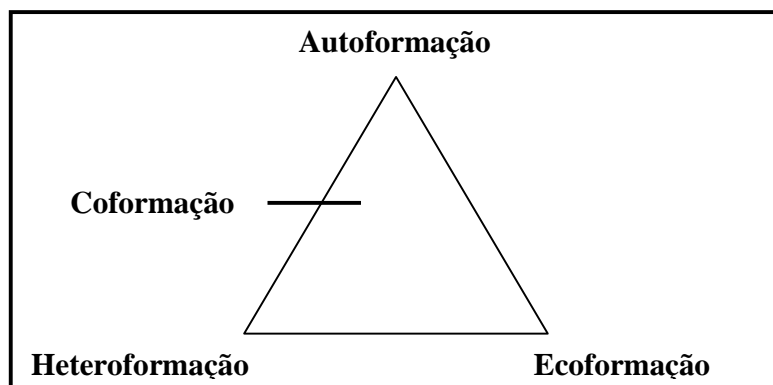
“A experiência da alteridade e da intimidade criam espaços de coformação, pois nossas vidas se entrelaçam” (Warschauer, 2001, p.146).

Partindo dos prefixos utilizados por Gaston Pineau na Teoria Tripolar. Poderíamos citar diversas palavras com prefixos junto à formação e teríamos outros significados, como: deformação, conformação, transformação, informação, interformação e coformação. Alguns com sinônimos que seriam o resultado de uma educação falha, que além de não contribuir para formar, faz o contrário: deforma.

“A coformação situa-se, no meu ponto de vista, justamente na interação e na transação que se estabelece entre auto e heteroformação, na interface entre a apropriação e a desapropriação do poder sobre a formação.” (Couceiro, 2000, p.87).

A principal função estratégica da coformação é justamente ser “espaço fronteira entre a apropriação ou a desapropriação pelas pessoas do seu poder de formação entre a auto e a heteroformação.” Afirma Pineau, segundo (Couceiro, 2000, p.87.)

**Figura 2** – Coformação entre a Autoformação e a Heteroformação



A coformação passa a ser o resultado da formação entre pares, com um mesmo nível de poder, nas suas relações de amizade, de grupos, de trabalho, de lazer e cultura, de amor. O que é fundamental na construção da identidade da pessoa, na sua auto-afirmação e para sua auto-estima.

Nesse processo emergem outros aspectos importantes para a existência da pessoa como a organização: a responsabilidade, a solidariedade, a aceitação de relacionamento, o saber conviver, o saber ser com as outras pessoas dos grupos em que participa.

A coformação facilita a emergência do sujeito, pois possibilita a criação de uma organização no grupo com os pares. Abre espaços para participação coletiva e para o desenvolvimento pessoal dos integrantes

A proposta pedagógica do CEFFA's vem de encontro com essa teoria quando possibilita que os estudantes participem de atividades coletivas onde os mesmos se organizam, produzam, apresentam, e onde os monitores contribuam apenas com as orientações solicitadas pelos mesmos.

Para Bettencourt e Marques in Campos “Sem o exercício da participação, os alunos não experienciam a troca de opiniões, o confronto de ponto de vista, de idéias e de valores, atividades que são essenciais para que construam um código de conduta marcado pela autonomia, espírito crítico e capacidade de tomar decisões, aceitar pontos de vista diferentes e mudar de opiniões ou atitudes.” (Campos,1997, p.121).

A coformação entre auto e a heteroformação é uma necessidade do jovem na construção da identidade, como também, para o exercício da cidadania, construção de uma sociedade democrática e do desenvolvimento sustentável.

As atividades entre pares, onde ainda não há hierarquia, o poder ainda está por ser construído. A hierarquia é construída com a sua participação. Os critérios de participação não são impostos por poder estranho, passam a ser um espaço muito importante, para o desenvolvimento humano da pessoa. O seu comportamento no grupo, pode ser cada vez mais melhorado, diante da aceitação ou não de suas opiniões , principalmente, o sentimento de pertencer e de ser útil ao grupo.

### **Conclusão:**

Os processos de formação nos remetem para algumas considerações importantes no contexto do debate do desenvolvimento sustentável, como:

A formação é um processo muito mais amplo do que a educação escolar. Mas a escola pode contribuir muito mais com a formação das pessoas com práticas que tenham conteúdos de coletividade, solidariedade, participação, democracia, preservação, ética, escuta, etc.

O processo formação exige um aprendiz capaz de tomar em suas mãos a sua formação, com capacidades de reflexão para a ação e reflexão da ação; de um meio circundante que ofereça diversas oportunidades.

A teoria tripolar compõe o conjunto de pensamentos da sociedade contemporânea, que questionam o modelo atual de desenvolvimento e propõem outra forma de relação entre as pessoas, e dessas, com o meio ambiente – o paradigma emergente.

A necessidade da sociedade educativa é reforçada na teoria tripolar – auto, hetero e ecoformação- e revela que aprendemos em todos os lugares com todas as coisas e pessoas. Não só nas instituições formais como quer fazer-nos acreditar o modelo vigente.

Toda formação requer experiência e reflexão. A autoformação requer a solidão do sujeito na reflexão da sua própria ação para orientar a ação.

Os coletivos de jovens – grupos de lazer, amizades, de atividades, namoros e outros, são importantes na formação dos jovens – a cofomação-, e devem ser valorizados pela sociedade.

A família e a escola podem contribuir para a tomada de consciência dos jovens sobre os seus processos formativos, para aproveitarem melhor os espaços formativos circundantes.

A formação é permanente. O ser humano é inacabado e busca aperfeiçoar-se durante o seu percurso de vida. É esse inacabamento e essa busca de aperfeiçoamento que torna possível o mistério da educação.

A questão ecológica é contemplada na teoria tripolar – pólo da ecoformação-, e na situação em que está a sociedade atual, a ecoformação passa a ser estratégica para as mudanças necessárias nas relações entre os seres humanos e destes com o meio ambiente.

Os jovens rurais e a sua formação, são o tema do capítulo IV, que busca focar a educação formal e informal, bem como, as questões sociais e econômicas a que estão submetidos os jovens do campo.

## CAPÍTULO IV – OS JOVENS RURAIS E A SUA FORMAÇÃO

### **Introdução:**

*“Já houve um tempo sem escola e não sabemos se este tempo regressará, uma coisa é certa, tempos virão em que a sociedade necessitará de outras escolas”*

*Antonio Nóvoa.*

Neste capítulo trato de compreender os jovens rurais e a sua formação, por meio da discussão de conceitos de juventude e do levantamento da atual situação da educação no campo, pois a mesma é um elemento importante na formação.

Considero a educação informal, que vem sendo realizada no seio da família e na comunidade camponesa, que forma valores, costumes, crenças, comportamentos, trabalho, etc. Essa riqueza cultural do campo, que ainda é uma reserva de humanidade, teima em resistir ao grande poder de massificação da cultura urbana.

A Educação formal é denunciada pelos dados estatísticos. O campo no Brasil é visto como lugar atrasado sem necessidade de investimentos públicos. A escola do campo, com rara exceção, pode ser o retrato do descaso dos governantes com os trabalhadores (as) rurais ao longo da história.

Neste caos educacional emergem iniciativas da sociedade civil – a Escola do MST - Movimento dos Trabalhadores Sem Terra, a Escola do MAB - Movimento dos atingidos de Barragens, a Escola EFA – Escola Família Agrícola, a Escola CFR – Casa Familiar Rural, a Escola do Pró-Jovem, a Escola Comunitária e outras, que avançam na pressão aos parlamentos e têm conseguido construir leis que tratam da Educação Básica do Campo.

A educação, que está a serviço do mercado e que chega ao campo, está distante de corresponder às necessidades dos agricultores (as), e de cumprir com seu papel de preparar mão de obra barata

para o capital. Os jovens são prejudicados, pois não são preparados para o trabalho na terra, e nem, saem com condições de concorrer aos míseros empregos urbanos.

#### **4.1- A Juventude, uma etapa de vida:**

No Dicionário Novo Aurélio da Língua Portuguesa, “juventude é o mesmo que adolescência. Palavra proveniente do latim, juventude que significa idade moça, mocidade”. Quanto ao termo adolescência há um consenso entre os estudiosos do tema, e no dicionário diz: “É o período da vida humana que sucede a infância, começa com a puberdade e se caracteriza por uma série de mudanças corporais e psicológicas. Estende-se aproximadamente dos 12 anos aos 20 anos de idade”.

Para o processo de formação da pessoa podemos afirmar que a juventude é uma fase do desenvolvimento humano privilegiado para desenvolver o conjunto das potencialidades práticas, intelectuais, psicológicas, afetivas, espirituais, sociais, políticas, éticas, entre outros. Ou seja, a idade de transição, de definição e maturação das grandes opções para a vida futura.

Ainda podemos afirmar que a juventude é um período rico e, ao mesmo tempo turbulento, situação natural desta fase da existência humana. Diz Fraga & Iulianelle: “Algumas práticas, baseadas no conhecimento hegemônico da Medicina e da Biologia entre outros, têm afirmado, por exemplo, que determinadas mudanças hormonais, glandulares e físicas típicas dessa fase, são responsáveis por certas características psicológicas existenciais próprias da juventude. Descrevem, assim, as diferentes formas de estar no mundo como manifestações dessas características, percebidas como essência da sua condição. Dessa maneira, “qualidades e defeitos” considerados típicos do jovem, como entusiasmo, vigor, impulsividade, rebeldia, agressividade, alegria, introspecção, timidez, passam a ser sinônimos de uma natureza jovial.” (Fraga & Iulianelle, 2003, p.20)

Os pais e os educadores (as) precisam compreender esta fase da vida e criar um espaço de diálogo, de acolhimento, de escuta, para que essa relação possa contribuir na formação e na autonomia dos jovens, aspectos necessários à vida do cidadão e cidadã adulto(a).

Neste sentido, Paulo Freire afirma: “Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. Por que perder a oportunidade de ir sublinhando aos filhos o dever e o direito que eles têm, como gente, de ir forjando sua própria autonomia? Ninguém é sujeito da autonomia de ninguém. Por outro lado, ninguém amadurece de repente, aos 25 anos. A gente vai amadurecendo todo dia ou não. A autonomia, enquanto amadurecimento do ser para si, é processo, é vir a ser. Não ocorre em data marcada. É neste sentido que uma pedagogia da autonomia tem que estar centrada em experiências estimuladoras da decisão e da responsabilidade vale dizer, em experiências respeitadas da liberdade.” (Freire, 1999, pp. 120-121)

Para Costa, “A tarefa por excelência do adolescente e a construção da identidade. O adolescente preocupa-se com a procura de uma definição de si próprio, o que é, o que quer ser e fazer, qual o seu papel e função no mundo, quais os seus projetos para o futuro, isto é, tenta dar um significado coerente, a sua vida integrando as suas experiências passadas ao presente e procurando um sentido para o futuro.” (Costa, 1997, p.143).

É com esse adolescente em um processo de conflito, que a escola instituição e seus agentes professores (as), têm que se relacionar, de tal forma, que essa relação possa contribuir na construção da identidade do jovem.

A escola é um espaço de relações, e por meio dessas relações acontece a formação escolar, que contribui na construção do desenvolvimento da identidade do jovem. O processo escolar pode ser definido em seis relações: 1) relação instituição / estudante; 2) relação professor / estudante; 3) relação estudante / estudante; 4) relação estudante / conhecimento científico; 5) relação estudante / outras atividades extra-classes; 6) estudante / ambiente escolar.

Essas relações podem ser em clima de liberdade, o que contribui de forma construtiva no desenvolvimento da identidade do jovem ou podem ser de forma coercitiva contribuindo para o desenvolvimento da identidade de maneira passiva ou outorgada. Os currículos escolares e as práticas pedagógicas de uma escola definem essas formas de contribuições.

## **Juventude ou Juventudes?**

No aniversário de 25 anos da AIMFR, em Bruxelas, no ano de 1999, Jacques Jallade, da Divisão de Investigação, Vulgarização e Formação, FAO, disse aos congressistas: “Os jovens tendo entre 15 a 24 anos representam cerca de 1.000 milhões, é mais de um quinto da população mundial. A juventude não é tanto uma idade fisiológica, mas um status sócio-econômico de dependência, reunido em faixas de idade diferentes em função do sexo. Encontramos 800 milhões de analfabetos entre os jovens e 150 milhões que não vão a escola. Eles se encontram tanto nos países desenvolvidos como nos países com rendas inferiores à média e com deficiência alimentícia, alguns são ricos, outros pobres, uns vivem em paz e outros em guerra. Em definitivo, se estima num 80% o número dos jovens que vivem nos países em via de desenvolvimento. Atualmente 50% dos jovens do mundo vivem nas zonas rurais”. (AIMRF, 2000, p.58)

No Brasil, onde há dimensões e grandes diferenças geográficas, regionais, étnicas, sociais, econômicas, políticas, culturais entre outros, pode-se perguntar: juventude ou juventudes? Pode-se dizer que os jovens de classe alta, os jovens da periferia e os jovens do campo vivem uma mesma fase de vida?

As diferenças, principalmente as sócio-econômicas, nos levam a dizer que convivemos com juventudes. Há jovens que começaram a trabalhar ainda crianças, forçados pela luta da sobrevivência. Estes são os trabalhadores que estudam. Outros nem estudam, lhes faltam oportunidades. Outros ainda, já estão na criminalidade e sem nenhuma perspectiva de vida. Essa é a situação da maioria dos jovens filhos de trabalhadores, que se encontram nas cidades e no campo.

Os jovens de situação sócio-econômicos favoráveis têm acesso à escola e à fonte moderna de informações, vivem em situação oposta aos primeiros, com muitas oportunidades e perseguem o “status quo” da família.

Os jovens camponeses sofrem o abandono do campo pelos governantes, que negam as políticas públicas para essas comunidades onde lhes faltam serviços públicos de qualidade, transporte, estradas, apoio para produção agrícola, entre outros.

“Esses jovens, filhos de famílias de baixa renda, têm uma perspectiva de vida muito ruim. Sem treinamento formal, têm poucas chances de ganhar salários decentes nas atividades urbanas. Sem o capital humano inicial, ou capacidades administrativas para montarem seu próprio negócio, dificilmente têm chances de ganhos razoáveis na agricultura”. (Peres et al, 1998, p.48)

Muitos deixam o campo, migram para cidade, enchem as favelas, tornam-se bóias-frias na agricultura moderna ou na construção civil. Outros estão presentes nas lutas pela terra, pela dignidade de vida, por meio dos Sindicatos Rurais, Pastoral da Juventude, Movimento dos Atingidos por Barragens, Associação de agricultores familiares e no Movimento dos Sem-Terra, que juntamente com os adultos, vêm colocando a situação dos camponeses na agenda política dos governantes.

“Não é possível considerar da mesma forma jovens com diferentes níveis de renda, com diferentes níveis de escolaridade, com diferentes formas de inserção no mercado de trabalho, com diferentes origens étnicas, etc. Ou seja, assim como nas áreas urbanas, há uma multiplicidade de juventudes na área rural. A elaboração de políticas públicas para a juventude deve considerar estas diferenças.” (Deser, 1998, p. 1).

#### **4.2- A Formação dos Jovens do Campo:**

“Os esforços da educação voltada para o meio rural não têm tido muito êxito, uma vez que essa educação pouco difere da educação urbana. Sua metodologia e seus conteúdos não se relacionam com as necessidades produtivas e culturais do meio rural. Ao lado da deficiência curricular constata-se que crianças e jovens do meio rural, geralmente devido à necessidade de ingressarem cedo na força de trabalho, se vêem impelidos à evasão precoce antes de concluírem o Ensino Fundamental”. (Peres et al, 1998, p.47).

O conceito de Educação do Campo trabalhado pelo movimento social e sindical no Brasil, não é o mesmo trabalhado pelos órgãos governamentais. “ Entende-se por escola do campo aquela que trabalha desde os interesses, a política, a cultura e a economia dos diversos grupos de trabalhadores e trabalhadoras do campo, nas suas diversas formas de trabalho e de organização, na sua dimensão de permanente processo, produzindo valores, conhecimentos e tecnologia na perspectiva do desenvolvimento social e econômico igualitário dessa população. A identificação política e a inserção geográfica na própria realidade cultural do campo são condições fundamentais da sua implementação” (Kolling et al, 1999, p.63).

Assim há uma grande diferença entre uma escola dirigida pelo povo e o movimento social, e a outra escola rural dirigida pelas instituições governamentais.

E apesar do artigo 1º da Lei de Diretrizes de Base da Educação Nacional – LDBEN - Lei nº 9394/96, reza que: “A educação abrange os processos formativos que se desenvolve na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil, e nas manifestações culturais”, na prática, ainda estamos distantes de ver a escola funcionando como manda lei.

A juventude camponesa tem uma densa formação construída na relação com a família e a natureza, com as pessoas da comunidade, com a cultura camponesa, através do trabalho, da convivência cotidiana da participação nas atividades comunitárias. Isto vem de encontro com o pensamento de Emiliano Ortega dito no congresso de 25 anos de aniversário da AIMFR, “A educação no meio rural deve ter suas raízes na terra, no seu povo, nas suas formas de crer, sentir, pensar e agir. É enorme a reserva de humanidade existente nas famílias e comunidades rurais.” (AIMRF, 2000, p. 29).

A comunidade camponesa é o espaço formativo que influencia de forma muito forte na formação dos jovens. Diante das carências das políticas públicas nesse meio, são criadas alternativas de sobrevivência. Outro fato importante é a relação entre as pessoas, de respeito, solidariedade, confiança e uma enorme capacidade de ouvir.

Para Emiliano Ortega, Presidente do Instituto Rural e ex-ministro de Agricultura do Chile, “A transmissão cultural é de responsabilidade, e se realiza, antes de tudo na família, na comunidade e no entorno. Queríamos destacar a importância que no meio rural tem a participação da família, da comunidade e dos agentes socializadores tradicionais nas quais os filhos encontravam identidade, conhecimentos, saber fazer, valores e conteúdos éticos de importância maior para o seu próprio futuro. É verdade que as funções próprias da esfera familiar se foram reduzidas. Entretanto, se existem rupturas intergeracionais profundas, dificilmente se pode assimilar a cultura rural própria de cada localidade que a constitui, talvez, a fonte mais importante que pode nutrir a vocação rural como opção para os jovens”. (AIMFR. 2000, p.30)

Essa situação tende a mudanças devido às influências urbanas cada vez mais presentes, pela convivência das pessoas campo/cidade, pelos meios de comunicações e pelo forte apelo ao consumo da sociedade de mercado.

Os jovens do campo têm uma riqueza de saberes relacionados com as plantas, os animais, o trabalho com a terra e uma forma simples de ser, de conviver, dentre outros.

Para Geay, citado por Pineau “... a aprendizagem é o mais antigo dos sistemas de educação técnica. Enraíza-se no desejo de todo homem e toda a sociedade em transmitir aos seus filhos a sua experiência e o seu saber fazer, condições de sobrevivência da espécie. É talvez porque tem raízes tão profundas na história individual e coletiva dos homens que a aprendizagem é o objeto de apreciação muito contraditório.” (Pineau, 2000, p.329)

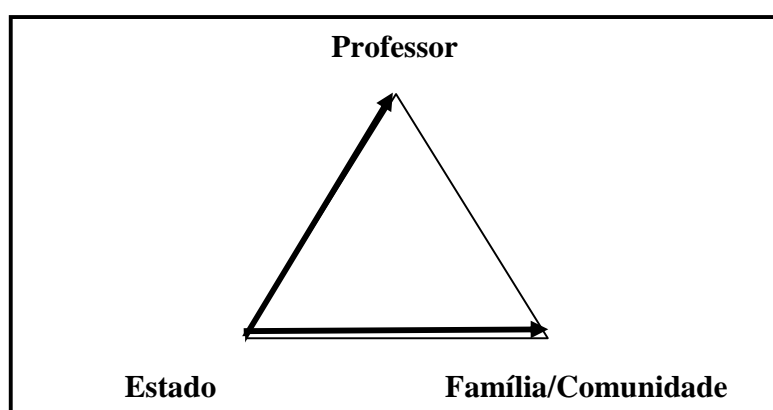
O paradigma científico presente na escola atual do Brasil não valoriza esse tipo de saber. A escola pública que colocaram no campo não trabalha esses conhecimentos e passa a ser, com raras exceções, meramente resquícios da escola urbana no espaço agrário.

“Ainda hoje quase todas as escolas rurais continuam de portões fechados para a comunidade escolar. Raramente os pais e mães dos alunos são chamados à escola para conversar sobre os problemas essenciais da vida escolar e, mais que isso, dialogar sobre a vida deles, ou aquela da comunidade. Assim, sequer são descobertas as contribuições que eles (pais) e a comunidade têm

a dar à escola e vice-versa. A escola, deste modo, tem uma presença apenas formal na vida das pessoas e, por isso, não tem muito significado para eles. Os pais, quando são chamados é para ouvir as reclamações sobre o comportamento dos filhos, sobre a falta de merenda, etc., não são considerados sujeitos de uma construção comum, mas objeto de ordens a cumprir.” (PNDRS, 2002, p.6).

A educação no Brasil, historicamente, sempre esteve e está a serviço do capital articulado com as elites, excluindo a grande massa do povo da aquisição dos conhecimentos básicos para exercer sua cidadania plena. Nas últimas décadas ganhou em extensão – quantidade de atendimento, mas o mesmo, não aconteceu com a qualidade. As diversas reformas no setor educacional brasileiro tiveram como objetivo maior, a adaptação da educação às exigências do modelo econômico de capital estrangeiro e à dominação política cultural pelos grupos dominantes.

**Figura 3** – Triângulo Político – Professor – Família na Escola Rural – Brasil



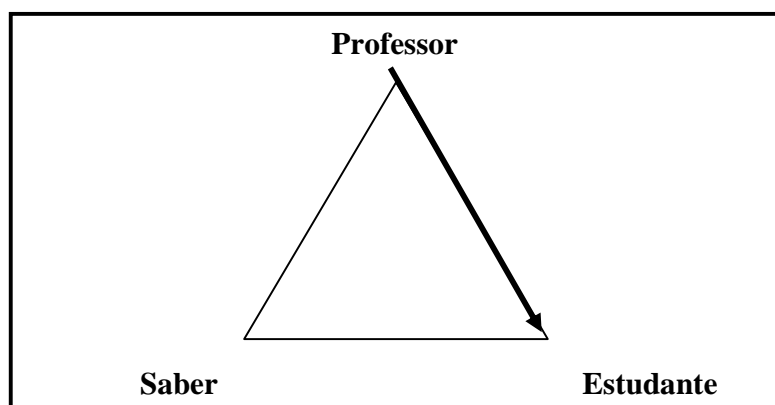
O esquema do triângulo político apresentado por Jean Houssaye, in (Nóvoa, 2001, p.2) há possibilidade de se afirmar que o estado continua com um poder local absoluto e uma relação autoritária com a comunidade camponesa e também com os professores.

“Na sala de aula o (a) professor(a) finge que ensina e o aluno(a) finge que aprende. O horário, o calendário de provas, as notas e resultado final mandam na escola. As questões que interessam à juventude, como trabalho, renda, terra, meio ambiente, afetividade, sexualidade, violência, não entram para o currículo escolar. Na maioria dos casos, a direção das escolas ainda é controlada

pelos políticos locais que definem onde a escola deve ser construída e quem ensina na escola”. (PNDRS, 2002, p.5).

“Os problemas da Educação no Brasil, tornam-se mais graves ainda nas áreas camponesas devido principalmente: Falta de proposta governamental para esse setor; número insuficiente de escolas; inexistência de material pedagógico; professores sem formação específica que leve em conta às especificidades desse meio e os conhecimentos que o estudante traz em sua bagagem cultural.” (Neto, 1999)

**Figura 4** – Triângulo Pedagógico.



Comparando a situação da escola rural com o triângulo de Jean Houssaye, 1988, citado por (Nóvoa, 2001, p. 2), o saber seria o terceiro excluído, pois a ligação priorizada passa a ser o professor/estudante de forma unilateral, distantes da necessidade e desejos do estudante.

Esse processo, dentre outros, tem contribuído para formação de jovens desmotivados para os conhecimentos escolares, com baixa auto estima, com dificuldades de segurar em suas mãos o seu destino e a sua aprendizagem.

Para Ciscato, os principais problemas do ensino brasileiro, são: “ 1) ênfase a memorização de fatos, símbolos, nomes, fórmulas, reações, equações, teoria e modelos sem ter quais quer relações entre si; 2) a total desvinculação entre o conhecimento científico e a vida cotidiana; 3) ausência de atividades experimentais bem planejadas; 4) seqüência de conteúdos inadequada; 5) extensão

do programa, priorizando a quantidade em detrimento da qualidade; 6) atrelamento do curso de ensino médio ao vestibular; 7) dogmatismo do conhecimento científico.”(Ciscato, 1991, p, 16).

A juventude brasileira do campo distante das oportunidades urbanas, valorizadas pela escola, sente-se alheia a esse modelo escolar, o que gera uma baixa auto-estima, desinteresse pelas aprendizagens escolares e o sentimento de culpa por não aprender. A vítima torna-se culpada, o que leva à repetência ou à evasão escolar. Esta situação é demonstrada pelas estatísticas de baixa escolaridade, onde 32,7% da população rural é analfabeta e 1/3 das crianças de 7 a 14 anos da zona rural não têm escola. Apenas 2% dos jovens rurais têm acesso ao Ensino Médio, (IBGE. 2001).

Atualmente, como fruto da luta da rede do movimento das organizações civis do campo brasileiro, foi aprovada o parecer nº 36 de 2001 e a resolução nº 01 de 2002 da Câmara de Educação Básica do Conselho Nacional de Educação, que institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo. Essas leis reconhecem o papel estratégico da educação no desenvolvimento rural sustentável dos estados e municípios; reafirmando, assim a prioridade que a Educação Rural deve ocupar no Plano Nacional de Desenvolvimento Sustentável do Brasil Rural, proposto pelo Conselho Nacional de Desenvolvimento Rural sustentável. Agora, cabe ao povo lutar para implementação dessa escola, que em 500 anos vê pela primeira vez, uma lei que trata da educação do campo.

#### **4.3- A Proposta Pedagógica dos CEFFA's**

Como uma alternativa de escola voltada para o interesse das populações camponesas, apresento de forma resumida, a origem e os quatro pilares que norteiam as escolas da alternância em todo o mundo.

Os CEFFA's – Centros Familiares de Formação por Alternância – denominação cunhada no Brasil para atender às redes de escolas da alternância - A Casa Familiar Rural e a Escola Família Agrícola - vêm ocupando o espaço vazio da educação do campo deixado pelo poder público.

O movimento das Escolas da Alternância surgiu na França em 1935, por iniciativa de três famílias que queriam dar aos seus filhos uma formação adaptada ao meio rural, com a contribuição do pároco Granerou da Diocese do pequeno povoado do sudoeste francês Serignac-Pébondon. A origem da Escola foi precedida por uma ampla discussão sobre os problemas que enfrentavam os agricultores franceses daquela época e sobre fatos relativos ao campo, que aconteceram em décadas anteriores, feita pelos movimentos voltados para o campo, principalmente pelo Movimento Sillon, Sindicato Rural, Secretária Central de Iniciativa Rural – SCIR.

A escola nasce quando o pai Jean Peyrat, agricultor, líder sindical, encontrou no seu filho Yves, então com 12 anos, a resistência para fazer os estudos complementares, na cidade de Canton. O mesmo, em 1935 recusou o estudo urbano e decidiu trabalhar na propriedade do pai.

A partir desse fato na família, Peyrat, juntou-se ao padre Granerou e na discussão sobre o assunto se convenceram da necessidade da criação de uma escola para formar agricultores, pois o desenvolvimento da agricultura precisava de uma formação agrícola sólida, o que as escolas existentes não lhes assegurava, além de desestimular os jovens a permanecerem no campo.

Outros dois pais concordaram com a proposta, Callewaert, com dois filhos, e Edouard Clavier com um filho. Os quatro formaram a primeira turma que foi confiada ao padre Granerou, no dia 21 de novembro de 1935, para iniciar um novo modelo de escola para os jovens do campo.

Na casa paroquial os estudantes ficavam uma semana que alternavam com três semanas na propriedade familiar. No ano seguinte foram matriculados dezessete estudantes e em 1937 com quarenta alunos, os pais inauguram a primeira Maison Familiar Rural, na cidade de Lazun.

O curso foi planejado para possibilitar a formação técnica, formação geral e formação humana. O regime de internato na casa paroquial evitaria a perda de tempo ao ir e voltar para casa e possibilitaria ganhar com a vida em grupo e com o ambiente de estudo. No tempo família, os estudantes desenvolviam as práticas, leitura da realidade com a família, questões para o período da escola e estudo para compreender ou solucionar os problemas levantados na sua realidade.

Em 1936, ao concluir o 1º ano de experiência proposto, os quatro estudantes foram avaliados pela Escola de Agricultura de Purpan, com a participação da comunidade e os resultados surpreenderam os avaliadores, que aprovaram a proposta, pois a mesma contemplava tanto a formação técnica como a formação geral.

A idéia se expandiu, e em 1945, já havia na França sessenta Maisons Familiares Rurais. “Hoje, há 1000 associações de Casa Familiar Rural, implantadas em 30 países, que trabalham com a formação por alternância de jovens e de adultos e com o desenvolvimento do meio, num espírito de solidariedade, através de valores humanos e familiares” (Peres et al, 1998, p.42).

Com as informações copiladas nos documentos da UNEFAB, posso dizer que no Brasil, a Pedagogia da Alternância teve seu início na cidade de Anchieta no Espírito Santo em 1969, com a denominação de Escola Família Agrícola – EFA, e, em 1986 no Paraná, com a denominação de Casa Familiar Rural – CFR. Atualmente as CEFFA’s estão presentes em 22 estados brasileiros, ultrapassando 200 unidades em funcionamento, atendendo cerca de 15.000 alunos, filhos de 100.000 agricultores (as), abrangendo cerca de 500 municípios. Estas escolas já formaram mais de 30.000 jovens, dos quais 87% permanecem no meio rural, desenvolvendo seu próprio empreendimento junto às suas famílias ou exercendo vários tipos de profissões e lideranças no campo.

Atualmente, esse modelo de escola, está presente em cinco continentes. E têm, como características comuns, os quatro pilares a saber: 1) À associação das famílias ; 2) A Pedagogia da Alternância; 3) A Formação Integral da Pessoa; 4) O Desenvolvimento do meio local.

### **A Associação das Famílias**

Compreendendo a família como a responsável pela educação do filho (a), e a escola como uma parceria desta educação, o modelo da Escola da Alternância necessita de uma família que participe ativamente, e que esteja empenhada na construção da escola que quer para seu filho (a). Participar da gestão de um CEFFA, quer dizer, viabilizar o seu funcionamento nos campos econômico pedagógico e administrativo organizacional.

Para alcançar esse objetivo a rede dessas escolas trabalha a formação das famílias e de lideranças de forma específica, no sentido do preparo para atuação na Associação. A organização dos pais/mães agricultores(as), (trabalhadores(as) rurais, meeiros, parceiros, assentados, reassentados), no sentido de discutirem a educação dos seus filhos, abre espaços para a discussão de outros temas de interesses comuns, possibilita a participação, melhora os níveis de satisfação pessoal, auto estima, lazer e de convivência. Os pais ensinam e aprendem e esse esforço motiva os próprios filhos no seu processo formativo.

Neste sentido, ao matricular o seu filho em uma escola da alternância, os pais estão se dispondo a participar da formação dos filhos, da sua própria formação e da luta para o desenvolvimento do meio em que vivem. “A pedagogia da alternância pressupõe o engajamento dos pais na responsabilidade com a educação de seus filhos” (Peres, 1998, p.38).

### **A Pedagogia da Alternância.**

Foi colocado Jean Claude Daigney, no Congresso comemorativo dos 25 anos da AIMFR, que “A Pedagogia da Alternância não é um modelo a reproduzir, mas um caminho a construir permanentemente, identificando bem os obstáculos e os recursos” (AIMFR, 2000, p. 93)

A Pedagogia da Alternância consiste em um processo formativo em que há espaços, tempos e formadores diferentes, onde o estudante deve ser sujeito da sua aprendizagem e a família deve assumir, como principal responsável pela educação do seu filho(a). Existem dois tempos de formação, o tempo no Centro Educativo em internato, (semanal ou quinzenal), que se alterna com outro tempo no coletivo de origem, famílias, comunidade e os espaços de estágios. Essa formação é orientada pelos monitores e exige a participação de outros formadores - família, mestres de estágios, monitores – educadores, lideranças comunitárias e outros profissionais externo à escola.

Esse processo formativo é articulado pelos instrumentos pedagógicos da pedagogia da alternância, que colocam o estudante como dono do seu destino no processo de aprendizagem. O estudante é estimulado a construir o seu projeto de vida, o que dará sentido na busca dos

conhecimentos que estão ao seu redor. Como também, colocar os conhecimentos a serviço da geração de renda na propriedade familiar e em atividades comunitárias locais. Para Anne-Marie Drovin “A alternância é uma das modalidades de abertura da escola ao mundo do trabalho.” (Drovin, 1995, p.7)

Segundo Gimonet “A alternância significa, sobretudo, uma outra maneira de aprender, de se formar, associando teoria e prática, ação e reflexão, o empreendido e o aprender dentro de um mesmo processo. A Alternância favorece essa maneira de aprender pela vida, partindo da própria vida cotidiana, dos momentos experienciais, colocando assim a experiência antes do conceito.” (Gimonet, 1999, pp.44-45)

A Pedagogia da Alternância é formada por instrumentos pedagógicos específicos, que têm como finalidades, garantir que as aprendizagens e experiências do meio em que vive o jovem se relacionem com as aprendizagens dos conhecimentos científicos que estes estudam no centro de formação, são: (Plano de Estudo, Colocação em Comum, Caderno da Realidade, Acompanhamento Personalizado, Caderno de Acompanhamento Personalizado, Caderno da Propriedade, Visita à Família, Viagem de Estudo, Projeto Profissional de Vida, Estágios, Retorno, Intervenção Externa, entre outros).

Para Jean-Claude Daigney, “A Pedagogia da Alternância consiste principalmente em criar laços, dar sentido ao que se aprende e, sobretudo lhe dar volta: não só sobre o professor, senão também o aluno e tudo o que lhe rodeia. O que interessa e acertar com as perguntas mais do que dar as respostas.” (AIMFR, 2000, pp. 95-96).

### **A Formação Integral**

No diálogo com vários autores sobre os diversos sentidos que tem o termo formação, fiz uma opção pelo conceito de Couceiro,- que trabalha, “formação como o processo permanente de construção da pessoa em todas as suas dimensões humanas, na transação consigo mesma, com os outros e com o ambiente” (Couceiro, 2002, p.1).

Um CEFFA, que busca a formação integral, está na linha do paradigma emergente e procura trabalhar o jovem, para além do conhecimento científico, nos aspectos políticos, sociais, espirituais, ecológicos, econômicos, filosóficos, sociológicos, artísticos, e outros.

Esse processo requer uma diversidade de formadores desde a família, pessoas da comunidade, lideranças comunitárias mestres de estágios e outros profissionais de áreas afins e o monitor que coordena essa rede de formação.

A efetivação de cada instrumento pedagógico requer a participação ativa do estudante e de diferentes parceiros da formação. O centro educativo é o espaço do planejamento e da reflexão desses trabalhos, o espaço família/comunidade é o lugar de recolha de informações da realidade e da ação. É a práxis pedagógica freiriana - Ação-reflexão-Ação .

### **Desenvolvimento do Meio.**

A formação escolar tem sido historicamente contrária à permanência do jovem no campo. Está no imaginário das pessoas, principalmente dos pais, que o filho estuda para conseguir um emprego, e um emprego urbano, pois o campo nesta perspectiva é atrasado, o trabalho pesado na terra é sinônimo de sofrimento.

Um CEFFA tem nesse pilar um objetivo: ou se consegue o desenvolvimento do meio, ou o jovem migra para os centros urbanos à procura de uma melhor qualidade de vida, o que nem sempre encontra.

Para Emiliano Ortega “O desenvolvimento rural se inicia quando se consegue elevar a auto-estima dos jovens, das famílias e das comunidades rurais. Povos ou casarios vazios, necessidades elevadas de capital, e deficiente formação técnica, dificuldade de inserção remunerativa nos mercados, provocam entre os jovens desanimo ou ao menos algumas dúvidas.” (AIMFR, 2000, p. 40)

A oportunidade de freqüentar um CEFFA, exige uma contrapartida do estudante, que: 1) seja sujeito da sua própria formação e que a família participe ativamente do processo para contribuir com sua realização pessoal e coletiva; 2) adquira conhecimentos para melhorar a renda, as condições sócio-econômicas; 3) participe nas organizações comunitárias; 4) resgate a cultura do povo; 5) Tenha uma produção agrícola limpa, utilizando os princípios da ciência agroecologia buscando assim o desenvolvimento sustentável e solidário.

O jovem tem no centro educativo uma proposta para o desenvolvimento de suas potencialidades, que poderão ser colocadas em prática, principalmente junto à família e comunidade local, no sentido da melhoria da qualidade de vida. “(...) Existem porém muitas possibilidades de geração de renda em ocupações rurais não agrícolas que não têm recebido devida atenção do estado e da sociedade e que poderiam ampliar consideravelmente os atuais níveis de ocupações, em especial dos jovens e das mulheres”. (Deser, 1998, p. 2).

Com essa proposta temos várias outras entidades da sociedade e instituições, que formam uma rede na luta para promoção do desenvolvimento local. Neste processo, o jovem é estimulado a participar cada vez mais, a sentir-se útil e a realizar sonhos.

### **Conclusão:**

Por compreender que a formação adequada para os jovens rurais é salutar para o desenvolvimento sustentável das comunidades camponesas, menciono as seguintes reflexões:

A riqueza cultural da população camponesa deve ser resgatada, valorizada e utilizada, pois esses conhecimentos têm um conteúdo humano e ecológico de fundamental importância para a formação das pessoas e para a construção do desenvolvimento sustentável.

A escola do campo tem que ser construída com a participação efetiva das comunidades envolvidas, livres das amarras burocráticas da escola urbana e com um currículo próprio que considere a bagagem cultural dos povos do campo.

A juventude do campo pelas próprias características desta fase de vida, tem muito, a oferecer para o desenvolvimento local e necessita de oportunidades e orientação. E a escola do campo deve existir, também para isso.

Apesar dos avanços dos movimentos sociais no que tange as leis sobre a educação do campo, o caminho da concretização dessa escola é longo e necessita da organização das comunidades camponesas no sentido de exigir, participar e sugerir a escola de sua comunidade.

Está comprovado por muitos estudos, que o campo é a saída para resolver dois graves problemas brasileiros que são a fome e a falta de postos de trabalho. Compreender isso, buscar tecnologias e conhecimento para melhorar a produção e, conseqüentemente, melhorar qualidade de vida dessas populações, deve ser missão da escola do campo.

A formação das pessoas e o desenvolvimento humano são pré-requisitos para o desenvolvimento sustentável local. A negação das políticas públicas se deve à falta de clareza das populações camponesas sobre os seus direitos. Só se cobra quando se tem consciência da existência da dívida.

O desenvolvimento local depende das pessoas com competências e conhecimentos para lidar com as novas tecnologias, com a preservação do meio ambiente e com a geração de renda. A formação de jovens rurais tem que atender a essa necessidade e contribuir para a melhoria da qualidade de vida da comunidade local.

O CEFFA's tem comprovado ao longo dos seus 68 anos de história, ser uma alternativa para a formação de filhos (as) de agricultores familiares. No Brasil, necessita ser reconhecida pelos governos, no sentido de ser paga com o dinheiro público, pois é esse um direito das famílias de trabalhadores rurais.

Esses são alguns pontos da minha reflexão sobre os temas discutidos neste capítulo, a seguir faço uma recapitulação conclusiva de todo essa primeira parte..

## CONCLUSÃO À PARTE I

Chego a conclusão da primeira parte desta investigação intitulada - aprendendo com os teóricos -, nessa parte foi realizado o estudo sobre o terreno e uma revisão teórica dos eixos de análises desta pesquisa, levanto agora algumas pontos desta reflexão.

O Estado do Tocantins e, especificamente, à cidade de Porto Nacional são espaços de vocação para a agropecuária, e necessitam de políticas públicas para o campo, e principalmente, para investir na formação das populações camponesas, no sentido de sair do subdesenvolvimento. Dificilmente terá êxito qualquer projeto de desenvolvimento se não levar em conta atividades formativas adequadas para as pessoas envolvidas no processo.

O modelo de educação proporcionado pela Escola Família Agrícola, dentro dos princípios da Pedagogia da Alternância, é uma Alternativa, se não a única, para juventude rural dessa região e tem uma proposta que favorece a formação da pessoa. O tempo histórico de atividades dessa escola e seus resultados podem favorecer a divulgação da proposta e a expansão da rede no Estado do Tocantins.

A juventude da região da pesquisa vive numa situação de muita pobreza material gerada pelo abandono dos governantes com o povo do campo por meio da negação de políticas públicas, como, educação de qualidade, assistência técnica, política agrícola, entre tantas outras. Em contrapartida tem dentro de suas potencialidades uma riqueza cultural que deve ser resgatada, valorizada e preservada, principalmente, pelos seus conteúdos significativos na formação do humano das pessoas.

A participação social fica compreendida como uma estratégica no exercício da cidadania. Uma necessidade dos trabalhadores (as) nas lutas reivindicatórias contra o poder do estado para obter os seus direitos historicamente negados. E ainda como uma ação de vigilância da democracia, tantas vezes atingida, por governantes sem compromisso com o povo.

A participação social deve ser uma ação formativa, para essas populações descobrirem a origem da sua realidade tão pobre e engendrar coletivamente as alternativas para fazer as mudanças necessárias que venha melhorar a sua qualidade de vida. A pobreza é fabricada com a ignorância dessas populações.

Em relação ao desenvolvimento humano se compreende como uma necessidade do indivíduo de usar toda a extensão de suas capacidades diante das oportunidades que lhe for possível. Existem duas situações, uma interna ao indivíduo e outra externa que dependem das possibilidades do meio circundante.

Quanto ao desenvolvimento sustentável, vejo como uma necessidade urgente, no sentido de se fazer mudanças individuais, sociais e ambientais que possam modificar a nossa relação com as outras pessoas e com o meio ambiente. A sobrevivência de futuras gerações no planeta Terra depende das nossas ações hoje. Ainda entendo, que há uma corrente de pensamentos nas diversas áreas do conhecimento que se encontra na construção de outro modelo de desenvolvimento, no paradigma emergente.

O conceito de formação é complexo com uma diversidade de significados, dentre tantos busquei para esse trabalho o que vem no sentido do indivíduo construir, ou descobrir a sua forma. A necessidade de ser sujeito, de tomar em suas mãos o seu próprio destino, de ir se lapidando permanentemente na busca da melhor forma possível.

A teoria tripolar da formação apresenta os processos formativos levando em conta o meio ambiente, a própria pessoa e os outros. Levanta a questão ecológica, a questão do indivíduo como sujeito, e a formação pelos outros que exige a interiorização, reflexão e matrizes experienciais. Mostra uma outra possibilidade de educação, que considera o aprendiz com toda a sua bagagem de experiência e necessidades de auto-reflexão.

Avançando no triângulo da teoria da formação, compreendo a coformação entre a autoformação e a heteroformação, uma formação entre pares, sem hierarquia de poder, tão comum no mundo dos adolescentes, e importante na construção da identidade dos mesmos.

A fase de vida denominada juventude tem suas características próprias, que as vezes não são compreendidas pelos adultos, que vemos os jovens como miniaturas de adultos, esse tempo é marcado pelas incertezas, preocupações com o futuro, construção da identidade própria, das mudanças biológicas que afetam o comportamento, o modo de ser entre tantas outras coisas. Há necessidade de compreensão e de orientação por parte dos adultos.

As questões econômicas, principalmente, fazem surgir várias juventudes, umas pobres, outras ricas, umas marginalizadas, outras privilegiadas, umas que sofrem com as dores da miséria, outros que vivem o luxo. As poucas oportunidades têm deixado muitos jovens sem perspectivas de futuro, além dos problemas desta fase de vida eles também enfrentam os problemas sociais do mundo contemporâneo.

No Brasil não há uma proposta governamental para a formação dos jovens do campo. As escolas da zona rural utilizam a mesma proposta da escola urbana e têm dificuldades por falta de profissionais preparados, baixos salários, faltam de estrutura física e pedagógica, entre outras. Esse tipo educação tem gerado desestímulos nos estudantes, que resultam em poucas aprendizagens significantes para o seu cotidiano e desinteresses para os conhecimentos científicos.

A proposta do CEFFA's no Brasil tem comprovado, como também, no resto do mundo ser uma alternativa para a formação de jovens do campo. Com o seu projeto pedagógico que atendem os jovens levando em conta as suas experiências, suas realidades, articulado com uma rede de parceiros, inclusive a família, com o objetivo de promover o desenvolvimento do meio ela se diferencia da escola tradicional que se tem no campo.

Chego ao final da primeira parte desta dissertação que tratou da revisão de literatura para o aprofundamento teórico desta investigação. A segunda parte trabalha a parte empírica da pesquisa, o capítulo seguinte define a problemática e a metodologia do trabalho.

## **PARTE II**

**A construção do conhecimento – Aprendendo com os jovens do campo.**

## **INTRODUÇÃO À PARTE II**

A segunda parte desse trabalho de investigação se refere aos dados empíricos e foi intitulada de “Construção do conhecimento – Aprendendo com os jovens do Campo”. Essa parte também está dividida em quatro capítulos, como segue:

O capítulo V é referente à problemática, parte de uma questão principal e outras complementares, no sentido de compreender como se dão os processos formativos que levam jovens camponeses a participarem efetivamente das organizações sociais do seu meio.

Sobre a metodologia é feito um rápido trabalho teórico na tentativa de clarificar os conceitos sobre os termos, metodológica, método e técnicas de recolha de dados em uma investigação científica. Foram utilizados teóricos como Quivy, Barbier, Triviños entre outros

As opções metodológicas descrevem o caminho percorrido para a realização da investigação. Desde a seleção dos três estudantes, as entrevistas, as transcrições e os trabalho de construção das grelhas.

No capítulo VI, o material empírico é trabalhado, com as grelhas de análises. Num primeiro momento leitura de aprofundamento das falas, análises nas grelhas verticais e depois análises nas grelhas temáticas no sentido horizontal e vertical. Selecionando os recortes do discurso dos entrevistados, para um trabalho de análise a luz das falas dos teóricos..

No capítulo VII, retorno ao meu referencial teórico para relacionar com os discursos recortados, agora por categorias – Formação, participação e relação formação participação. Essas falas aparecem no corpo deste capítulo.

Finalizando, descrevo principalmente sobre as dificuldades que encontrei ao trabalhar pela primeira vez com a pesquisa qualitativa.

## CAPÍTULO V – O PONTO DE PARTIDA E O CAMINHO DA PESQUISA

### **Introdução:**

*“Como a pesquisa... poderia tornar-se útil à ação do simples cidadão, organização, militantes populações desfavorecidas e exploradas?”*

*France, 1981.*

Ao começar a segunda parte deste trabalho de investigação levanto a problemática que acompanha todo processo de estudo, e também, apresento as opções metodológicas utilizadas na busca de dados no campo empírico.

Com esse estudo pretendo compreender como se dá os processos formativos que levam os jovens camponeses à participação ativa nas organizações sociais do seu meio. Outras questões complementam essa primeira. Que saberes e estratégias privilegiam e utilizam? Como se vêem no contexto? Quais são seus valores e sonhos? Qual nível de satisfação pessoal? Como percebem os diferentes espaços de formação? Em que acredita o jovem camponês de hoje?

Esse estudo se justifica por ser uma produção de conhecimento que vem revelar o saber e o saber fazer de uma parcela da sociedade que é excluída neste país – os trabalhadores (as) rurais e entre esses, os jovens. A sistematização desses conhecimentos poderá contribuir com a proposta de educação que se luta, com os movimentos organizados, mas também, para tomada de consciência, dos próprios jovens, sobre as suas possibilidades e desafios.

A pesquisa é proposta dentro do quadro conceptual do paradigma emergente e para isso buscou as metodologias de investigação das Ciências da Educação, trabalhou com o método qualitativo e utilizou uma triangulação de técnicas de recolha de dados, anotações de campo, análises documentais e entrevistas semi-diretivas.

O tratamento dos dados se deu por meio da transcrição das entrevistas gravadas, recortes de cada entrevista, construção de grelha vertical para análise de cada fala e grelha horizontal para análise por categoria de temas.

### **5.1- A Problemática**

Com o tema central deste estudo – Formação de Jovens e Participação Social – no contexto da zona rural com condições sócio-econômicas totalmente adversas, pretendo compreender os processos formativos que levam os jovens camponeses à participação ativa nas organizações sociais do seu meio.

Pretendo ainda, responder as seguintes questões:

1) Que saberes privilegiam e que estratégias utilizam?

Essa questão nos leva a temas, como: saberes experiências, saberes formais, competências adquiridas na escola, na família, na comunidade, no trabalho, no próprio movimento, etc.

2) Como se vêem neste contexto?

A questão sugere temas como: consciência, auto-reflexão, capacidade crítica, leitura de mundo, participação e outros.

3) Quais são seus valores e sonhos?

Essa propõe temas como: família, cultura camponesa, escola e movimentos sociais, juventude, futuro, etc.

4) Como percebem os diferentes espaços, tempos e formadores?

Essa questão nos remete aos temas autoformação, heteroformação, ecoformação e coformação.

5) Em que acredita o jovem camponês de hoje?

A questão nos propõe os temas, família, escola, organização comunitária, juventude, movimento.

6) Qual o nível de satisfação pessoal?

A questão busca a subjetividade, o sentimento, a emoção, o prazer, etc.

Esse trabalho afirmo, se justifica pela produção do conhecimento com os saberes de uma parcela excluída da sociedade vigente – os jovens e suas famílias trabalhadores(as) rurais, vítimas de um modelo de desenvolvimento excludente. Há também, a necessidade de desocultar os saberes e o saber fazer do povo camponês e que esses anônimos possam saber da sua força e com a tomada de consciência, possam lutar para mudar a atual situação social em que se encontra.

Compreender a situação dos jovens no processo de participação social é relevante primeiro pela necessidade de pessoas atuantes de serem reconhecidas pelos seus saberes, depois, porque os jovens são sensíveis aos problemas sociais, como também, às características que marcam essa fase da vida. Indignação e ação são potenciais que devem ser orientados à serviço da comunidade local.

O estudo, a sistematização e a divulgação sobre a juventude e, principalmente, as questões do campo brasileiro são mínimas, o abandono do campo também acontece por parte das instituições de pesquisa e de ensino. A Escola do Campo que está sendo viabilizada através da luta dos trabalhadores tem que se propor a isso – à pesquisa e divulgação dos saberes das populações camponesas.

Segundo Lainé, citado por Montenegro, “enquanto os saberes e saberes fazerem não forem identificados, nomeados, reconhecidos por aqueles que os detêm, permanecem implícitos e pouco generalizáveis. O valor e o alcance formativo da experiência vivida serão efetivos apenas quando forem reconhecidos posteriormente à ação vivida pelo sujeito”. (Montenegro, 2000, p. 15)

## **5.2- Metodologia**

O processo metodológico na investigação científica é complexo e de fundamental importância para validação do trabalho científico, e ainda, os termos metodologia, método e técnicas de recolha de dados e técnicas de tratamento de dados, se tornam tão imbricados que necessitam de uma rápida conceituação.

## **O que é metodologia?**

“Por metodologia entende-se um processo heurístico que conduz a um determinado produto de investigação. Não se trata apenas de um conjunto de técnicas de recolha e de análises de dados, com quem por vezes é identificada, mas de uma atividade crítica que se aplica aos diversos produtos e processos da pesquisa”. (Almeida, 1997, p.2).

A possibilidade de pesquisar o meu próprio fazer, a participação dos jovens estudantes no meio social, me levou aos desafios: da reflexão da minha própria prática, ao distanciamento da ação e principalmente da vigilância ao rigor científico, em que você deve fazer pesquisa científica, onde ciências não seja sinônimo de positivismo, sem cair no acionismo.

De acordo com Kuan in Almeida “ todo o processo de construção e de desenvolvimento do conhecimento científico tem subjacente a aceitação de um determinado paradigma e portanto, a aceitação de determinadas regras e princípios que orientam e regulam o processo de investigação”. (Almeida, 1977, p. 1)

Sendo essa uma investigação em Ciências da Educação, dentro do quadro conceptual do paradigma emergente, trabalha-se com os princípios do método qualitativo.

Quivy diz, que ela nos ensina “ a compreender melhor os significados de um acontecimento ou de uma conduta, a fazer inteligentemente o ponto da situação, a captar com maior perspicácia as lógicas de funcionamento de uma organização, a refletir acertadamente sobre as implicações de uma decisão política, ou ainda a compreender com mais nitidez como determinadas pessoas aprendem um problema e a tornar visíveis alguns dos fundamentos das suas representações”. (Quivy, 1998, p. 19)

## **O Método na Investigação Científica:**

O método ou estratégia de pesquisa utilizado neste trabalho se enquadra no paradigma qualitativo, que para Almeida “(...) conotando com posições epistemológicas construtivistas

contemporâneas, ao constituir-se radicalmente contra o consenso positivista identificando com o paradigma quantitativo, propõe uma teoria do conhecimento por via de uma nova concepção do que é conhecer e do processo de conhecimento e portanto, uma transformação de nossa relação com o saber”. (Almeida, 1997, p.2)

Esse paradigma desmistifica a ficção de que a ciência e o pesquisador são neutros e distantes da realidade pesquisada e realça o significado do sujeito. Para Morain, citado por Almeida, “o sujeito se reintroduz de forma autocrítica e auto reflexiva no seu conhecimento dos objetos” (Almeida, 1997, p. 5).

“A investigação científica não pode, portanto, ser considerada como uma atividade neutra, que obedeça apenas á sua própria lógica interna e que funcione independentemente do contexto social, histórico e econômico e, em que os investigadores/cientistas possuem um método todo poderoso e infalível para alcançar a verdade” (Almeida, 1997, p. 7).

“O trabalho científico surge como um processo humano, feito pelos homens, para os homens e com os homens” Fourez, citado por (Almeida, 1997, p.7)

Esse método no pensamento Thiollent “Possibilita os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema se envolverem de forma cooperativa ou participativa.” (Thiollent, 2002, p.14) Partindo desse conceito, vejo a pertinência deste método neste trabalho de pesquisa, onde as pessoas não foram consideradas meros objetos da investigação, ao contrário participaram para a produção do conhecimento que deverá possibilitar discussão e resolução dos problemas atuais relacionados com o tema.

“Todavia, assumir-se que todo o processo de investigação é uma construção pessoal, e, portanto, reconhecer-se que não faz sentido reivindicar que o conhecimento é neutro e desinteressado, isso não significa que esse processo não seja conduzido de forma metódica e rigorosa, nem que os resultados de investigação sejam eminentemente subjetivos “. (Almeida, 1997, p. 7).

### **Técnicas de Recolha de Dados:**

Utilizamos nesse trabalho, como técnicas de recolha de dados, uma triangulação de técnicas como caderno de campo, análises de documentos e a entrevista semi-diretiva.

O caderno de campo é definido por Treviños como: “uma expressão quase sinônima de todo o desenvolvimento da pesquisa”. (Treviños, 1987, p.154) É um trabalho de observação direta no espaço de pesquisa que depende quase que totalmente do observador.

A observação exige do pesquisador a “escuta sensível” (Gatti), a implicação no processo. “Ele percebe como está implicado pela estrutura social na qual ele está inserido e pelo jogo de desejos e de interesses de outros. Ele também implica os outros por meio do seu olhar e de sua ação singular no mundo. Ele compreende então, que as ciências humanas são essencialmente, ciências de interações entre sujeito e objeto de pesquisa(..)”. (Barbier, 2002, p. 15).

A análise de documentos é definida para Chamier, citado por Nascimento “uma operação ou um conjunto de operação visando representar o conteúdo de um documento sob uma forma diferente da original, a fim de facilitar num estudo ulterior a sua consulta e referenciação”. (Nascimento, 2000, p.28)

Segundo Thin in Montenegro “A entrevista é uma situação social particular na qual as pessoas inquiridas são levadas a interrogar-se sobre as suas práticas, sobre as suas relações de modo diferente daquele que aprendem normalmente as relações ou as práticas. A entrevista supõe um mínimo de retorno reflexivo que não exige uma ação imediata, O discurso emitido durante as entrevistas está dependente da relação que se estabelece entre o investigador e a investigação e, nomeadamente, a distância ou a proximidade social entre um e outro” (Montenegro, 2003, p. 12).

Segundo Costa, in Montenegro “É uma situação em que a presença do investigador se impõe de maneira muito forte, em que o peso relativo do impacto social da pesquisa é muito elevado”. (Montenegro, 2003, p. 12).

Este método necessita de uma situação de confiança entre o pesquisador e pesquisado e uma compreensão do tema a ser tratado. É uma técnica que apesar do nível de liberdade que apresenta ter é controlado pelo investigador que conduz para os seus objetivos.

A entrevista gravada é recomendada por Treviños “(...) a gravação da entrevista, ainda que seja cansativa sua transcrição. Somos partidários disto fundamentalmente por duas razões surgidas de nossa prática como investigadores. A gravação permite contar com todo o material fornecido pelo informante o que não ocorre seguindo outro meio. Por outro lado, e isto tem dado para nós muitos bons resultados, o mesmo informante pode ajudar a completar, aperfeiçoar e destacar, etc. as idéias por eles expostas, caso o fizermos escutar suas próprias palavras gravadas”. (Treviños, 1987, p. 148),

### **5.3- Opções Metodológicas Utilizadas:**

A escolha do público e a recolha de dados da pesquisa aconteceram no período de agosto de 2002 a junho de 2003, com os estudantes da Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO. O tratamento dos dados e a redação final, de agosto de 2002 a dezembro de 2003.

A escolha do grupo de estudo recaiu sobre a turma de 3ª série do Ensino Médio, devido principalmente, a três critérios pré-estabelecidos: 1) tempo na escola - sete anos de experiências educativas na EFA; 2) participação na organização comunitária - Foi levantado que 47% da turma participa das diretorias de associações; 3) participação em outros movimentos - Pastoral da Juventude, Movimento dos Atingidos de Barragens, Conselho Municipal Desenvolvimento Rural Sustentável, Grupos de Jovens, etc.

Como disse Digneffe, citado por Montenegro “ a seleção dos entrevistados realiza-se em função da problemática da investigação”. (Montenegro, 2003, p.7)

Na primeira etapa, com a técnica de observação direta, foram anotadas no caderno de campo as atividades coletivas da turma que foram consideradas representações de participação baseados

em alguns indicadores como: capacidades de argumentação, auto-reflexão, tomada de decisão, ações na escola, no social, e no profissional que fossem relacionados com a participação.

Dessas anotações foi feita a seleção dos três estudantes, uma do sexo feminino e dois do sexo masculino que foram selecionados por emergir sobre os demais colegas no processo de participação. Os três estudantes são diretores de associações comunitárias locais; atuam em outros movimentos; têm coordenado atividades importantes junto à comunidade local e têm contribuído bastante nas atividades coletivas da escola.

As anotações de campo foram deixadas por causa de algumas falhas técnicas pois, priorizei os resultados em detrimento do contexto em que elas foram realizadas e para evitar maiores problemas, não citei esses dados no corpo deste trabalho.

Dando continuidade, trabalhei a análise de documentos da escola – a proposta pedagógica, o plano de formação, regimento interno, relatórios de avaliação, atas de reunião da associação, material de estudantes como caderno da realidade e caderno de acompanhamento, que teve como objetivo ver a coerência entre a prática e a teoria. Como também, sistematizar a diversidade de atividades pedagógicas realizadas no cotidiano da escola.

E para concluir a recolha dos dados, apliquei as entrevistas, que foram gravadas, aplicada individualmente, com data, hora e local acertados anteriormente, procurando garantir a privacidade e o clima de confiança. Foi lido todo guião de roteiro e acordados sobre a gravação. A partir daí feita cada questão, se ouviu atentamente ora ou outra, fazendo outras questões complementares para dirigir a entrevista para o meu objetivo.

Ao encerrar a entrevista que teve duração média de 20 minutos, perguntei a cada um se desejava ouvir o que tinha falado, todos aceitaram e ouviram suas próprias vozes. Quando interrogados sobre a gravação, concordaram com o que tinha dito, dois dos entrevistados comentaram sobre a quantidade de monólogos repetidos em suas falas, exemplo: né, bom, hem, ah, é, etc, encerrando assim essa parte do trabalho.

Foi feito um acordo anterior a entrevista, que haveria sigilo sobre os seus nomes, que cada um deles seria representado por pseudônimo.

A revisão da literatura foi realizada paralelamente com os estudos ao longo dos dois anos de curso, em que me foram sugeridos alguns autores. Algumas palavras-chave emergiram do título, dos objetivos e da questão-problema inicial, ou, das entrevistas com as categorias temáticas. Foram utilizadas grelhas de leituras na revisão do material bibliográfico consultado, as mesmas utilizadas na redação do trabalho.

### **Tratamento dos dados:**

Os tratamentos dos dados foram realizados em três etapas. A primeira, a transcrição das entrevistas. A segunda, grelha de interpretação geral e a terceira, grelha de interpretação por categorias em temas.

Na primeira fase transcrevi as entrevistas de forma individual, preparei o material bruto das gravações, fiz algumas leituras tentando compreender o material obtido e a partir dessa leitura comecei a fazer recortes. Esses recortes tinham por base a problemática, o título e os objetivos da pesquisa, ou, temas que emergiam dos escritos. Essa primeira classificação me levou a construção de grelhas.

Na segunda fase utilizei uma grelha com as questões e as respostas em recortes, onde na vertical tinha um entrevistado e as respostas de todas as questões e na horizontal uma questão e as respostas dos três entrevistados. Os recortes retiravam os monólogos e as falas insignificantes no âmbito desse trabalho. Busquei a interpretação vertical e horizontal e fiz as anotações das primeiras impressões sobre o material. O que sugeri uma grelha por tema. Fiz duas: uma sobre a formação e a outra sobre a participação.

Na terceira fase, foram feitos novos recortes do material, agora do material da segunda fase, criadas grades de categorias por temas e colados nesses recortes e depois, as leituras e as tentativas de interpretação. As interpretações vertical e horizontal, possibilitaram a comparação e

a seleção das falas que foram aproveitadas no texto, principalmente nos capítulos VI de análise dos dados e VII da relação teoria com os dados.

### **Conclusão:**

O caminho percorrido na pesquisa é de fundamental importância na validação dos trabalhos de investigação científica, no sentido de responder às discussões sobre ser ou não ser científico. Diante disso, levanto alguns pontos interessantes neste capítulo:

A pergunta problema, ou a problemática e os objetivos em forma de questão foram às balizas orientadoras de todo o processo da pesquisa, muitas vezes tive recorrer a elas para não me perder. Da mesma forma, os temas para aprofundamento teórico e para as grelhas de análise também emergiram destas questões e do título deste trabalho.

A opção metodológica escolhida para o trabalho científico, revela a relação do pesquisador com o conhecimento, se faz ciência no paradigma científico positivista e/ou se busca a construção do conhecimento no paradigma emergente.

O uso de mais de uma técnica de coleta de dados nesta investigação foi muito importante no sentido de complementar o trabalho, ou, no caso de falha no uso de uma técnica de coleta de dados, o caderno de campo, tive que abrir mão de anotações de onze meses e trabalhar com os dados recolhidos com outras técnicas.

A entrevista gravada, apesar do trabalho que foi cansativo na transcrição, passou a ser um material que facilitou o tratamento dos dados e a conclusão da investigação.

O tratamento dos dados por meio de grelha é um trabalho artesanal. Boa parte do tempo da pesquisa foi despendida na tentativa de interpretações das mesmas. E ainda, foi um trabalho que exigiu muito esforço de minha parte no campo da subjetividade.

Há muitas críticas e controvérsias no mundo científico, principalmente, no que se refere às metodologias de investigação, uma corrente quantitativa trabalhada pelas ciências ditas duras, exatas e naturais, e, a outra corrente qualitativa das ciências sociais. Pela primeira vez trabalhei com a pesquisa qualitativa, sentir muitas dificuldades e a sensação de feito uma produção interessante. .

As informações coletadas pelo processo acima descrito passam a ser o objeto de trabalho do próximo capítulo.

## CAPÍTULO VI – A REVELAÇÃO DOS FATOS

### Introdução:

*“Tudo no mundo está dando respostas, o que demora é o tempo das perguntas”.*

*José Saramago.*

Neste capítulo, procuro compreender os discursos dos três jovens estudantes que contribuíram com este trabalho, por meio das entrevistas que me foram concedidas e que aparecem ao longo do texto com os pseudônimos de Virna, Matheus e Oscar. A interpretação foi feita através dos recortes de suas falas relacionando-as com os objetivos e a problemática desta investigação.

A interpretação é feita individualmente com o objetivo de compreender o discurso de cada pessoa, relacionando-os aos dois temas – a formação e a participação social.

Procuro compreender os processos formativos que os levaram a serem jovens comprometidos com o social, por meio da participação voluntária.

Busco observar em suas falas, como eles se vêem no contexto, os saberes e as estratégias que utilizam, os valores e sonhos que emergem, a sua compreensão sobre os espaços de formação, o porquê da participação, em que acreditam e os níveis de satisfação pessoal.

Ainda no texto, procuro levantar alguns pontos importantes do processo formativo, sem a pretensão de generalizar, mas no sentido de considerar pontos interessantes relacionados com o tema formação, participação e juventude no complexo mundo em que vivemos neste início de terceiro milênio.

Para finalizar, trago na conclusão, alguns pontos que me parecem interessantes sobre essas falas e em relação ao tema, assim como algumas considerações que podem servir aos que trabalham com a formação de jovens.

### **6.1- Entrevistada Virna:**

O discurso desta jovem responde a algumas questões levantadas na problemática deste estudo e suscita outras questões que não tinham sido pensadas antes, o que nos remete para o amplo mundo da juventude com seus sonhos, medos, angústias, desejos, entre outros.

O esforço para interpretar o discurso sobre o processo de formação, que lhe possibilitou ser uma pessoa participativa no meio social, revela a amplitude do espaço e as diversidades de experiências formativas.

A entrevistada considera como espaços que contribuíram no seu processo formação a família, a comunidade, a escola, os colegas, e os movimentos sociais nos quais tem participado.

Na família, entende que a participação da mãe e do pai em organizações coletivas como grupo de mulheres, associação comunitária e sindicato a tenham feito sonhar, ainda criança, com o mundo da participação. O exemplo da família marcou mais que os discursos de chamamento para participação. A matriz da participação foi construída ainda criança, e agora à prática da participação encontrou ressonância na experiência anterior.

“Bom, eu acho que cheguei a ser quem sou hoje, participando, envolvendo-me nas coisas que eu gostava de fazer. Talvez pelo incentivo que recebi da minha família, que já participava de grupos, como a associação, dessas coisas, e assim me contagiou um pouco. (...) a experiência assim, não é minha, é de minha mãe, entendeu? Quando ela começou a participar anteriormente do movimento de mulheres, essas coisas”. (Virna, 2003).

Na comunidade, pelo nível de organização, são: atividades religiosas, comemorativas, esportivas, lazer e outras que levaram a mesma a participar e hoje, a coordenar. Esse é um espaço onde aprende – ensina – aprende. Essa comunidade teve sua origem na luta pela posse da terra, no processo de reforma agrária, por meio da ocupação e da resistência conseguiram a terra. Esse processo levou à organização dos trabalhadores, pois até a regularização, houve a ocupação da

terra, despejo judicial, polícia, ocupação outra vez, etc. As atividades coletivas de hoje tiveram a sua origem nesta história e ela, nasceu e está vivendo neste contexto.

A Escola família Agrícola tem na sua proposta educacional, atividades que vêm de encontro com a participação social, estimulando os jovens a conhecerem outras realidades e a refletir sobre a realidade em que vivem.

“ (...) é acho assim, uma das coisas que mudou a minha vida muito, foi o ano passado, quando a gente começou a puxar o 1º congresso da juventude camponesa, aqui na EFA. Assim, eu me envolvi, participei da organização, de tudo, junto com Maurício, Oziel e o pessoal aqui da escola, com você mesmo, (...) (Virna, 2003).

Algumas atividades da comunidade têm a participação da escola e vive-versa. As experiências do campo são valorizadas na escola e as atividades que a escola leva ao campo como palestras, teatros, recital de poesias, têm como objetivo levar conteúdos que libertem o povo de sua ignorância política.

Esse discurso apresenta ainda, mesmo que timidamente, as aprendizagens entre os pares, colegas da escola e outros jovens da comunidade ou dos movimentos sociais.

“(...) assim, na minha família coisas que marcaram muito, (...), quando meus pais quiseram se separar. E assim, pros filhos, eu era pequena ainda, e assim, é muito difícil, (...), atualmente ainda falando da minha família, quando há discussões, quando você vê que a coisa tá ruim, (...) (Virna, 2003)”.

Na fala há uma angústia, pois a mesma depara-se com a contradição de estar lá fora ajudando os outros, tentando mudar o mundo, e o pequeno mundo dentro de sua casa está caindo, sem que a mesma possa interferir de forma consistente. É importante frisar que esse foi único momento da entrevista em que houve lágrimas.

Outro aspecto também interessante é que, fatos negativos como os problemas familiares e com colegas, tenham levado a mesma a participar das organizações sociais, como fuga dos problemas internos.

” (...) pó, esse negócio de estar passando por muitos problemas na sua família, com colegas, essas coisas assim, faz com que você busque alternativas para tá esquecendo, isso assim, esquecendo os problemas, esquecendo essas coisas. (...) esse negócio de estar fugindo dos problemas, (...). (Virna, 2003).

Neste sentido, experiências consideradas negativas, também, podem contribuir para tomadas de decisões ou ações interessante e totalmente positivas.

“(...) eu penso em prestar vestibular. Mas assim mesmo fazendo faculdade, eu quero continuar, eu quero continuar na roça, quero ser parceira da EFA, quero continuar ajudando a minha comunidade. E assim, não pretendo ter família agora, ter filhos, ter marido, não pretendo ter isso agora. (...)”. (Virna, 2003)

Apesar das dificuldades, desenvolveu-se em Virna um sentimento pelo campo, o que não é comum. Encontrar um jovem, que fale em fazer faculdade e continuar morando no campo, é algo raro. Essa fala mostra também, uma visão de vida futura que contém estudo, parceria com a escola, ajuda à comunidade, além da construção da própria família ser mais distante, o que também, não é comum com as garotas da zona rural, que se casam com menos de 18 anos de idade, com raras exceções.

Sobre a sua satisfação pessoal ela diz, “ (...) é muito bom você estar participando, tá, por exemplo: participando na escola, você ser uma liderança da escola, da sua comunidade, porque tem oportunidade de estar mostrando para outras pessoas que ainda há no que acreditar. Que a gente não pode mudar tudo de uma vez, mas que assim de pouquinho, se cada um contribuir, dar a sua parte, fizer a sua parte, as coisas podem ser muito melhor do que são agora.”

Ao contrário dos adultos, e de outros jovens que estão fora do processo, que são altamente pessimistas e já não acreditam no amanhã, Virna vive todas as contradições sociais e se mantém animada, alegre, com auto-estima elevada e com esperança.

Em relação às outras questões não colocadas anteriormente neste trabalho e que emergem do contexto cultural em que a mesma vive, coloco alguns aspectos, porque compreendo que eles reforçam a contradição da participação de uma jovem mulher camponesa.

Primeiro a questão do gênero. O Brasil é um país machista. A Delegacia da Mulher tem dados para comprovar esse absurdo mas nas populações da zona rural a realidade é mais difícil ainda e estão longe da compreensão destas discussões. O machismo impera na maioria das famílias. As questões sociais ainda são resolvidas pelo homem. Exemplo: a participação das mulheres na associação comunitária é mínima, o mesmo acontece em outras atividades sociais.

A participação de jovens e de mulheres é ainda muito reduzida na instância da tomada de decisão. Tanto no aspecto da mulher quanto de jovem, Virna conseguiu avançar nas mudanças das estruturas tradicionais da organização coletiva local, mudando concepções, ou no mínimo, fazendo aceitar, por méritos, que uma jovem mulher ocupasse seu espaço.

Por outro lado, abre espaços e passa para os jovens e para as mulheres que é possível participar da associação e contribuir com a comunidade local, com suas idéias, com seus conhecimentos, com sua sensibilidade e capacidade de compreensão da realidade e de resolução dos problemas que aparecerem.

Sobre a sua participação, o seu discurso revela a consciência do que está fazendo. Considera-se participativa, liderança, respeitada pelas pessoas com quem convive. E ainda, que está ajudando as pessoas e contribuindo para mudar o mundo. Tem contribuído por meio dos conhecimentos gerais sobre política e organização social, científicos, culturais e humanos.

“(...) essa vontade de estar participando, de estar ajudando, de estar contribuindo, mesmo sendo pouquíssimo para mudar o mundo que a gente está hoje. Por exemplo, ser capaz de mostrar para a pessoa que tem condições da mesma mudar a sua situação”. (Virna, 2003).

Nessa citação estão expressos os valores como solidariedade, participação, conhecimento, humanidade, cidadania, E ainda, o sonho de um mundo melhor, onde as pessoas possam se libertar das amarras do sistema injusto e possam mudar suas vidas.

Virna destaca alguns momentos da sua vida participativa que foram marcantes como a posse na diretoria da associação de sua comunidade, eleita pelo povo; a realização com outros colegas do 1º Congresso da Juventude Camponesa; as participações nas diversas semanas de cultura da EFA e a participação como fiscal das eleições de 2002 por ter contribuído para eleição do presidente Lula.

Essas atividades reforçam o quadro de características da juventude, a necessidade de participar de atividades dinâmicas, de estar em grupo de pares e em movimentos em que possam manifestar a rebeldia, a arte, etc.

“Não me lembro da primeira vez que eu participei. Mas uma coisa que eu sei é que, por exemplo, foi depois que eu vim para EFA. Antes não existia essa participação assim, depois que eu vim para a EFA foi que começou” (Virna 2003).

Essa fala nos remete para os conceitos de participação, como ato coletivo, voluntário, construído no cotidiano, orientado e em processo. A cidadania é uma conquista e o cidadão se faz na luta pela cidadania. A escola tem muito para oferecer aos jovens e os conhecimentos curriculares têm que contemplar a realidade dos jovens, para serem meios na construção do desenvolvimento humano.

O esforço deve ser no sentido das descobertas das potencialidades, do belo, do prazer, do sentido, da esperança, da luta, da participação e da vida. São esses os tesouros que a escola precisa descobrir, e isso, não se coloca, se extrai.

Essa participação, que extrapola os limites da escola e da comunidade, traz um outro fator – o tempo -. A necessidade de habilidades de auto-organização do tempo e de fazer consensos na família, na escola, na comunidade, no trabalho.

“(...) em cada lugar que você está, você tem que aproveitar esse tempo, por exemplo: se estou em casa, eu tenho que aproveitar o tempo o máximo possível. E se estou fora, tô participando, é que tenho que aproveitar mais. (...)” (Virna , 2003).

Essa movimentação em diversos espaços contradiz-se com a mobilidade tradicional das comunidades camponesas. E administrar tempo é um aprendizado novo, como também, fazer consensos com as hierarquias. Desse modo, Virna sutilmente está criando outras relações no campo, que são necessárias para um outro modelo de desenvolvimento.

A sua atuação já lhe rendeu diversas participações pelo Brasil, em encontros, seminários, congressos, o conhecimento dessas outras realidades e as místicas desses movimentos, têm lhe reforçado o querer continuar a luta por uma vida melhor.

O discurso mostra a crença da Virna nas organizações sociais, na capacidade das pessoas de mudar suas vidas, na família, em um mundo melhor. Ela acredita que o futuro será melhor. Esse entusiasmo, essa animação, que são características da juventude, o atual sistema excludente não conseguiu acabar em Virna.

## **6.2- Entrevistado Matheus:**

O jovem Matheus, é com certeza, o estudante da Escola Família Agrícola que mais teve participação em atividades extra-escola. Talvez por isso, seja ele o estudante que melhor tem respondido aos objetivos da Escola nas questões de retorno à comunidade, resgate cultural, projeto profissional, aplicações técnicas dos conhecimentos, contatos com outras pessoas e participação nas discussões da escola.

Matheus vem de uma família tradicional, de costumes rígidos e reside em uma comunidade com pouca tradição em termos de organização e participação coletiva. O conhecimento que ele tem adquirido nas experiências de outras localidades, tem animado a criar e recriar eventos com sua comunidade.

O discurso sobre a sua formação enaltece a formação familiar tradicional, rigorosa, o que é visível, também, na sua prática escolar. É defensor da punição para os colegas que erram ou que não cumprem o pré-estabelecido.

É um crítico ferrenho da escola que usa o diálogo para resolver os problemas internos. “... através da formação familiar, que a gente tem assim um modelo de sociedade e a gente tem procurado fazer o melhor possível.” (Matheus, 2003)

Aparece no seu discurso o meio ambiente (natural e social) como um fator determinante na sua formação, que ele denomina de “necessidade”. Houve a necessidade, e ele teve que buscar essa aprendizagem. “O aprender a aprender” (Delours,2000). E assim, a família, comunidade e a sua propriedade tornam-se espaços formativos, pois, lhe remetem a buscar conhecimentos.

“(...) então foi surgindo a necessidade e foi obrigado a gente tá junto, né? Foi vendo a possibilidade da gente contribuir com o pessoal e daí para frente só foi melhorando...” (Matheus, 2003)

Este estudante valoriza os eventos, a participação, as organizações e compreende que participar é aprender, e que foi participando que conseguiu compreender melhor as pessoas e o mundo.

Na sua fala “O que contribuiu mesmo foi essa vontade de crescimento(...)”, transparece o desejo próprio de aprender. E como ele trabalha sempre com o compromisso de dar retorno à família ou à comunidade, o processo de auto-reflexão no sentido da reconstrução desses conhecimentos, o faz aprender por si.

“(…) É também porque a gente tenta convencer da importância disso. Dá o retorno também, porque se você sair e não tem retorno, nenhum retorno nem para a família nem para a comunidade, aí você perde a credibilidade com o pessoal e acaba não tendo mais condições de continuar saindo. Então o retorno é fundamental para a gente continuar participando fora e dentro da comunidade, porque tem os resultados colocados em prática em todos os aspectos” (Matheus, 2003) .

“(…) então, para mim hoje que tenho que assumir muita coisa é isso aí que leva a gente a tá fazendo essa mudança, essa participação diferenciada. Porque a gente tem um compromisso, um dever a cumprir, uma responsabilidade maior, então, basicamente é isso que leva a gente a ser mais responsável, porque como dizem, a carga agora vem pra gente, a gente não depende de outras pessoas.”

O Matheus tem a responsabilidade como um valor, e como, por onde participa, ele vai assumindo algum compromisso, esse valor força para que ele busque sempre mais. Outra vez o ambiente social faz acontecer a necessidade, o que o faz aprender.

A escola no seu discurso tem contribuído muito com a sua formação. Diz ele “(…) foi através da participação na escola principalmente(…)” “Foi a partir de 97, quando eu comecei a vir para essa escola, que eu comecei a sair mais, ver o mundo mais fora, mais amplo,(…)” “...você faz uma coisa na teoria e parte dela para prática, e isso vem acontecendo com o incentivo dentro da escola que trabalha muito essa questão(…)” (Matheus, 2003). Essas falas, freqüentes em seu discurso, revelam a importância do espaço escolar e de outros que ele conseguiu por meio dela na sua formação.

Ainda na questão da formação vejo uma fala que nos remete aos símbolos e aos sentimentos. “Bem o que é marcante, por exemplo para mim, é a questão da propriedade, porque o meu pai sempre falava que ia morrer e deixaria a terra pros filhos que quisessem trabalhar. Então, para mim isso marca muito. Mas a questão da gente estar envolvida com a propriedade seria mais isso, porque ele valorizava muito isso e deixou isso bem claro para que quisesse continuar. Então isso

é uma coisa que a gente sempre tem, sempre estou lembrando, nunca esqueci e gostaria de por em prática esse sonho de continuar lá da melhor forma possível.” (Matheus, 2003).

Em relação ao tema participação, Matheus sabe que é participativo, sabe dos espaços em que participa e das estratégias. “(...) porque eu participo na comunidade através da associação, é, tenho uma boa participação também nos eventos fora da comunidade, e da escola também e participo na escola das discussões, procurando dar opiniões e se possível, fazendo as críticas necessárias também...” (Matheus, 2003)

Devido a sua comunidade não ter tradição de organização e a sua família ser tradicional e distante de atividades coletivas, a sua experiência de participação parte da Escola Família Agrícola, com os coletivos de discussão, de trabalho e de cultura. Dessas atividades internas ele começou a se dispor e os colegas o elegiam para representar a escola em congressos, encontros, seminários, etc.

Chegou a ser membro da Associação da Escola, da Associação do regional AEFACOT, e da Associação Comunitária, do CMDRS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural, entre tantos outros.

“(...) nos congressos que a gente participa, geralmente a nossa participação é muito boa, na questão dos questionamentos, tirar dúvidas, então isso aí contribui muito. E, principalmente, quando a gente não conhece, motiva muito a gente a participar para tirar principalmente as dúvidas e tá tendo esse intercâmbio da região.” (Matheus, 2003)

O mesmo prioriza atividades de conhecimentos técnicos, do movimento CEFFA's, do meio ambiente, no sentido de preservação, e políticos. E tudo vem acontecendo nos últimos quatro anos.

Acredita na mudança, na participação, na organização, o que fica claro nessa fala “(...) porque a tendência é buscar melhorias, porque sempre está faltando alguma coisa, então se você não participa, não busca mudar, nunca vai conseguir chegar a esse objetivo.” (Matheus, 2003)

“Antes não, na família principalmente, porque era muito fechado nessa questão da participação. A gente não tinha muita participação não. E eu como nunca saí fora, nunca tive trabalho fora, então não tive esse entusiasmo para participar não. Foi a partir de 97, quando eu comecei a vir para essa escola, que eu comecei a sair mais, ver o mundo mais fora, mais amplo, mas na comunidade mesmo não.” (Matheus, 2003)

“(…) tenho período, por exemplo, de 2000 a 2003 é o período mais forte que marca muito para a questão da participação.” (Matheus, 2003)

Para estar participando de diversas atividades, tem o apoio da família, como ele mesmo diz: “(…) apesar da família ser um pouco contra, porque tenho sido muito ausente, eles tem dado apoio, quando saio, eles mantêm o trabalho firme (…)” (Matheus, 2003). “Essa é uma situação complexa para os jovens resolverem junto às famílias, pois pela falta de experiências não consegue compreender a importância de estar participando em tantas atividades.” “(…) a primeira vez que participei na frente foi aqui na escola (…).”

É muito comum nos momentos coletivos nas comunidades rurais, o silêncio das pessoas, poucos falam e os que falam dominam, a maioria tem pouca experiência no campo das discussões o que muitas vezes geram intrigas.. Há uma dificuldade enorme para se fazer consenso, assim, alguém termina dominando.

Outra situação é a pobreza de idéias no plano coletivo ou pouca visão do comunitário que é muito fechado na produção agrícola não atendendo a outras necessidades da comunidade.

Esse é um desafio que Matheus vem enfrentando como presidente da Associação da sua comunidade. Ele diz, “ Bom, eu acho que a formação e a participação social são duas das principais atividades que a gente possa estar fazendo em vista de melhorar as condições de vida” (Matheus, 2003).

Quanto a sua satisfação pessoal diz: “Olha depois de tudo isso eu me sinto feliz, porque comparando com outros jovens da mesma idade que eu, que tiveram as mesmas oportunidades e muitas vezes não estão alcançando o sucesso. Pra mim é um motivo de felicidade essas participações fora.”

Em relação ao futuro “... a tendência é participar (...) é atuar (...), eu penso continuar um pouco os estudos (...) melhorar as condições de vida na minha propriedade, para que a gente possa ter uma estabilidade lá mesmo” (Matheus, 2003). O que demonstra ser um jovem de sonhos modestos e possíveis.

O sonho de melhorar o mundo ele explica: “(...) não é só uma questão de querer melhorar o mundo, melhorar a si mesmo, que se a gente começa a mudar a gente mesmo com certeza a gente está mudando um pedacinho do mundo, que a gente faz parte dele, isso envolve muitas pessoas. Quando você consegue se mudar, muitas pessoas a sua volta você acaba conquistando e a cada dia você vai ganhando mais espaços, e com certeza, irá melhorar muito as relações, em vários sentidos.” (Matheus, 2003).

### **6.3- Entrevistado Oscar:**

O jovem Oscar, uma das lideranças da Escola, de sua comunidade e de outros movimentos, principalmente do MAB – Movimento dos Atingidos por Barragens – é teatrólogo tem na arte uma estratégia de participação, com grande competência para criar e representar. Desponta também para as questões políticas e nas organizações. É participante ativo nas discussões internas da Escola, é crítico, sugestivo e de um temperamento sereno, tranquilo, diz tudo, mesmo o que pode machucar, sem perder a calma.

A fala de Oscar mostra que ele tem consciência da sua participação, dos espaços em que participa e porque participa: “Eu acredito que sou participativo, (...), acredito que contribuo, pois eu passo nesses seminários, na minha comunidade e aqui na Escola Família Agrícola, aqui a gente contribui, dou sugestões e na comunidade também onde eu participo, dou sugestões para o melhoramento(...)” (Oscar,2003)

Sabe quando iniciou esse processo ativo de participação, como também, de onde veio o estímulo necessário para começar: “(...) foi no primeiro congresso do MAB – Movimentos dos atingidos por barragens –, que aconteceu aqui na Escola Família Agrícola. (...), já tinha a força dessa escola, com as palestras dos professores e de algumas outras pessoas que vinham colaborando com a escola, e com o incentivo do MAB, eu acabei acreditando que a gente podia mudar o mundo, o nosso Brasil e essas crenças me levaram a participar.” (Oscar,2003)

Nesta fala também aparece a força do movimento na sensibilização dos jovens, o que ressalta a importância da articulação da escola com os movimentos sociais que estão animando o povo na luta por condições dignas de vida no campo.

Mais uma vez, surge a expressão “mudar o mundo, mudar o Brasil”, também no sentido, da mudança de si, da comunidade local para a global.

Orçar destaca dois espaços em que participou e que foram marcantes em sua vida: “(...) eu participei mais, nos conselhos de classes, né, onde eu acho que a minha colaboração foi muito forte, em algumas mudanças, no plano de estudo, no caso da diminuição dos questionários que eram de vinte ou quinze questões, a gente diminuiu para cinco ou seis, isso foi uma das contribuições mais fortes. (...) eu participei de um teatro em Correntina – BA. Eu acho que foi uma que ficou gravada. Hoje a fita está com o MAB. Foi uma das apresentações em que eu comecei a me destacar. A gente sentiu, que a gente tinha potência para crescer. E a partir dali eu sugeri que eu estava no caminho certo, estou indo e aqui é a escola que eu preciso, é essa.” (Oscar,2003)

Percebo duas atividades: uma na escola e outra no movimento, que levaram Oscar a descobrir as suas potencialidades, que era capaz de ser mais, de acreditar nele mesmo e animar-se rumo ao seu próprio desenvolvimento.

Esse é o papel da escola, levar as pessoas a descobrirem as suas potencialidades, depois elas farão coisas, que nem a escola teve condições de pensar antes.

Como participar, estudar, trabalhar, ter lazer numa situação sócio-econômica tão ruim?

Ele responde: “(...) é com a família, com os próprios colegas da escola. Talvez você não pode estar presente no momento ali, você coloca outros colegas seus que estudam na escola, (...) procuro estudar nos momentos vagos que é à noite que a gente encontra, (...) o tempo de lazer que a gente tem sempre é no domingo, né. No domingo tem uma bolinha à tarde, a gente brinca. Mas é difícil para você administrar esse tempo, mas a gente consegue (...)” (Oscar, 2003)

É visível o esforço, a obstinação para realizar a contento as inúmeras atividades a que se pré-dispõe, assim como a capacidade de consensos com a família e os colegas de escola. É interessante a consciência sobre as dificuldades, melhor explicitada nesta fala: “(...) é difícil pra você administrar esse tempo, mas consegue. A correria é grande se o jovem não tiver disposição, não tiver vontade, não vai conseguir achar o tempo para ele colocar tudo isso, participar fora, ficar com a família, ficar na escola, fazer os trabalhos da comunidade, se torna difícil, mas pra tudo, quando a gente tem um objetivo, a gente arruma tempo.” (Oscar,2003)

Neste processo ele utiliza os conhecimentos científicos, técnicos, artísticos, políticos e sócio-organizacionais. Como estratégia emergem a arte, capacidade de argumentação e de consenso e pré-disposição para participar.

Ao se tratar da sua formação, compreende o percurso feito para ter chegado a ser o que é hoje: “(...) eu cheguei a ser esse jovem através desta escola, né. Pela minha participação que a escola me incentivou. Então através do incentivo da escola eu comecei a participar fora, a participar do movimento (...). O primeiro ponto foi o meu irmão(...). Com a participação dele, apresentações na comunidade, nos comícios, quando ele subia nos palanque, que ele falava bonito, aquilo agente arrepiava e levou a gente a ter um pensamento positivo, será que eu posso chegar a esse ponto? (...) eu vi apresentações de pessoas daqui da própria escola nas comunidades como teatro, com poesia e aquilo foi me despertando para a vida (...)” (Oscar,2003)

Na sua fala a escola é reconhecida como espaço de contribuição na sua formação: “A minha maior contribuição que eu tenho hoje para eu ser essa pessoa que sou, acredito que a matriz seja a

escola, talvez, eu não teria, não seria a pessoa que sou hoje , contribuindo com a comunidade, contribuindo com a própria escola, com a família(...).” (Oscar,2003)

Ainda consegue pontuar sobre itens do projeto da escola que considera facilitadores da sua formação, assim como, diferenciar do movimento (...) Os livros, os materiais que a escola traz para a gente estudar, material diferente, não só em cima da teoria dos livros, mas, também a pratica que a gente vê. Se você vai para o movimento, você vê a diferença da sala de aula, contribuir com a comunidade.” (Oscar,2003)

Essa proximidade metodológica da escola EFA com a educação dos movimentos populares tem facilitado a contribuição do movimento com a escola, como também a inserção de estudantes nesses movimentos.

O jovem Oscar consegue levantar nomes de pessoas, que marcaram o seu processo formativo nos últimos anos, o que aparece neste discurso: “(...) destaco hoje o Ranufe, que foi em Correntina, ele foi assessor nesse seminário que aconteceu lá. E outro é o Helio Meca que é do Rio Grande do Sul, (...) foram esses dois caras que eu acho que me incentivou a participar. E você, Erialdo, né, são três pessoas que hoje a gente carrega não só como pessoas que te alertaram (...), pessoas que te mostraram um caminho que te leva a um futuro e você quiser seguir(...)” (Oscar,2003)

Neste processo, se lembra de falas dessas pessoas e deixa transparecer que a realidade da vida, foi o que o sensibilizou, como: “(...), falava da vida dos sem-terra,(...) das pessoas que moravam em favelas e também das comunidades (...), que tinha como um jovem que está estudando levar idéias diferentes, (...)” (Oscar, 2003).

O poder da linguagem na construção de realidades por meio dos intercâmbios, a importância da participação e dos espaços formativos diferenciados são alguns pontos que suscitam o discurso anterior e que devem ser considerados na formação de jovens.

A família aparece fortemente, principalmente, na construção dos valores, “(...), para mim uma coisa que a gente leva para o resto da vida é sempre o que os pais da gente fala, é o conselho que eles dão, os bons caminhos. Eles não tiveram estudos, eles desejam que a gente estude, que a gente se forme, e que seja uma família sempre unida, esteja por perto, isso a gente marca e a gente guarda.” (Oscar,2003). Outro ponto a ser considerado na formação de jovens.

Outra parte do discurso que merece comentários é a relação com o meio ambiente, sentimento de amor pela terra, “No campo pra mim, uma coisa que me marca mesmo é eu estar morando, (...) eu gosto muito do campo. Eu nasci no campo, até hoje estou lá e não pretendo sair de lá. A natureza pra mim é uma coisa que faz parte da minha vida (...).” (Oscar,2003)

Essa relação com a natureza é diferente daquela que só quer explorar, presente nas pessoas que visam o lucro, e acima de tudo, nas marionetes do sistema de desenvolvimento que trabalha a depredação do meio ambiente e exclusão na relação social.

Nesta perspectiva, a natureza e o campo fazem parte da sua escala de valores, assim como a solidariedade, a esperança, o conhecimento, a amizade, a organização, a família, entre outros.

A relação com os pares também está presente ao longo do seu discurso, (...) todo jovem que passa nessa escola ele tem interesse (...) mesmo que ele aprenda pouco na teoria, a convivência com os colegas, nos trabalho, na comunidade(...), com os próprios colegas da escola (...) você coloca outros colegas seus que estudam na escola é o caso de Vaneça e Vanusa, são pessoas que me ajudam muito na minha participação”. (Oscar,2003).

O interessante desta questão dos pares é que eles formam uma rede no interior da escola, com pessoas atuantes em diversas comunidades, que além da prestação de serviços voluntários à sua comunidade, levam o nome da escola e são exemplos para os outros. E melhor ainda, são evidências concretas de que a escola vem alcançando os seus objetivos no que diz respeito ao desenvolvimento do meio.

Sobre a sua satisfação pessoal, ele revela: “é, eu acredito que valeu a pena sim, (...) que pena que a gente demorou a acordar, (...) eu acredito que estar participando é o que eu sempre queria (...). E o que a escola repassa para mim eu tenho que passar para frente(...)” (Oscar,2003) Assim demonstra estar bem, gostando do que faz e disposto a continuar e a acredita que encontrou o caminho para ter uma vida melhor.

Em relação ao futuro alguns recortes do seu discurso sintetizam suas idéias: “(...) É o de continuar na terra, (...) ir para a faculdade, terminar e voltar para o campo, ter a sua propriedade o seu trabalho próprio, (...) o sonho da gente é ser um político para contribuir melhor, não só com a comunidade mas com a cidade, né, com a situação que a gente enfrenta nesse momento.” (Oscar,2003)

A visão de futuro e da realidade, com conhecimento político e a identidade com a terra que nos passa essa fala, me anima no sentido do que uma formação adequada pode fazer com a pessoa. Assim como ele acredita, eu também vejo que é possível: “(...) mudar o mundo” (Oscar,2003)

## **Conclusão**

Depois da complexa tarefa da análise do discurso das informações coletadas junto aos três estudantes sujeitos dessa investigação, chego a alguns resultados interpretativos do qual espero socializar alguns pontos:

os três estudantes entrevistados deixam claro em seus discursos terem clareza da sua ação como participante dos movimentos sociais do seu meio. Sabem porque participam, como estão participando e para que estão atuando no meio social..

A situação sócio-econômica das populações camponesas de extrema pobreza gerada pelo abandono dos governantes que negam políticas públicas se transformou em estímulo para esses jovens estarem participando efetivamente das organizações coletivas do seu meio circundante.

A Escola Família Agrícola com a proposta da Pedagogia da Alternância, que busca a emergência do sujeito para a sua formação integral, com o objetivo que o mesmo se torne protagonista do desenvolvimento do meio, é reconhecida pelos estudantes como espaço estimulador para atuação no meio.

A participação nas organizações coletivas que eles conquistaram passa a ser um valor, pois os mesmos a compreendem, como um espaço de formação, de solidariedade e de luta nas reivindicações pelos direitos das populações do campo.

Os movimentos sociais que fazem parte da rede de parceiros da escola também são reconhecidos como espaço formativo e têm contribuído na formação política presente na fala dos três jovens com a idéia de mudar o mundo, através da mudança de si, da participação e da solidariedade, no sentido de sensibilizar os outros.

A família e a comunidade são valorizadas em seus discursos como um espaço de formação cultural, de construção de identidade, da aplicação dos seus conhecimentos e como suporte de apoio para as suas realizações.

Apesar da natureza, o campo fazer parte de suas identidades culturais, os jovens através dos seus discursos deixa transparecer que não a compreendem como um espaço formativo. O mesmo acontece com a formação entre pares. O que na prática vem sendo os espaços onde eles têm construído uma diversidade de saberes.

As suas falas em relação ao futuro, como cursar faculdade, morar no campo, continuar participando nas organizações, entre outros, são sonhos possíveis presentes em seus projetos de vida, o que demonstra o amadurecimento desses jovens em relação à vida individual e coletiva.

Ao contrário de muitos jovens deste país, que não acreditam em que outro mundo é possível, ou que, se encontram em atividades marginais, eles demonstraram que têm perspectivas de vida, esperança em um mundo melhor, elevada auto-estima e pré-disposição para construir este mundo melhor.

O desenvolvimento do meio, objetivo da Escola Família Agrícola, só é possível com o desenvolvimento humano das pessoas da comunidade – os recursos humanos. Então uma formação adequada a cada realidade é imprescindível para qualquer projeto de desenvolvimento local.

No próximo capítulo faço uma relação dos conhecimentos obtidos na primeira parte, aprendendo com os teóricos, com as informações desta segunda parte, aprendendo com os jovens do campo.

## CAPÍTULO VII - RELAÇÃO TEORIA COM OS DADOS ANALISADOS

### **Introdução:**

*“(...) a cabeça da gente é uma só, e as coisas que há e que estão para haver são demais de muitos, muito maiores diferentes, e a gente tem de necessitar de aumentar a cabeça para o total.”*

*Guimarães Rosa..*

A relação teoria com os dados analisados são trabalhados neste capítulo, retomando as referências teóricas e os recortes dos discursos dos entrevistados dessa investigação, sobre três eixos temáticos: 1- a formação de jovens; 2- a participação social de jovens; 3- a relação formação participação.

A formação de jovens foi discutida a luz da teoria tripolar de Gaston Pineau, onde procurei entender se havia, em cada discurso a transação entre os pólos ou priorização de um ou de outro pólo - auto, hetero, ecoformação -, e coformação.

A participação social é discutida retomando autores como Demo, Gadotti, Sader, Freire, e outros, no sentido de compreender a participação dos jovens nas organizações locais. Levanto três pontos que entendo representar para os jovens entrevistados a sua participação: 1- uma alternativa de formação; 2- um espaço de exercício da cidadania; 3- uma ação para o desenvolvimento do meio.

Para trabalhar a relação formação/participação recorro ao Projeto Pedagógico da Escola Família Agrícola, aos estudos da juventude como fase de vida e aos discursos dos entrevistados, e ainda os outros espaços formativos que eles participam, tentando compreender as contribuições da formação para a participação dos jovens no seu meio.

Finalizando procuro mencionar alguns pontos que entendo ser conclusivos sobre a relação entre a teoria e as informações analisadas sobre o tema formação e participação.

## **7.1- A Formação dos Jovens:**

Trabalhando com a formação na proposta de Gastam Pineau – Teoria Tripolar da Formação (Pineau,1991), busquei relacionar recortes dos discursos dos entrevistados nas categorias, autoformação, heteroformação, ecoformação e coformação.

Para os três jovens entrevistados, é consenso que a sua formação se deve principalmente à família, à escola, à comunidade, e aos movimentos populares de forma hierárquica, o que de acordo com a Teoria tripolar de Pineau, seria priorizar o pólo da heteroformação, em detrimento dos outros dois pólos: autoformação e ecoformação. E ainda à coformação.

A formação para eles acontece, na instituição, dentro de uma hierarquia, pai, mãe, monitor e assessor, numa escala de poder familiar ou institucional. Esse pensamento é construído dentro da sociedade, com o paradigma científico, que supervaloriza o formal, o institucional e menospreza o experiencial, o popular e o cultural.

Apesar de compreender que são pessoas participativas e de reconhecer os espaços formativos que contribuiram para serem os jovens atuantes que são hoje, eles não compreendem o eu e o meio como formadores. São sujeitos da sua formação, mas não sabem, sempre remetem a outros. Essa negação do sujeito, é algo trabalhado dentro do sistema. Você faz, mas não sabe que faz e tem sempre alguém que leva vantagens com esse não saber que você fez. Criam heróis, salvadores da pátria e omite as pessoas simples, o povo.

O pólo de autoformação, ou seja, a formação por si, quando aparece na fala dos estudantes é de forma ingênua. Mesmo quando questionados, as respostas foram tímidas assim: “(...), as mudanças ocorreram a partir das responsabilidades que a gente pega (...)”. (Matheus, 2003).

Isso quer dizer que o meio exigiu que ele fosse um autodidata, pesquisou, buscou, refletiu, conseguiu a alternativa, mas é como se não tivesse sido ele.

Outro exemplo, “ (...) eu acredito que estar participando é o que eu sempre queria, (...) .” Essa conclusão que é um esforço da sua formação, não fica claro para ele como formação de si, sobre si.

No aspecto da autoformação, eles colocam sem muita ênfase, questões como: à vontade, o desejo de crescer e de contribuir com os outros. Não está claro que a sua forma de pensar, de ser, de conviver, foram estruturadas com suas reflexões, diante de experiências anteriores e das informações que vêm obtendo.

O que Phillipe Carrier, citado por Warschauer: “considera de correntes da autoformação – autoformação integral, existencial, educativa, social e cognitivas”(Warschauer,2001,pp.130-132), que estariam presentes nas aprendizagens; de si por si, no autodidatismo, facilitado pelos instrumentos pedagógicos, nas relações com grupos sociais e no aprender a aprender, tão utilizados por eles, e que não está claro, portanto, não valorizam.

Na prática os jovens atuam fortemente sobre si, para poder sugerir, criar, recriar, estratégias de intervenção nas suas participações. Mas os espaços formativos, talvez por também não ter clareza, não possibilitou que os mesmos compreendessem essa forma de aprendizagem.

A Heteroformação é o pólo que tem o maior número de evidencias citadas por eles. Eles concordam que a sua formação é feita pelos outros, é o que transparece em algumas falas. “(...) acredito que um ponto principal, a matriz seja escola (...)” (Oscar, 2003). Os outros pontos são a família, a comunidade e o movimento. Ele não aparece como o seu próprio formador.

Para Matheus a sua formação acontece: “(...) na comunidade e através da formação da família, (...)” (Matheus, 2003). É a comunidade no sentido de outras pessoas, não no sentido do meio.

O processo em que ocorre a formação não é considerado importante, e sim as pessoas, ou as instituições. Essa visão predomina na sociedade, e nem a escola, nem os movimentos talvez tenham alertado para isso.

O sujeito precisa saber que ele é sujeito, que o seu destino, inclusive a sua formação, está em suas mãos e ele próprio é um dos seus formadores.

Para Virna a experiência da mãe que ela observou, fez a reflexão e sonhou para si não representa uma formação de si própria. “(...) a experiência da minha mãe, (...). Quando ela começou a participar anteriormente do movimento de mulheres, essas coisas assim.” (Virna, 2003) É como se a mãe tivesse ensinado e não como se ela tivesse aprendido nessa relação social.

A heteroformação é privilegiada nas relações cotidianas da sociedade atual, onde tem sempre alguém a ensinar, e não pessoas a aprender. As pessoas são disciplinadas para ouvir, seguir e não para refletir, reconstruir no sentido da reconstrução de conhecimento.

Falas como, “(...) isso vem acontecendo com o incentivo dentro da escola (...)” (Matheus, 2003) e “(...) destaco hoje o Ranufe (...) e outro é o Hélio Meca (...)” (Oscar, 2003) Nos remete a heteroformação institucional no primeiro caso e heteroformação pessoal no segundo.

Mesmo quando eles falam da escola, do movimento, da família, e da comunidade eles estão se referindo aos ensinamentos de pessoas, e não ao aprendizado no processo, como às aprendizagens do currículo oculto da escola, das místicas dos movimentos, das dinâmicas dos trabalhos comunitários que levam à reflexão e também à ação.

O eu e as coisas, que para Roussel são mestres de educação da pessoa, não estão claros para eles como formadores e, em consequência, emergem os outros dentro de uma hierarquia de poder. E também contraria a máxima freiriana: “ninguém educa ninguém, ninguém educa a si mesmo, os homens se educam entre si mediatizados pelo mundo” (Freire, 1987, p. 68)

A ecoformação, o aprender na relação com as coisas do meio físico e natural, também não está clara aos três entrevistados. A natureza, o meio ambiente aparece como componentes de sua identidade e não como espaço formativo. Veja: “(...) eu quero continuar na roça; (...)” (Virna, 2003) ; “(...) existe também a necessidade; (...)” (Matheus, 2003); “(...) me marca mesmo estar morando no campo (...); eu gosto do campo (...)” (Oscar, 2003)

Então, as aprendizagens experienciais que se tem com os objetos do meio, a riqueza dos saberes do povo camponês, não são compreendidas, nem reconhecidas, portanto, não são valorizadas.

Os trabalhos diretamente ligados à natureza são vistos somente no aspecto econômico como fonte de renda para sua subsistência e não em uma relação da pessoa com a natureza, que a modifica para a satisfação de suas necessidades, sendo portanto, um processo formativo do pólo ecoformação.

O trabalho, não aparece na fala dos entrevistados como contribuição para a sua formação, mesmo quando citam frases como “mudar o mundo” e “melhorar condições de vida”, eles não colocam o trabalho como fonte de indignação pela exploração salarial e as péssimas condições a que estão submetidas.

Apesar da ecoformação estar presentes no contexto em que eles vivem, ainda não tomaram consciência disso. A compreensão do pólo da ecoformação é de importância fundamental, para a ecologia humana, a ecologia social e a ecologia ambiental.

O tratamento da emoção, dos sentimentos não tem espaço na sociedade atual, tudo é resolvido pelo campo racional, que não responde a todos os problemas da pessoa e tem gerado os enormes problemas sociais da atualidade.

Como diz Matheus em sua forte expressão de sentimento: “(...) a questão da propriedade, porque o meu pai sempre falava que ia morrer e deixaria a terra pros filhos que quisessem trabalhar.(...)” Essa fala tem pouco sentido fora do processo de ecoformação, da ecologia humana.

Como também a fala de Virna: “(...) quando meus pais quiseram separar, né, (...). Atualmente quando há discussões quando você vê que a coisa está ruim, (...)” Foram situações que para ela se tornou formativa positivamente, que não poderão ser consideradas somente no campo da razão.

A compreensão da ecoformação pode aliviar o sofrimento das pessoas, diante de contextos tão sofridos e levar a uma ação mais consciente. As pessoas sofrem por não poder consumir o que manda o mercado e esquecem de valorizar e aproveitar as coisas naturais que são gratuitas, que estão ao seu alcance.

A coformação, a formação que se encontra entre a autoformação e heteroformação, ou seja, a formação entre pares, surge nos discursos como uma relação de amizade, de solidariedade, de grupo e até mesmo de equipe, mas não como espaço formativo.

Esses espaços tão utilizados por eles no cotidiano, poderiam ser muito mais úteis, ou seja, melhor aproveitados se houvesse clareza por parte desses jovens da importância desses momentos para sua formação.

Os coletivos formados pela dinâmica da escola (turma de sala, grupo do trabalho diário, grupo do trabalho prático, grupo de quartos, grupo por comunidades no plano de estudo, grupo de esportes, grupo de artes, entre outros), demonstram que há uma diversidade de grupos de pares dentro da proposta da Pedagogia da Alternância. E também, nas comunidades há os grupos de jovens, os grupos de esportes e grupos de cultura (poesias, teatro, etc). Os espaços existem, o aproveitamento desses conhecimentos que acontece de forma inconscientes, poderão ser aproveitados com maior intensidade.

Para Oscar: “(...) mesmo que ele talvez aprenda pouco na teoria, mas na convivência com seus colegas, nos trabalhos, nas comunidades (...)” (Oscar, 2003) mesmo nesta fala, aparece de forma ingênua, não como o espaço concreto de formação.

“(…), quando a gente começou a puxar o 1º congresso da Juventude Camponesa, aqui na EFA. Assim, eu me envolvi, participei da organização, de tudo, junto com Maurício, Oziel e o pessoal aqui da escola, (...)” (Virna, 2003) Este foi um evento de jovens, feito por jovens, para os jovens. Ela disse que isso a animou, foi bom, mas no processo de formação é como se não tivesse tanta importância.

As experiências entre os colegas de turma, da escola e da comunidade são consideradas como lazer, brincadeiras, amizades, sem chegar a dimensão dessas atividades no processo formativo de cada um deles.

Outro aspecto importante é a compreensão da formação e da participação como processos inacabados, permanentes, que levam a pensar na continuidade dos estudos, continuarem participando, permanecerem contribuindo com os outros.

Apesar da formação aparecer no discurso de um ângulo que prioriza a heteroformação, a autoformação, a ecoformação e a coformação estão presentes nas suas relações, necessitando apenas serem esclarecidas, para serem aproveitadas de forma consciente..

## **7.2- A Participação Social dos Jovens:**

As minhas referências teóricas sobre o tema participação social, utilizadas no âmbito deste trabalho, estão baseadas em Pedro Demo, Paulo Freire, Moacir Gadotti, Almir Sader, entre outros.

Assim sendo, participação social é conquista, autopromoção, autonomia, conscientização, estratégia para o exercício da cidadania, solidariedade e um dos pilares da democracia. É nesse quadro conceitual que relaciono a teoria com os dados empíricos referentes ao tema participação social dos jovens.

Os jovens entrevistados apresentam em seus discursos a consciência dos espaços em que estão participando, por que estão participando, como estão participando e para quê estão participando. Como também, a importância da participação na sua formação.

Os jovens apresentam ainda, o entendimento político, social, econômico e cultural da situação em que se encontra a população camponesa. Os mesmos reconhecem nas suas participações o exercício permanente da cidadania. Fazem as suas atuações de forma militante, voluntária e engajada no sentido de transformação da realidade.

A grade de análise por categoria – participação, possibilitou a visualização e a interpretação da participação dos entrevistados nos espaços: família, comunidade, escola, movimentos populares e outros.

Em relação à família, os entrevistados participam dos trabalhos da propriedade, desde as discussões de planejamento até a efetivação do trabalho com a sua mão de obra, e vêm conseguindo ser ouvidos e influenciar as famílias em muitos aspectos.

Virna apesar da sua atuação nas organizações comunitárias encontra dificuldades para contribuir nos problemas de relação dos pais, quando estes passam por conflitos conjugais. A mesma sofre com essa contradição.

Matheus, depois da perda do pai, teve que assumir a propriedade junto com a mãe. Outra experiência negativa, que como aconteceu com Virna, para ele tornou-se em ação positiva. “(...) responsabilidades que a gente pega, (...)” (Matheus, 2003).

Esses jovens, pelo que têm feito nos espaços formativos, têm adquirido credibilidade junto às famílias, e têm contribuído para melhorar a discussão sobre participação no meio familiar. E isso, tem contribuído com o seu eu, são pessoas que vivem com uma elevada auto-estima, com um bom círculo de amigos e têm uma boa relação de convivência nos espaços em que participam. Além das habilidades de comunicação e argumentação.

A comunidade, os movimentos reivindicatórios, as atividades coletivas na escola e as manifestações de rua vêm sendo o terreno de atividades concretas que possibilitam a visualização das participações sociais desses jovens.

São nesses espaços que eles têm aplicado os seus saberes, no sentido de melhorar a organização comunitária, buscando criar formas para envolver a todos, fazendo com que o debate leve a consensos, e não a perdedores e ganhadores. Além de provocarem discussões amplas sobre os direitos, o poder do povo, as forças internas da comunidade, entre tantos outros.

O discurso revela a satisfação pessoal, o orgulho e o bem que faz para seus egos, o respeito e a admiração que eles recebem dos adultos da comunidade.

Para Virna, uma experiência marcante de sua vida foi “(...) a entrada para associação (...)” (Virna, 2003)

Oscar revela sua contribuição no campo das idéias, elemento necessário e raro nas organizações comunitárias. O saber pensar, a complexidade da vida em grupo, a capacidade de solucionar problemas, de lidar com as incertezas, são trabalhos ainda feitos por poucos. “(...) na comunidade também onde eu participo, dou sugestões para o melhoramento, (...)” (Oscar, 2003).

“(...) eu participo da comunidade (...)” (Matheus, 2003) Esse jovem enfrenta um problema maior, pois tem levantado e motivado a organização comunitária, num espaço onde não existia tradição de atividades coletivas.

Um dos maiores problemas das organizações comunitárias é a falta de recursos humanos, com compreensão dos direitos, de possibilidades de reivindicação, de participação. Com essas deficiências, esses espaços são ocupados por politiqueiros, que trocam favores políticos pelo apoio eleitoral onde não há políticas sociais para os cidadãos, e sim, troca de favores para os pedintes. “A pobreza política (Demo), “A cidadania menor” (Boff), “a falsa democracia” (Gadotti).

A escola, com os objetivos de formação integral do jovem e o desenvolvimento do meio, é reconhecida pelos estudantes como um espaço que vem estimulando a participação social, no sentido das práticas coletivas contidas nos seus currículos, como também com conteúdos de significados políticos, sociais, organizacionais, que vêm de encontro com as necessidades e que é reforçado pelo apoio dos parceiros da escola ligados à luta do povo.

Alguns recortes de suas falas exemplificam essa situação: “(...) a primeira vez que participei foi aqui na escola, (...)” (Matheus, 2003); “(...) eu cheguei a ser este jovem através dessa escola, (...)” (Oscar, 2003); “(...) comecei a participar depois que eu vim para a EFA, (...)” (Virna, 2003)

Diante das carências nas regiões camponesas, a escola é reconhecida como o espaço raro de discussão e reflexão do povo do campo. Assim, esses jovens encontram na escola, ou por meio dela, algumas respostas para as “necessidades” como diz o entrevistado Matheus.

Outro fato interessante é que a pedagogia da alternância não está pronta, nem acabada, mas vem sendo construída no cotidiano. Os próprios jovens vêm participando e dando contribuições importantes na construção permanente dessa escola.

“(...) participo na escola das discussões procurando dar opiniões e se possível, fazendo as críticas necessárias (...)” (Matheus, 2003); “(...) aqui na escola, a gente contribui, dou sugestões, (...)” (Orçar, 2003)

Essas falas retratam a necessidade da formação afinada com a realidade dos jovens, como também de jovens sujeitos da sua aprendizagem, sabendo o que quer e contribuindo para a realização do seu anseio.

Essa dinâmica, própria da Pedagogia da Alternância, vem de encontro com as características da juventude e as necessidades locais, o que tem resultado no desenvolvimento desses jovens e de suas comunidades.

A juventude é uma fase de vida marcada pela indignação perante as injustiças, pela rebeldia diante dos padrões prontos e acabados, pela solidariedade com os menos favorecidos, entre outros aspectos. Na fala dos três jovens transparece essa indignação, “(...) eu acabei de acreditar que a gente podia mudar o mundo, mudar o nosso Brasil, (...)” (Oscar, 2003); “(...) mostrar para a pessoa que tem condições de mudar a sua situação (...)” (Virna, 2003); “(...) na questão de querer melhorar o mundo a sua situação (...)” (Matheus, 2003). Essa é a mesma indignação dos grandes revolucionários da história.

A participação na comunidade é no sentido de organizá-la para enfrentar o poder político constituído na busca de direitos negados, e constitui-se num trabalho não remunerado, que exige vários conhecimentos. Para isso eles necessitam ler, discutir com pessoas e com o grupo de associados, e tudo isso demanda desprendimento de tempo e de outros gastos. Isso somente será entendido se compreendermos a força que existe na palavra solidariedade, como diz Tereza Ambrósio. Solidariedade no sentido de libertação das pessoas da sua “pobreza política” (Demo); por meio da “conscientização” (Paulo Freire).

A participação na escola tem sido algo animador, no sentido de contribuir com os monitores e com os colegas que ainda não estão nesse processo, e também, tem aumentado a responsabilidade e o compromisso com o projeto da escola.

Os movimentos sociais que atuam na região, parceiros da escola, têm dado uma contribuição importante no aspecto de animação das comunidades, por dizer que é possível melhorar a vida no campo e que a organização é um instrumento.

Os jovens têm entendido e aceitado a idéia e têm contribuído com a sua participação nesses movimentos, ora mobilizando comunidades, ora participando de encontros, seminários, etc, ora atuando com arte, com palestras, etc.

Oscar diz que uma das participações que marcou sua vida foi: “(...) participei de um teatro em Correntina – BA, (...)”. Já Virna se lembra, “(...) o 1º Congresso da Juventude Camponesa aqui na Escola Família Agrícola, assim eu me envolvi e participei da organização, (...)”.

Ainda há outras participações em atividades festivas, religiosas e de lazer, em que eles vêm contribuindo tanto na escola como em suas comunidades. Como diz Virna “(...) as pessoas vão atrás buscar informações, (...)” (Virna, 2003).

Parte da juventude está distante desse processo e as desigualdades sociais a deixam sem perspectiva de vida, e quando não se tem mais esperança no futuro, pouco resta dessa pessoa,

sua auto-estima desaba, torna-se frágil e uma presa fácil para a sociedade de consumo, vegetando na droga, na violência, etc.

A participação nas lutas sociais levantando bandeiras como a da reforma agrária, educação de qualidade, políticas agrícolas, saúde, etc, são formas de levantar a auto-estima, acreditar no futuro e, acima de tudo, são atividades saudáveis, cidadãs e formativas que alimentam a vontade de lutar pela vida e a esperança de um mundo melhor.

O envolvimento da juventude nas questões sociais é só uma questão de abrir espaços. Faz parte do quadro de características desta fase de vida em que são sensíveis a essas questões e gostam de atividades dinâmicas. Nesta fase, quando motivados, os jovens têm pré-disposição para contribuir com os trabalhos de organização local, apresentações culturais e emitem opiniões com posições políticas sobre a realidade.

A participação como exercício da cidadania nas lutas populares, nos processos reivindicatórios e políticos eleitorais, na organização comunitária têm conseguido atrair os jovens Oscar, Matheus e Virna, que têm ultrapassado limites e avançado muito mais nos seus processos formativos.

É o aprender, que é aprofundado na reflexão e que é utilizado nas práticas sociais. Como diz Pedro Demo em seu livro intitulado “Participação é conquista”, posso afirmar que esses estudantes conseguiram conquistar esses espaços de participação (escola, família, comunidade e movimento), porque possuem os conhecimentos necessários à participação nestes ambientes.

A conquista da participação nesses diversos espaços, aumenta a possibilidade de aprendizagem. A participação requer conhecimento e oportuniza outros conhecimentos e outros saberes. Sendo esse movimento, uma luta por direitos negados ou por melhoria organizacional interna das pessoas da comunidade, os resultados tendem a aparecer e junto vem a conscientização e a sensação de ter sido útil, solidário.

As “vitórias” e até mesmo as “derrotas” têm estimulado os três estudantes a continuarem participando. A compreensão da importância da sua participação na melhoria da qualidade de

vida da comunidade, como também, no seu desenvolvimento pessoal, levam eles a dizer, “(...) a tendência é participar, (...)” (Matheus, 2003); “(...) é muito bom você estar participando, (...)” (Virna); “(...) eu me sinto feliz, (...)” (Matheus, 2003).

### **7.3- A Relação Formação-Participação:**

A discussão sobre o meio ambiente – o uso racional dos bens naturais e as relações os seres humanos com os outros humanos, e desses com as diversidades biológicas -, tem se ampliado nos últimos trinta anos, no sentido de denunciar os graves problemas gerados nestas relações, estimulados por um modelo de desenvolvimento predador e excludente. Como também, de alertar e sensibilizar os humanos para os riscos do fim das condições de sobrevivência no planeta Terra.

Os grupos ambientalistas, alguns governantes e as instituições mundiais, têm discutido, denunciado, assinado acordos no sentido de evitar os absurdos da exploração ambiental e humana entre pessoas e nações. Questões amplas como a exploração dos países do hemisfério norte sobre os países do hemisfério sul; os hábitos, costumes e comportamentos das pessoas em relação ao consumo e a capacidade de suporte do planeta devem ser a preocupação desse início de milênio.

Outras questões, como a guerra, intolerância religiosa, fome, doenças endêmicas, desigualdades sociais, exclusão social, extinção de espécies de animais e plantas, desemprego, racismo, terrorismo, são resultados de um modelo de desenvolvimento centrado no lucro, na irracional exploração humana e ambiental.

A natureza responde à exploração irracional por meio das mudanças climáticas, efeito estufa, diminuição das chuvas, escassez de água, diminuição da fertilidade dos solos, aumentos de pragas na agricultura e de doenças nos animais.

Esses são pontos que precisam ser considerados neste início de terceiro milênio para que possamos repensar as nossas formas de ser e de conviver na casa Terra.

O paradigma emergente levanta questões sobre essa realidade e vem suscitando outros pensamentos, no sentido de fazer as relações humanas, sociais e ambientais menos perversas e com condições de se tornarem sustentáveis.

A revolução do pensamento para as mudanças necessárias na construção de outro modelo de desenvolvimento, que seja sustentável, exige uma outra educação com ênfase para a formação das pessoas.

No relatório da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, organizado por Jacques Delors, para a UNESCO, nos diz que, “Para poder dar respostas ao conjunto das suas missões a educação deve organizar-se em torno de quatro aprendizagens fundamentais que, ao longo de toda a vida, serão de algum modo para cada indivíduo, os pilares do conhecimento: aprender a conhecer, isto é, adquirir os instrumentos da compreensão; aprender a fazer, para poder agir sobre o meio envolvente; aprender a viver junto a fim de participar e cooperar com os outros em todas as atividades humanas; finalmente aprender a ser, via essencial que integra as três precedentes. (Delors,2002, pp. 89-90).

E ainda que, “uma nova concepção ampliada de educação devia fazer com que todos pudessem descobrir, reanimar e fortalecer o seu potencial criativo – revelar –tesouro escondido em cada um de nós. Isto supõe que se ultrapasse a visão puramente instrumental da educação, considerada como via obrigatória para obter certos resultados (saber-fazer, aquisição de capacidades diversas, fins de ordem econômica) e se passa a considerá-la em toda a sua plenitude: realização da pessoa que na sua totalidade, aprender a ser”. (ib., p. 90).

A construção do ser, dar forma a esse ser, é a formação da pessoa em todas as suas dimensões, intelectual, política, filosófica, ecológica, espiritual, afetiva, artística, econômica e outras.

Compreender a formação do indivíduo nas bases da teoria tripolar de Gaston Pineau, favorece para conseguir a contento os quatro pilares da educação do século XXI.

Os três pólos eco, auto e heteroformação da teoria tripolar devem entrar em uma constante interação e transação entre si. O que só será possível com uma outra educação que abra mão do pólo heteroformação tão presente nas práticas educativas vigente.

Fazer emergir os pólos da ecoformação e da autoformação que estão sendo abafados pela priorização da heteroformação é propiciar para que haja o indivíduo sujeito, onde passa-se da educação bancária para uma educação libertadora, como dizia Paulo Freire. E isso, é aprender a ser, a fazer, a conviver e a conhecer.

Convidar a pessoa à auto-reflexão dos acontecimentos do meio circundante é possibilitar grandes descobertas da realidade, é um chamamento para participar de forma efetiva do mundo em que se vive. E isso é, no mínimo, curioso, pois pode ter vários desdobramentos, que estarão contribuindo na formação integral da pessoa.

Nesta situação, é preciso que a heteroformação deixe de predominar sobre os demais pólos, mesmo porque na prática há uma riqueza de saberes ligados as interações dos três pólos, ou ainda, próximo do eco, auto e coformação que devem ser reconhecidas para serem aproveitadas da melhor maneira na formação dos jovens.

Essa formação deve alimentar alguns valores da sociedade, como a democracia. Viver o processo democrático local e global, depende da formação de cada cidadão e de cada cidadã em permanente exercício da cidadania e se dá por meio da participação.

Se uma boa governança é fator relevante para construção de um outro modelo de desenvolvimento, ela só haverá se houver a participação consciente das pessoas, desde a escolha até a fiscalização diária.

A participação nas organizações civis locais, nos conselhos partidários, nos movimentos populares reivindicatórios, até mesmo, na ocupação dos espaços de decisão do poder nos parlamentos, passa a ser necessidades desta hora. E isso só será possível com uma educação para a cidadania, onde a participação seja a estratégia do exercício do poder de cidadão. O saber

conviver na sociedade atual é também saber fazer consensos. E este é um ato político que só se aprende na participação.

A formação tem como fim o desenvolvimento humano (Ambrósio, 2002), que é fazer-se oportunidade (Demo, 1998) na sociedade atual. Favorecer que o indivíduo descubra as suas potencialidades, que encontre as suas habilidades e competências é facilitar a lapidação de sua forma para viver no mundo.

Como a formação é permanente e acontece nos mais diversos espaços e tempos, nos ambientes familiar, comunitário, escolar, religioso, movimentos populares, atividades culturais, e tantos outros, aprender a participar passa a ser uma estratégia do fazer a sua própria forma.

Neste sentido, formação e participação são duas vias - ida e volta - de uma mesma estrada; formação que leva à participação e participação que contribui com a formação.

Os discursos dos estudantes entrevistados revelam, que a participação dos mesmos vêm de encontro com, no mínimo, três pontos:

1- como estratégia de formação permanente, eles participam na busca de conhecimentos e estão aproveitando oportunidades para ampliar suas capacidades pessoais e compreender as incertezas da sociedade em que vivem;

2- como exercício da cidadania, ao participarem estão preparando-se politicamente juntamente com os demais e atuando para serem cidadãos de direito reivindicando do estado o cumprimento do seu dever;

3- para o desenvolvimento do meio, através de suas participações, têm conseguido contribuir com as organizações que participam no sentido de criarem internamente alternativas para melhorar a vida na comunidade local, como também, têm conseguido no enfrentamento com o poder estatal algumas vitórias na luta pelos seus direitos.

Veja o que diz os entrevistados: “Bom eu acho que a formação e a participação social é uma das principais atividades que a gente possa estar fazendo em vista de melhorar as condições de vida. (...)”. (Matheus,2003).

“(...). Eu acredito que estar participando é o que eu sempre queria. Eu gosto de ta mexendo com o povo, de ta trabalhando com as pessoas. (...)”. (Oscar, 2003).

“(...) é muito bom você está participando, (...) você tem oportunidade de está mostrando para outras pessoas que ainda há no que acreditar. (...)”. (Virna, 2003).

Essa participação voluntária com o significado de autopromoção é também ato de solidariedade com as pessoas que, em sua maioria, não tiveram oportunidades de formação escolar. Esse gesto de solidariedade vem junto com a formação da pessoa preocupada com o coletivo, mais humana na relação com o outro e mais tolerante na aceitação da diversidade.

A solidariedade atrai os jovens. Qualquer que seja a bandeira levantada contra as injustiças e em favor dos menos favorecidos, tem a sua aceitação e participação. A utopia é necessária para que continuem sonhando, lutando e realizando sonhos.

Neste sentido, algumas falas dos entrevistados reforçam. Vejamos:

“(...). Faço para mostrar para mim mesma que eu sou capaz de fazer isso, sou capaz de mudar aquilo. Faço para me sentir bem.” (Virna, 2003).

“(...) eles deram uma lanterna com pilhas bem fortes, que essa lanterna está iluminando esse túnel, que você pode chegar do outro lado, depende de você querer, (...)”. (Oscar, 2003).

“Olha depois de tudo isso, me sinto feliz, (...). Pra mim é motivo de felicidades essas participações fora. (...)” (Matheus, 2003).

Para os estudantes desta investigação a participação requer formação ao mesmo tempo, que contribui na sua formação, passa a ter necessidades de aprender algo mais, uma necessidade pessoal, um desejo que surgiu da participação. Ao mesmo tempo a aprendizagem da participação é trazida por eles para os demais jovens da escola que podem ser reconstruídos em outras localidades.

Formação e participação poderão ser consideradas como uma pista de mão dupla, andar por esse caminho é alargar os horizontes políticos, a compreensão da sociedade e possibilita as ações concretas para melhorar as condições de vida desumanas em que parcela significativa da população do mundo está submetida.

A participação como estratégia de formação trafega pelos três pólos da teoria tripolar – Autoformação, heteroformação e ecoformação como também chega-se a coformação, dependendo do espaço e da forma como se está participando pode-se, ou não, priorizar um dos pólos.

A participação é uma ação, o ato de participar, por sua vez quebra o imobilismo planejado pelas elites dominantes, e busca a construção do sujeito. Os jovens neste contexto estão construindo a sua identidade, e essa possibilidade tem o valor inestimável na formação da pessoa adulta e do cidadão (a) do futuro.

Pensar a participação como um valor pessoal e coletivo é viabilizar o desenvolvimento humano, e conseqüentemente, o desenvolvimento sustentável necessário para que futuras gerações tenham condições de sobrevivência no planeta terra.

Em situações de precariedades econômicas, de carência de informações, de desânimo, da falta de perspectiva, como essa a que está submetida boa parte da comunidade camponesa, não há outra alternativa, a não ser uma formação que leve em conta a situação local e capacite as pessoas para que sejam protagonistas das mudanças imediatas, partindo dos recursos existentes e envolvendo as demais pessoas no processo.

Esses jovens têm contribuído para movimentar e articular as comunidades, aproveitando algumas potencialidades internas, e já conseguiram algumas vitórias no enfrentamento com o estado nas reivindicações dos seus direitos.

Outra vez, a participação pode ser a alternativa, para entender outras realidades, comparar com sua, recriar possibilidades, reanimar, ver a luz no fim do túnel, reacender a chama mais preciosa que tem a juventude a capacidade de se indignar e energia para lutar contra situações injustas.

O desenvolvimento do meio depende, principalmente, da formação dos seus atores e da capacidade desses de se envolverem com os problemas sociais da sua comunidade. Esse talvez seja o maior desafio desta hora. Trabalhar a formação de atores com competências e habilidades para atuar no seu meio, em uma cultura que nega o sujeito e cria heróis, salvadores da pátria, passa primeiro pela desmistificação dessas criações politiqueras cravadas na mente do povo ao longo da história.

Formação e participação são permanentes, não têm uma cota de formação e nem de participação, participar sempre e formar sempre. A formação possibilita uma melhor participação, e, a participação é um meio de formação. Essa junção formação/participação poderá determinar a nossa posição como sujeito do nosso destino por meio das qualidades das nossas ações na construção da história.

### **Conclusão:**

A relação feita neste capítulo entre a retomada das referências teóricas e os recortes dos discursos dos três jovens que participaram diretamente desta investigação me possibilitou compreender algumas situações:

Em relação ao tema formação, os jovens entrevistados Oscar, Virna e Matheus, apresentam em seus discursos, principalmente, a formação feita pelos outros, pessoas e instituições, - o pólo da heteroformação -, dentro de um poder de hierarquia, o que esconde a coformação, a autoformação e a ecoformação não aparece nas falas como parte do processo formativo. Essa

situação demonstra a concepção da educação tradicional e o não conhecimento da teoria tripolar de Gaston Pineau que nos remete para a transação entre os três pólos, auto, eco e heteroformação.

Esse processo é resultado da ideologia dominante que nega a pessoa como sujeito e o coloca sempre na dependência de outros. Mesmo acontecendo na prática à interação entre os pólos eco, auto e heteroformação, ou por vezes, a emergência de outro pólo que não seja o de heteroformação, os jovens entrevistados não reconhecem como elementos do seu processo formativo, portanto, não valorizam o que dependem deles e do meio circundante.

Há portanto, a necessidade dos que trabalham com formação, da clarificação dos processos formativos, no sentido da tomada de consciência da pessoa em formação, que deve se comporta como sujeito do seu processo de aprendizagem, e assim, possa aproveitar da melhor maneira possível os espaços formativos a sua disposição.

O modelo de sociedade vigente trabalha a valorização dos jovens, de forma particular, na relação com o consumo. No entanto, lhes negam espaços para desenvolver e aplicarem suas capacidades. São tidos fora das decisões de poder, com adjetivos pejorativos, que significam que não são confiáveis.

Diferentemente, com o tema participação enquanto conquista e autopromoção (Demo, 1998), os discursos apontam claramente a compreensão dos entrevistados. Os mesmos sabem que através da participação estão contribuindo com suas comunidades, com a democracia através do exercício da cidadania e com sua formação.

Compreendem também, a participação como estratégia da sua formação e alimentam por meio dessa atividade o sonho de mudança da situação vigente.

A relação entre formação e participação nas falas dos jovens, deixa transparecer as suas compreensões da necessidade de conhecimentos para a participação e da participação para aquisição de conhecimentos. Essa proximidade me levar a dizer que estamos diante de uma estrada de duas mãos, onde a formação leva a participação, e a participação traz a formação.

Revelando assim, que nas atividades de formação são importantes às articulações com os diversos coletivos afins, no sentido de abrir espaços para a participação das pessoas do processo.

## **CONCLUSÃO À PARTE II**

Para concluir a segunda a parte deste trabalho denominada a construção do conhecimento – aprendendo com os jovens rurais, recorro aos capítulos que compõe essa parte e coloco de forma sucinta alguns pontos que ao me ver são relevantes.

A articulação que fiz entre a questão problema principal, os objetivos em forma de questões e o título deste trabalho de pesquisa, possibilitou algumas facilidades no caminho da realização da coleta de informações, como também do tratamento e análises das mesmas.

A metodologia de pesquisa que foi utilizada está no paradigma qualitativo e revelou-me a sua tamanha complexidade. O processo exigiu um esforço pessoal muito grande, tanto no que diz respeito ao tempo gasto no trabalho, como também na exigência intelectual para compreensão e interpretação dos dados no campo da subjetividade.

Ao usar a triangulação de técnicas de coletas de dados compreendi a necessidade do rigor científico. Tive dificuldades com a entrevista gravada e com o uso do caderno de campo. O caderno de campo devido às falhas técnicas, priorização dos resultados deixando em segundo plano o contexto, foi deixado de lado em um segundo momento.

Os discursos dos entrevistados me revelaram aspectos importantes sobre os processos formativos e a participação social. Os três jovens têm muitas falas comuns, como o reconhecimento das aprendizagens culturais com a família e a comunidade; valorização da escola como espaço formativo que contribuiu na sua formação e estimulou para os processos de formação; o sonho de mudar o mundo a partir de si mesmo e do ambiente circundante; a satisfação pessoal por estar participando, pelo seu desenvolvimento pessoal e pela sua contribuição no desenvolvimento da sua comunidade, entre tantas outras.

Para Virna a descoberta para o mundo social se deve, principalmente, pelas experiências familiares. E as primeiras participações se deram como fuga diante dos problemas familiares que vinha encontrando. Tem na suas lembranças momentos fortes da sua participação na comunidade,

na escola e em outros movimentos, reconhecem que as participações têm favorecidos no crescimento pessoal.

## CAPÍTULO VIII – CONCLUSÃO FINAL

*“ Nós vos pedimos com insistência não digam nunca isso é natural. Sobre o familiar descubram o insólito. Sobre o cotidiano desvelem o inexplicável. Que tudo o que é considerado habitual provoque a inquietação. Na regra, descubram o abuso. E sempre que o abuso for encontrado encontrem o remédio.”*

*Bertold Brecht.*

### 8.1 – Algumas Considerações

Para concluir esse trabalho de investigação, longe de esgotar a discussão sobre esse tema, procuro sintetizar alguns saberes produzidos ao longo do texto nos seus diversos capítulos e retomando as questões orientadoras deste trabalho faço algumas considerações.

As dificuldades econômicas e sociais em que vive a juventude camponesa desta região, por si só, são complicadores que contribuem para que não haja formação e participação social dos jovens. Cito algumas: A carência material e de pessoas do mundo letrado no interior das comunidades; a jornada de trabalho braçal de doze horas por dia; os poucos aportes econômicos para se mobilizar, vestir, comprar materiais de estudo; a carência de estímulo familiar e comunitário para aquisição dos conhecimentos científicos; a situação política-econômica do país que apresenta poucas possibilidades de um futuro melhor para juventude e outros.

Apesar dessas dificuldades enfrentadas pelas famílias agricultoras, as comunidades camponesas, apresentam algumas potencialidades, como, a riqueza cultural presente na identidade dos jovens do campo; às crenças; os valores, os comportamentos, os hábitos, os costumes, que são simples, humanos, ecológicos, solidários que diferem da sociedade de consumo presente no modelo de desenvolvimento atual.

Essa cultura vem sendo ameaçada e resistindo as investidas da cultura urbana, que nos leva ao mercado selvagem, onde o importante é o lucro e o consumo, e quem vem gerando, entre outras, o egoísmo, a exclusão, a exploração irracional do meio ambiente.

Esse modelo vem influenciado as populações camponesas da região, principalmente pela relação de aproximação dos espaços campo e cidade. Por isso, há o trabalho das organizações de resgate e valorização da cultura local, no sentido de preservação da identidade e de formas de vida que sejam sustentáveis.

Outra riqueza é a história de luta pela posse da terra e de outros direitos historicamente negados feita pelos agricultores em suas organizações locais que estão articuladas em redes. Essa luta tem contribuído na permanente construção da democracia, no exercício da cidadania e de exemplos formativos para os jovens.

Outra situação relevante é que a agricultura moderna com o seu aparato tecnológico caro, tem produzido agricultores caloteiros – os grandes produtores que não pagam o banco - e agricultores calejados e desestimulados – os agricultores familiares. Isso tem gerado desemprego no campo e desencantado os jovens, que não podem economicamente, fazer o mesmo que fazem os grandes agricultores.

Além do desemprego no campo, a depredação do meio natural é cada vez maior, o que provoca o desaparecimento das nascentes de água, o aumento das pragas, a falta de chuva e outras mudanças nos fenômenos naturais, o que torna mais difícil ainda, a vida e a permanência no campo e estimula o êxodo rural, à cidade com suas atrações passa a ser a única alternativa de vida.

É neste contexto de dificuldades e contando somente com as potencialidades internas e com as organizações populares que lutam por dignidade no campo é que se encontram os jovens que participaram deste trabalho. Ao contrário do que seria o óbvio, eles estão buscando espaços para as suas formações que contribuam com as suas participações no desenvolvimento de suas comunidades.

Retomando a questão principal deste trabalho, como se dão os processos formativos que levam os jovens camponeses à participação ativa nas organizações sociais do seu meio? Levantamos as seguintes conclusões:

Em primeiro lugar, a situação sócio-econômica em que os jovens se encontram chegam a ser humilhante. Portanto, para eles há duas alternativas: ou se conformam e ficam alienados, ou se rebelam e buscam alternativas. Os três estudantes de acordo com o esse estudo optaram conscientemente pela segunda opção e encontrou como alternativa a participação nos coletivos organizados do seu meio.

Um outro fator a ser considerado, é o que tange as características próprias da juventude, principalmente, a indignação com as injustiças sociais e a rebeldia com os padrões impostos. Ao tomar conhecimento da situação injusta imposta historicamente pelos detentores do poder e ao entender que a saída passa pela organização local e que eles se dispuseram a participar.

E ainda, a formação desses jovens em uma escola da alternância, que tem como objetivos a formação integral do jovem, a participação da família na gestão do processo, uma pedagogia que prima pelo sujeito e o desenvolvimento do meio, que estando, articulada com os movimentos sociais da região na luta por melhores condições de vida dessa população, passou a ser para esses jovens uma fonte de conhecimentos e estímulos para a participação social.

Os processos formativos que contribuiram com esses jovens para serem atuantes, iniciaram na família, no processo de educação com as riquezas culturais locais, se expandem pelas comunidades com as histórias de lutas pela posse da terra ou pelos direitos negados, passam pela à escola e pelos movimentos sociais com os conhecimentos científicos, políticos, sociais, éticos, ecológicos, entre outros.

Na tentativa de responder às questões complementares da problemática deste trabalho, cito algumas conclusões, obtidas diante das análises dos discursos dos três estudantes.

Que saberes eles privilegiam?

Primeiro, nas populações camponesas da região há uma carência de recursos humanos com conhecimentos sobre organização nas associações comunitárias locais. Nesse aspecto os jovens atendem a comunidade com os saberes políticos, sociais, técnicos, culturais, ecológicos, místicos, lúdicos, científicos e organizacionais, etc, que vêm construindo nas reflexões e práticas ao longo do processo de participação escolar e nos outros movimentos.

Que estratégias utilizam?

Os estudantes que vem participando nas comunidades têm conquistado os espaços, principalmente, pela capacidade de mobilizar a comunidade para resolver os problemas, de fazer consenso, de fazer críticas e de propor sugestões. Utilizam a linguagem, onde eles têm, uma facilidade de comunicação e o forte poder de argumentação; dinâmicas de forte significado místico; atividades culturais como teatro, danças folclóricas, poesias, etc; as atividades esportivas; articulam a participação de outras pessoas para palestras, jogos, festas, promoção de atividades voltadas para as questões produtivas, como o mutirão. Entre outras.

Quais são seus valores e sonhos?

Consegui extrair dos seus discursos algumas palavras chaves que representam valores, solidariedade, generosidade, conhecimento, participação, organização coletiva, amizade, cidadania, democracia, o campo, entre outros. E os sonhos? São: mudar o mundo a partir deles, melhorar as condições sócio-econômicas, cursar os estudos superiores, permanecer na terra, continuar participando e contribuindo nas organizações sociais.

Como se vê neste contexto?

Os estudantes têm consciência da sua participação e da sua contribuição, se sentem úteis a outras pessoas e valorizados pela comunidade. Sabem o que querem e porque estão na luta das organizações sociais, reconhecem a importância da família, da escola e dos movimentos na sua formação e no desenvolvimento pessoal.

Como percebem os diferentes espaços de formação em que participam?

De acordo com suas falas posso afirmar eles que percebem, principalmente, a família, a comunidade, a escola e os movimentos sociais. Há uma supervalorização da escola, e um entendimento tradicional de formação, que a mesma vem sempre do externo, ou seja o pólo da heteroformação. Os pólos da autoformação e ecoformação não aparecem claramente nos seus discursos, como também a coformação. E esse entendimento, infelizmente, pode ter atrapalhado uma melhor formação desses jovens.

Em que acredita esses jovens?

Acreditam em um mundo melhor, na participação como estratégia de formação, na luta organizações sociais por melhores condições de vida, nos valores tradicionais da família, no processo formativo da pedagogia da alternância e nas ações reivindicatórias dos movimentos sociais, nas ocupações dos espaços de poder para o enfrentamento com o estado na busca dos seus direitos, entre outros.

Qual o nível de satisfação pessoal desses jovens neste processo de formação e participação social?

Os jovens sujeitos participantes desta investigação se sentem bem, têm uma auto-estima elevada, são alegres, comunicativos e animados. Dizem está fazendo o que gosta, que descobriu o que quer para a sua vida e que estar feliz com o que vem fazendo.

Além das respostas diretas às questões iniciais, ainda posso dizer que, a Escola Família Agrícola tem sido um espaço importante para a reflexão da realidade destes jovens o que tem contribuído para emergir nos estudantes o jovem sujeito, dono do seu destino.

A escola é culturalmente supervalorizada, e uma escola da alternância funcionando a contento, neste mosaico de carências, sobressai-se mais ainda. Para os entrevistados ela é citada como

estimuladora para a participação social e como importante ferramenta da sua formação. É também espaço de aprendizagens, de convivência, de lazer e de abertura para participação em outras localidades.

Estes jovens sujeitos têm compreendido a situação e têm contribuído na busca de soluções através das organizações.

Quanto à formação, apresentam sempre o pólo da heteroformação – os monitores da escola, assessores do movimento, outros, sempre em uma hierarquia de poder. Não consideram nas suas falas, mesmo que na prática isso acontece fortemente, a formação partindo deles mesmos, de suas reflexões – a autoformação; nem formação através do meio, das coisas, a ecoformação; e nem entre pares, a coformação.

Os movimentos populares da região, com sua educação informal, metodologias de trabalho populares e a bandeira de luta na busca de uma melhor qualidade de vida, vêm atuando na mobilização das comunidades camponesas no sentido da sensibilização das pessoas, para a tomada de consciência dos direitos negados. Esses movimentos têm atraído os jovens para a participação social em atividades reivindicatórias ou de formação.

As famílias apesar das dificuldades econômicas e de formação acreditam nessas atividades que os filhos participam e têm compreendido e dado estímulos aos jovens. As mesmas também já estão envolvidas nos movimentos de organização local.

Os jovens descobriram a participação como elemento da sua formação. Os espaços formativos que eles têm conquistado, propõem o exercício da cidadania e têm estimulado os estudantes no sentido de adquirir outros conhecimentos, de prepará-los para a responsabilidade e para assumirem cargos dentro das organizações.

A participação para os mesmos é tida como luta para realização de um mundo melhor, como ato de solidariedade com as pessoas menos favorecidas ainda; como forma de buscar outros

conhecimentos e até mesmo como saída dos problemas pessoais e familiares em que se encontram.

É visível, que a participação social, tem reanimado a pensar em outras possibilidades de vida, tem politizado e tem levado a atos concretos de melhoria da comunidade.

Às questões sócio-econômicas da população brasileira têm se agravado nas últimas décadas, o modelo de desenvolvimento que priorizou as questões econômicas e detrimento do social, leva uma boa parte da população as condições insustentáveis de vida. Que respondem com as organizações se manifestando nas ruas. Outros buscaram a marginalização e tem aumentado o número de violências e todas as outras mazelas provocadas pela miséria.

Situação como essa dos três jovens sujeitos desta investigação me revela que se for conquistada as oportunidades adequadas, incluindo a formação, a cada situação em que se encontram as populações pobres, eles serão capazes de resolver os seus problemas e de sair dessa realidade desumana em que estão submetidas.

Portanto, cabe às instituições de formação trabalharem na perspectivas da construção de outro modelo de desenvolvimento, onde todo os seres humanos tenham as suas necessidades básicas atendidas, utilizando os meios naturais de forma racional, preocupados com as condições de vida das futuras gerações – o desenvolvimento sustentável.

O desenvolvimento sustentável é uma necessidade urgente, no sentido de mudanças pessoais, de melhorar as relações das pessoas com as outras, e a nossa relação com o meio ambiente. É uma questão de sobrevivência da espécie humana no planeta Terra.

As discussões sobre o desenvolvimento sustentável que esteve nestes últimos trinta anos nos movimentos agroecológicos, no meio acadêmico e nas cúpulas mundiais, necessitam com urgência, de chegar a todos por meio dos processos de formação da pessoa.

Para finalizar, não poderia deixar de colocar as minhas limitações e satisfações que podem ter influenciado na qualidade desse trabalho:

1-A questão da metodologia, pela primeira vez eu trabalhei em uma investigação com o método qualitativo e com a técnica de entrevista semi-diretiva gravada, o que entendo ter sido uma dificuldade na realização deste trabalho;

2-Em relação ao tempo, fazer um trabalho de investigação sem se desligar do trabalho profissional é quase desumano, chego ao final numa caseira mental nunca visto.

3-A questão de ter pesquisado dentro do campo da minha ação profissional, teve momento que facilitou o trabalho e outros que dificultou. Tomar à distância do trabalho profissional para ser o investigador e pensar a pesquisa na ação profissional, foi um processo complexo e difícil para mim nesta investigação.

4-Por fim, chego ao final desse trabalho com uma sensação que agora que aprendi a fazer, agora que devia começar. Por outro lado, a sensação boa do dever cumprindo, de ter feito o possível dentro das minhas limitações e com uma certeza de ter contribuído na construção do conhecimento a respeito da educação do campo no Brasil, dentro de uma escola da rede CEFFA's.

5-E ainda, diante de todas as limitações que tive compreendo ter conseguido os objetivos propostos no início deste trabalho.

## **8.2 – Recomendações**

Acredito ser um dever do investigador se comprometer de alguma forma com a sociedade, apresentando possíveis caminhos encontrados no seu trabalho de pesquisa, assim sendo, tenho com esse trabalho de investigação um compromisso de contribuir com o movimento CEFFA's no Brasil, portanto, proponho algumas recomendações:

À Escola Família Agrícola de Porto Nacional-TO, espaço de realização desta investigação, para que se esforce no sentido de esclarecimentos junto à comunidade escolar, principalmente dos jovens, sobre os processos formativos. Pois os mesmos, acontecem nas práticas da escola, mas não são compreendidos pelos jovens que a praticam. Pois, se colocaram numa visão tradicional, tendo a formação quase que somente, no pólo da heteroformação.

À rede CEFFA's, para que no trabalho de formação dos monitores coloquem em discussão alguns temas, como, desenvolvimento sustentável, os processos formativos da pessoa, os novos paradigmas, o processo de aprendizagem, a adolescência ou juventude como fase de vida com características próprias, entre outros.

À rede CEFFA's, para que tenha uma maior articulação com os demais movimentos interessados no desenvolvimento do campo, no sentido de sensibilizar as comunidades locais para reivindicar dos poderes constituídos a sustentação financeira das Escolas da Pedagogia da Alternância. Como também a criação de leis a nível nacional que regulamente a Pedagogia da alternância para facilitar a compreensão de alguns conselhos estaduais.

Aos que têm o dever de fazer educação no Brasil, pois sabe-se não haver, por parte do governo, proposta de educação do campo e a sociedade civil tem várias experiências. A Escola Família Agrícola da rede das escolas CEFFA's é uma alternativa, com uma experiência de mais trinta anos no campo brasileiro.

Aos futuros pesquisadores, a educação do campo no Brasil tem sido pouco discutida no mundo acadêmico, temos poucas pesquisas e conseqüentemente poucas publicações. Uma Escola da Pedagogia da Alternância, tem muito a ser pesquisada e a contribuir com uma verdadeira educação básica do campo.

E por fim, à UNEFAB para que faça um esforço no sentido de que possa recolher em sua biblioteca todas publicações sobre a Pedagogia da Alternância no Brasil.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

ALMEIDA (A). **Metodologia de Investigação em Ciências da Educação. Questões Epistemológicas.** In Actas do VII Colóquio Nacional AIPELF/AFIRSE, AFIRSE Portuguesa/FPCE, Lisboa, pp.617-630.

AIMFR, 2000, **Juntos Construimos o Nosso Futuro.** Anais do Congresso Internacional da Associação Internacional dos Movimentos Familiares de Formação Rural-AIMFR. XXV Aniversário. Bruxelas-BE. 141 p.

BARBIER, René, 2002, **A pesquisa – Ação.** Brasília. Pueno. 157 p.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues (organização), 2001, **Repensando a pesquisa Participante;** 3ª edição. São Paulo. Brasiliense. 252 p.

BRANDÃO, Zaia, (organizadora), et al, 2001, **A Crise dos Paradigmas e a Educação.** 3ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 117 p.

CAMPOS, Bartolo Paiva, 1997, **Educação e Desenvolvimento pessoal e social.** 2ª ed. Porto. 188 p.

CARVALHO, Alysson, 2002, **Adolescência.** Belo Horizonte. 122 p.

CISCATO, Carlos A. M. & BELTRAN, Nelson, 1991, **Química.** São Paulo. Cortez. 243 p.

CHARLOT, Bernard (organizador), et al, 2001, **Os jovens e o Saber. Perspectivas Mundiais.** Porto Alegre-RS : Artmed. 152 p.

COUCEIRO, Maria do Loreto Paiva, 1988, **Autoformação e Transformação das Práticas Profissionais dos Professores.** Revista de Educação. Vol. VII, nº 2. Departamento da Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa.

COUCEIRO, Maria do Loreto Paiva, 2000, **Autoformação e Coformação, in: Abordagem existencial através da História de Vida.** (Tese de Doutorado).

CORRAGGIO, José Luis, 1999, **Desenvolvimento Humano e Educação.** 2ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 277 p.

CYRANKA, Lúcia F. Mendonça & SOUZA, Vânia Pinheiro de, 2000, **Orientações para Normalização de Trabalhos Acadêmicos.** 6ª ed. Juiz de Fora-MG : editora UFJT. 89 p.

DELORS, Jacques (organizador), et al, 2002, **Educação um tesouro a descobrir: Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre educação para o século XXI.** 7ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 288 p.

DEMO, Pedro, 2001, **Educação e conhecimento;** 2ª edição. Vozes. 183 p.

DEMO, Pedro, 1999, **Educação e desenvolvimento;** Papyrus. 96 p.

DEMO, Pedro, 1998, **Educar para a pesquisa;** 3ª edição. Campinas – SP: Autores Associados. 184 p.

DEMO, Pedro, 2001, **Participação é conquista;** 5ª edição. São Paulo: Cortez. 176 p.

DEMO, Pedro, 2000, **Pesquisa e Construção de conhecimento;** 4ª edição Rio de Janeiro. 125 p.

DEMO, Pedro, 2001, **Pobreza política;** 6ª edição. Campinas-SP: Autores Associados. 104 p.

DROVIN, Anne-Marie, 1995, **A Pedagogia.** Sao Paulo-SP : Loyola. 120 p.

FAZENDA, Ivani (organizadora), et al, 2002, **Dicionário em Construção: interdisciplinaridade.** 2ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 272 p.

FERNANDES, Bernardo M., 2000, **A formação do MST no Brasil**. Petrópolis-RJ: Vozes. 319 p.

FRAGA, Paulo C. P. & IULIANELLI, Jorge A.S. , 2003, **Jovens em tempo real**. Rio de Janeiro-RJ. DP&A. 261 p.

FREIRE, Paulo, 1998, **Pedagogia da Esperança**; 5ªed. Rio de Janeiro: Paz e terra. 245 p.

FREIRE, Paulo, 1996, **Pedagogia da Autonomia**; 20ªed. São Paulo: Paz e terra. 165 p.

FREIRE, Paulo, 2000, **Pedagogia da Indignação**; 3ª edição. São Paulo: UNESP. 134 p.

FREIRE, Paulo, 1987, **Pedagogia do Oprimido**; 26ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 184 p.

FREIRE, Paulo, 2001, **Política e educação**; 5ª edição. São Paulo: Cortez. 119 p.

FREITAG, Bárbara, 1996, **O indivíduo em Formação**. 2ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 112 p.

FUDEP, 1994, **Coragem de Educar: uma proposta de educação popular para o meio rural**. Petrópolis : Vozes. 87 p.

GADOTTI, Moacir , 2000, **Escola cidadã**; 6ª edição. São Paulo: Cortez. 217 p.

GADOTTI, Moacir , 2001, **Pedagogia da Práxis**; 3ª edição. São Paulo: Cortez. 333 p.

GADOTTI, Moacir , 2000, **Pedagogia da Terra**; Peirópolis-SP. 217 p.

GOHN, Maria da Glória , 2001 **Movimentos Sociais e Educação**. 4ª ed. São Paulo-SP : Cortez. 117 p.

GUTTÉRREZ, Francisco & PRADO, Cruz , 1999, **Ecopedagogia e Cidadania planetária**; 2ª edição. São Paulo. Cortez. 128 p.

HADJI, Charles , 2001, **Pensar & agir a educação**; Porto Alegre- RS: Artmed. 159 p.

JOSSO, Marie Christine , 2002, **Experiências de vida e Formação**. Lisboa: Educa. 214 p.

KOLLING, Edgar Jorge & FSC, Ir. Nery & MOLINA, M. Castagna , 1999, **Por uma educação básica do campo**. Brasília-DF : Editora UNB. 95 p.

LEITE, Sergio Celani , 1999, **Escola Rural**. São Paulo: Cortez. 120 p.

LIBÂNIO, J. Batista , 2001, **A Arte de Forma-se**. 3ª ed. São Paulo-SP : Loyola. 127 p.

LINHARES, Célia (organizador), et al. , 1999, **Políticas do Conhecimento: velhos contos, novas contos**. Niterói-RJ : Intertexto. 182 p.

MORIGI, Valter, 2003, **Escola do MST**; Porto Alegre – RS: Mediação. 96 p.

NASCIMENTO, Elzimar P, 2000 **O espaço escola na elaboração do conhecimento pelo aluno camponês o caso da Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO**. Brasília PUC, Dissertação de Mestrado, Pontifícia Universidade Católica de Brasília-DF

NETO, Luiz B , 1999, **Sem terra aprende e ensina**. Campinas-SP. Associados, 1999. 118 p.

NÓVOA, Antônio, 1998, **O lugar dos professores: terceiro excluído?** Revista Educação & Matemática. Nº 50, nov / dez.

OLIVEIRA, Arioaldo de, 1997, **A agricultura camponesa no Brasil**. 3ª Ed. São Paulo. 164 p.

PERES, Fernando Curi (org.), 1998, **A Experiência do Programa de Formação de Jovens Empresários Rurais**. Piracicaba-SP. USP/ESALQ/DIBD/EXAGRI. 138 p.

PINEAU, Gastam, 2001, **Experiências de Aprendizagens e História de Vida**. In: Tratado das Ciências e das Técnicas da Formação. (Organização) Philippe Carré e Pierre Caspar. Instituto Piaget, Lisboa.

PIRRENOUD, Philippe, 1999, **Construir as competências desde a Escola**. Porto Alegre-RS: Artmed. 90 p.

QUIVY, Raymond & CAMPENHOUDT, LucVan, 1998, **Manual de investigação em Ciências sociais**. 2ª edição, Lisboa: Gradiva. 276 p.

SANTOS, Boaventura de Souza, 2002, **Um discurso sobre as ciências**. 13ª ed. Lisboa. Afrontamento. 59 p.

SILVA, Lourdes Helena, 2003, **As experiências na formação de Jovens do Campo**. Vieisa: UFV. 265 p.

SPREYER, Anne Marie, 1983, **Educação e Campesinato**. São Paulo: Loyola. 145 p.

THIOLLENT, Michael, 2002, **Metodologia da Pesquisa – ação**. 11ª edição. São Paulo: Cortez. 108p.

TREVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva, **Introdução à pesquisa em ciências sociais, a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas. 1987.

UNEFAB, 1999, **Pedagogia da Alternância: Alternância e Desenvolvimento**. I Seminário Internacional. Salvador.

VASCONCELLOS, Maria J. Esteves, 2002, **Pensamento Sistêmico: o novo paradigma da ciência**. Campinas-SP : Papirus. 268 p.

VEIGA, José Eli da, 2002, **Cidades Imaginárias: o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas-SP : Editora Autores Associados. 304 p.

WARSCHAUER, Cecília, 2001, **Rodas em Rede**. Rio de Janeiro-RJ : Paz e Terra. 378 p.

AMBRÓSIO, Tereza, 2002, **Problemas das Relações entre o Desenvolvimento Humano e a Educação**. Comunicação Oral. II Seminário Internacional da Pedagogia da Alternância. Brasília-DF.

BRASIL, 2000, IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Anuário de pesquisa**. Brasília.

BRASIL, 2001, **Plano Nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília (preliminares digitado).

CONTAG, 1999, **Projeto Alternativo Desenvolvimento Rural Sustentável**. Brasília.

COUCEIRO, Maria do Loreto, Paiva, 2002, **Teoria Tripolar na Perspectiva da Pedagogia da Alternância**. (comunicação oral). Julho de 2002. Salvador-BA.

DESER, 1999, **Juventude Rural e Desenvolvimento**. Curitiba-PR. (mimeografado).

ESCOLA FAMÍLIA AGRÍCOLA, 2000. **Proposta Pedagógica**. Porto Nacional-TO, (Documento Digitado)

LIMA, Antonio Biondi, 2002, **Educação e Agricultura Familiar: elementos para uma relação estratégica**. in Revista Candeia, IFAS, nº 3, ano 3, pp. 4-18.

VEIGA, José Eli, 2002, **O Desenvolvimento Rural Sustentável no Brasil: situação e perspectivas**. Comunicação Oral. Abril de 2002. Brasília-DF.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1:

### Guião das Entrevista

Como já abordamos antes, você é um dos escolhidos para esse trabalho, devido ao alto nível de participação social que tem apresentado. Assim, eu gostaria que contribuísse com esclarecimentos sobre os processos formativos que levaram você a ser assim, atuante e participativo nas questões sociais. Nossa conversa será orientada por 12 questões.	
Tema	Tópicos/ Questões
- Formação	<b>1-Como é que você chegou a ser esse jovem que você é hoje? Como? Com quem? Onde?</b>
- Participação	2-Você entende que é um jovem participativo? O que te leva a dizer isso? Participou ou participa de quê? Como?
- Participação	3- Quando começou a ser participativo? Lembra da 1ª vez? Onde? Com quem? Com o quê?
- Participação	4-Desde essa 1ª vez, se lembra de outros momentos em que foi participativo? Onde? Com quem? Quando? Como? Para quê?
- Formação	5-Você pode dizer o que contribuiu para você se tornar esse jovem que age dessa forma hoje? Quem? Onde? Como? Para que?
- Participação	6-Antes de você se envolver nestas participações que você faz hoje, você viveu alguma experiência neste sentido? Onde? Como? O que estimulou a sua participação?
- Formação	7-De todas as aprendizagens que você teve nestes últimos anos na escola, na comunidade, na família, nos movimentos nos quais você esteve, tem alguma coisa que marcou sua vida? Como aconteceu? Onde? Que pessoas contribuíram com esses momentos?
- Formação	8-Você se lembra dos momentos e o que estava acontecendo quando essas pessoas falaram coisas que tocaram você?
- Formação	9- Me fale um pouco sobre a sua vida, lá no campo, na família e na escola. Algumas experiências que você vai levar para o resto da vida.
- Participação	10- Sendo um jovem camponês, com todas as dificuldades que a

	agricultura familiar enfrenta, como é que você consegue articular o trabalho, a escola, a participação e o lazer em relação ao tempo?
- Formação	11-Diante de tudo isso que você vem fazendo nestes últimos tempos, como é que você se sente? Você está bem? De bem com a vida? Você é feliz fazendo o que faz? Ou acha que não valeu a pena? Foi perda de tempo? E o que você pensa para o futuro? Você pensa em continuar os estudos? Em casar-se? Permanecer na Terra?
- Formação /Participação	12-Ainda sobre o assunto participação e formação de jovens, você ainda tem alguma coisa que gostaria de falar?

## **ANEXO 2-**

### **ENTREVISTA: ESTUDANTE VIRNA**

**1- Conte-me como chegou a ser essa pessoa que você é hoje?**

Nossa, é complicado! Bom, é acho que, ... (risos). Como é a pergunta mesmo?

Conte-me como chegou a ser essa pessoa que você é hoje.

Bom, eu acho que cheguei a ser quem sou hoje participando, envolvendo nas coisas que eu gostava de fazer. Talvez, pelo incentivo que recebi da minha família que já participava da Associação, dessas coisas e assim me contagiou um pouco.

**2-Acha que você é uma jovem participativa? O que te leva a dizer isso?**

É, hum.... Acho, porque eu participo, sei lá, de um montão de coisas. Participo de minha associação, participo da escola, contribuo com aquilo que acho que eu posso contribuir, e assim, não faço nada porque vou mostrar para as pessoas que dou conta de fazer. Faço para mostrar para mim mesma que eu sou capaz de fazer isso, sou capaz de mudar aquilo. Faço para me sentir bem.

**3-Quando começou a ser participativa? Lembra-se da primeira vez que participou das questões sociais?**

Não. Não me lembro da primeira vez que eu participei, mas uma coisa que eu sei é que, por exemplo, foi depois que eu vim para a EFA. Antes não existia essa participação assim, depois que eu vim para a EFA foi que começou.

**4-Desde que você começou, lembra-se de momentos marcantes de sua participação?**

(Risos), ... Deixa eu ver ... hum! ... não sei. Vou pegar uma coisa bem recente, por exemplo, momento da minha participação, quando eu entrei na associação da minha comunidade, já foi recentemente, já foi esse ano. E assim eu participo muito, e você ver, que as pessoas também. Deixa eu ver como vou falar, acreditam que você está participando para melhorar. As pessoas acreditam no que você diz, te perguntam, vão atrás buscar informações. E nesse momento recente que eu participei continuo e contribuo muito com minha comunidade.

**5-O que contribuiu para você agir hoje desse modo?**

Hum. ... Bom. É... há vários motivos para mim, para estar agindo assim, uma das coisas, é que, eu não sei se por esse negócio de estar passando por muitos problemas, você está

passando por problemas na sua família, com colegas, essas coisas assim faz com que você busque alternativas para ta esquecendo, isso assim, esquecendo os problemas, esquecendo essas coisas. Esse é um dos motivos. O outro negócio que eu coloquei anteriormente, essa vontade de estar participando, de estar ajudando, de estar contribuindo, mesmo sendo pouquíssimo para mudar o mundo que a gente esta hoje. Por exemplo, ser capaz de mostrar para a pessoa que tem condições de mudar a sua situação. Essas coisas assim, mas uma das principais coisas é esse negócio de estar fugindo dos problemas. Ta caçando outras coisas para fazer. Não sei, acho que seria isso também.

**6-Você viveu alguma experiência que possa ter influenciado a ser essa pessoa participativa? (Na família, escola, comunidade, ...)**

Risos,... Ah! Que pergunta difícil, Erialdo. (riso), ... Assim, tem a experiência assim, não é minha é da minha mãe, entendeu? Quando ela começou a participar anteriormente do movimento de mulheres, essas coisas assim.

**7-Fale de uma experiência concreta da Escola que tenha influenciado nesta sua participação?**

È, acho assim... uma das coisas que mudou a minha vida muito, foi o ano passado, quando a gente começou a puxar o 1º Congresso da Juventude Camponesa, maqui na EFA. Assim, eu me envolvi, participei da organização, de tudo, junto com Maurício, Oziel e o pessoal aqui da Escola, com você mesmo. E assim, parece que de lá pra cá, depois do congresso até eu, claro que hoje, essa semana e estou muito para baixo, mas assim, naquele congresso, parece não sei eu arrumei força, não sei onde foi que eu arrumei. Não sei se foi com os jovens que vieram, não sei. Mas eu arrumei um ânimo, que eu passei o resto do ano legal, me envolvendo, estou até agora esse ano pra cima. Não me importei com algumas coisas que eu importava. Eu acho que o Congresso foi, acho, pra mim, e acho que ele foi mais importante pra mim do que para as outras pessoas que estavam aqui. Porque com ele cresci. Eu vi a organização das pessoas, as pessoas vêm acreditam naquilo que você está organizando, isso dá uma força enorme pra gente.

**8-Que situações são marcantes em sua vida? O que aconteceu? Onde? Com quem?**

Assim, não sei, um dos momentos marcantes talvez tenha sido o seis de outubro. O seis foi às eleições do ano passado? Você ir lá fiscalizar uma eleição, ficar lá o dia todo, tal.

Porque você acredita que você está depositando o seu voto, acreditando num outro projeto, eu acho que é muito. Não sei, por exemplo, as outras pessoas iam ganhavam e ficavam andando de um lado para outro, não fiscalizavam, enquanto você não ganha nada, você acredita naquilo. Você vai lá, fiscaliza, fica o tempo todo, se precisar passar fome? Passa. Se precisar passar sede? Passa. Eu acho assim, uma coisa dessas, não sei, é muito marcante pra quem acredita mesmo, de verdade que as coisas possam mudar.

**9-Fale sobre sua vida, coisas que marcaram você na família, escola e na comunidade:**

(Risos), ... Assim na minha família coisas que marcaram muito, já foi há muito tempo quando meu pai, meus pais quiseram se separar, né?. É assim, pros filhos, eu era pequena ainda, e assim é muito difícil, você ter uma família e depois alguém querer ir pro um lado e alguém querer ir pro outro. Você e eu o que estou fazendo aqui? Será que não sou importante? E, ... Por exemplo, atualmente, ainda falando da minha família, atualmente quando há discussões, quando você vê que a coisa está ruim, ou quando, por exemplo, você percebe que causou uma briga, que você foi culpada deles estarem discutindo, essas coisas assim. Você sente inútil, você pensa será que valeu a pena mesmo ter vindo ao

mundo? Será que eu não tô aqui atrapalhando? ... (*Entre lágrimas*), ... Será que não seria melhor se eu não tivesse nascido? Se não tivesse feito isso? Feito aquilo? Você se sente irresponsável, se sente inútil.

### **Qual é a outra? Na Escola há algo marcante?**

Acho que coisa vai trazer coisas bem recentes. Por exemplo: estar participando de um congresso de EFA, onde tem todo mundo lá, trocando experiências, dizendo coisas novas, mostrando para outras pessoas os trabalhos que realizam. Eu acho, que isso na EFA é muito marcante. Não só o Congresso, mas, por exemplo: nossas semanas de cultura na EFA, nós fazemos coisas, como diz Deusina, para mostrarmos para nós mesmos, acho que isso é legal demais, marca demais e dá aquele pensamento que você não tem de fazer as coisas para as pessoas verem que você faz. Você tem que fazer para você mesmo.

**10-Como você consegue articular essa questão da participação? Você estuda, é uma filha que ajuda em casa e você participa dentro e fora da escola, da comunidade. Como é que você articula isso, estudar, cuidar de casa e participar dos movimentos sociais?**

Não. Eu acho que não é difícil, por exemplo: só quando em cada lugar que você tem, você tem que aproveitar esse tempo. Por exemplo: se estou em casa, eu tenho que aproveitar o tempo o máximo possível. E se estou fora, tô participando é que tenho que aproveitar mais. Esse negócio de tempo, essas coisas assim, pra mim nunca tem sido, agora por causa de algumas tarefas que eu tenho que estar fazendo no período que estou em casa. Mas fora isso, dá para articular, para dividir o tempo.

**11-Como você se sente? Você está bem consigo mesmo? Você está feliz? Você está alegre animada sendo esta jovem que participa? O que você pensa para o seu futuro?**

Bom, ... Eu acho, eu acho não, eu tenho certeza, que tô bem agora. Por exemplo: foi o que eu falei desde o congresso passado até agora eu me sinto muito bem. Com força, disposição. E assim, o que eu penso para o futuro? Em termos de que? ... (Risos) ... Eu penso em prestar vestibular. Mas assim mesmo fazendo faculdade, eu quero continuar, eu quero continuar na roça, quero ser parceira da EFA, quero continuar ajudando a minha comunidade. E assim, não pretendo ter família agora, ter filhos, ter marido, não pretendo ter isso agora. Pretendo mais muito distante ainda.

**12-Há alguma outra coisa que você gostaria de dizer sobre esse assunto de formação e participação social?**

Deixa ver o que eu diria, ... Não, eu só diria assim que, por exemplo, é muito bom, é muito bom você está participando, ta, por exemplo: participando na escola, você ser uma liderança da escola, da sua comunidade, porque você tem oportunidade de está mostrando para outras pessoas que ainda há no que acreditar. Que a gente não pode mudar tudo de uma vez, mas que assim de pouquinho, se cada um contribuir, der a sua parte, fizer a sua parte, as coisas podem ser muito melhor do que são agora.

## **ANEXO 3:**

### **ENTREVISTA: ESTUDANTE MATHEUS**

**1-Conte-me como que você chegou a ser esse jovem que você é hoje?**

Bom, foi através da participação na escola, principalmente né , na comunidade e também através da formação familiar. Que a gente tem assim um certo modelo de sociedade e a gente tem procurado fazer o melhor possível.

**2-Você acha que é um jovem participativo?**

Sim, porque eu participo na comunidade através da associação, é, tenho uma boa participação também nos eventos fora da comunidade e da escola também e participo na escola das discussões, procurando dá opiniões e se possível fazendo as críticas necessárias também.

**3-Quando começaste a ser participativo? Lembra-te da 1ª vez?**

Bom, a primeira vez mesmo, foi aqui na escola. Quando eu voltei, que já tinha ficado bastante tempo fora da escola, quando eu voltei, voltei mais participativo. E dentro da comunidade foi através da necessidade, porque na associação

mesmo, eu iniciei, mas quando eu comecei, nem participava quase da associação. Então foi surgindo a necessidade e foi obrigada a gente ta junto, né. Foi vendo a possibilidade da gente contribuir com o pessoal e daí para frente só foi melhorando a participação.

**4- Desde dessa primeira vez, lembra-te de outros momentos que foste participativo? Onde? Quando? Como foram as participações?**

Bom. Lugar assim mesmo, não dá para citar, mas os congressos que a gente participa, é geralmente a participação é muito boa, na questão dos questionamentos, tirar dúvidas, então isso aí contribuiu muito. E principalmente quando a gente vai para outra realidade que a gente não conhece, motiva muito, a gente a participar para tirar principalmente as dúvidas e ta tendo esse intercâmbio da região.

**5-Essa forma que você age hoje. Essa forma que você participa. Que você vive. Você sabe o que contribuiu para você ser assim, desse jeito, ser esse jovem que atua e atua dessa forma?**

Não. O que contribuiu mesmo foi essa vontade de crescimento, não pessoal, mas em vários níveis que a gente tem naquilo que a gente participa. Porque a tendência é

buscar melhoras, porque sempre está faltando alguma coisa, então se você não participa, buscar mudar nunca vai conseguir chegar a esse objetivo.

**6-Você viveu algumas experiências de participação, antes de participar que levaram a você está atuando hoje, está participando? (Família, comunidade e na escola).**

Antes não, na família principalmente porque era muito fechado nesta questão de participação. A gente não tinha muita participação não. E eu como nunca sai fora, nunca tive trabalho fora, então não tive esse entusiasmo para participar não. Foi a partir de 97 quando eu comecei vim para essa escola, que eu comecei a sair mais, ver o mundo mais fora, mais amplo, mas na comunidade mesmo não.

**7-conte sobre momentos fortes de mudanças na sua vida. Você tem lembranças de alguma coisa em que contribuiu para acontecer essas mudanças? Quando? Como? Com quem?**

Para fazer algumas mudanças para mim ocorreu em cima das responsabilidades que a gente pega, a partir de que você se torna mais adulto, mais responsável, você tem que atuar de forma diferente. Então, para mim hoje que tenho que assumir muita coisa é isso aí que leva a gente à ta fazendo essa

mudança, essa participação diferenciada. Porque a gente tem um compromisso, um dever a cumprir, uma responsabilidade maior, então basicamente é isso que leva a gente a ser mais responsável, porque como diz, a carga agora vem pra gente, a gente não depende de outras pessoas.

**8-Que aprendizagens na sua vida você acha que foi marcante? Como aconteceu? E que pessoas contribuíram?**

Bom. Aprendizagem que marca mesmo é mais essa questão de você está ligando a prática com os conteúdos. É uma aprendizagem que é muito ampla. Você faz uma coisa na teoria e parte dela para prática, e isso vem acontecendo com o incentivo dentro da escola que trabalha muito essa questão. E porque também existe também a necessidade, né. E datas mesmo eu não tenho gravadas não, tenho período, por exemplo, de 2000 a 2003 é o período mais crítico que marca muito para a questão da participação.

**9- Me fale da sua vida, alguma coisa do campo, ou da família, da escola que termina sendo marcante para você?**

Bem o que é marcante, por exemplo, para mim é a questão da propriedade, porque o meu pai sempre falava que ia morrer e deixar a terra pros filhos que quisesse trabalhar. Então para

mim isso marca muito. Mas a questão da gente está envolvida com a propriedade seria mais isso, porque ele valorizava muito isso e deixou isso bem claro para quem quisesse continuar, então isso é uma coisa que a gente, sempre tem, sempre tou lembrando, nunca esqueci e gostaria de por em prática esse sonho de continuar lá da melhor forma possível.

**10-Sendo você um jovem que já não tem mais o pai e tem agora a responsabilidade pela propriedade, como você articula o tempo e a sua participação em congresso, em atividades da associação, em atividades fora da comunidade, fora da escola?**

Bom isso, apesar da família às vezes ser um pouco contra, porque a gente tem sido muito ausente, eles tem dado apoio, quando saí, eles mantêm o trabalho firme. E também porque a gente tenta convencer da importância disso. Dá retorno também, porque se você sair e não tem retorno, nenhum retorno nem para família e nem para comunidade, ai você perde a credibilidade com o pessoal e acaba não tendo mais condições de continuar saindo. Então o retorno é fundamental para agente continuar participando fora e dentro da comunidade, porque tem os resultados colocados em práticas em todos os aspectos.

**11- Como você se sente hoje depois de ter participado de tantas coisas? Você é um jovem feliz? Você está de bem com a vida? Você acha que foi importante tudo isso? Ou você se arrepende do que fez com essas participações? E o que você pensa para o futuro?**

Olha depois de tudo isso eu me sinto é feliz, porque comparando com outros jovens da mesma idade que eu, que tiveram as mesmas oportunidades e muitas vezes não estão alcançando muito sucesso. Pra mim é um motivo de felicidade essas participações fora. *E como é a outra?*

**O que você para o futuro?**

E pro futuro é ainda continuo, a tendência é participar tanto assim e não só participar, como participar e atuar ao mesmo tempo, que for possível. E pro futuro mesmo, eu penso continuar ainda um pouco os estudos para tentar melhorar as condições de vida na minha propriedade, para que a gente possa ter uma estabilidade lá mesmo.

**12-A última pergunta. Há alguma outra coisa que você gostaria de dizer sobre esse assunto da sua formação e da participação social?**

Bom eu acho que a formação e a participação social é uma das principais atividades que a gente possa estar fazendo em

vista de melhorar as condições de vida. Não só na questão de querer melhorar o mundo, melhorar a si mesmo, que, se a gente começar a mudar a gente a mesmo, com certeza a gente está mudando um pedacinho do mundo, que a gente faz parte dele, isso envolve muitas pessoas. Quando você consegue se mudar, muitas pessoas a sua volta você acaba conquistando e a cada dia você vai ganhando mais espaços e com certeza irá melhorar muitas as relações em vários sentidos.

## **ANEXO 4:**

### **ENTREVISTA: ESTUDANTE OSCAR**

**1-Como é que você chegou a ser esse jovem que você é hoje?**

Boa tarde Erialdo. Então eu gostaria de falar que eu cheguei a ser esse jovem foi através desta escola, né. Pela minha participação que a escola me incentivou. Então através do incentivo da escola eu comecei a participar fora, a participar do movimento.

**2- Você acha que é um jovem participativo? E se você acha, o que é que leva dizer que você é participativo?**

Eu acredito que sou um jovem participativo, apesar de uns quatro ou três anos que eu comecei a participar. Mas, pelos quatro ou cinco estados que já rodei acredito que contribuir, pois onde eu passei nesses seminários, na minha comunidade e aqui na Escola Família Agrícola, aqui a gente contribui, dou sugestões e na comunidade também onde eu participo, dou sugestões para o melhoramento. Então isso faz parte da minha contribuição e da minha participação para ajudar onde eu tenho conhecimento e como vou passar meus conhecimentos.

**3-Quando começaste a ser participativo? Você lembra da primeira vez, que você acredita ter participado? Ter entrado para o mundo da participação?**

Lembro sim. Foi no primeiro Congresso do MAB, que aconteceu aqui na Escola Família Agrícola. Essa foi uma das minhas participações mais forte, onde a gente integrou com mais ou menos 15 estudantes desta escola, né, que estava junto. E eu comecei a conhecer esse movimento, foi daí que eu comecei a participar, já tinha a força dessa escola, com as palestras dos professores e de algumas outras pessoas que vinham colaborando com a escola, e com o incentivo do MAB eu acabei de acreditar que a gente podia mudar o mundo, mudar o nosso Brasil e isso me levou a participar.

**4-Desde essa primeira vez você se lembra de outros momentos que você foi participativo? Onde? Quando? Com quem?**

Lembro sim, aqui na escola mesmo. Pra mim um dos momentos que eu participei mais foi nos Conselhos de Classes, né, onde eu acho que a minha colaboração foi muito forte, em algumas mudanças, no plano de estudo, no caso de diminuição dos questionamentos que era vinte ou quinze questões, a gente diminuiu para cinco e seis, isso foi uma das

contribuições, mas forte. E também fora eu acredito que contribuir muito, que eu participei de um teatro em Correntina – BA. Eu acho que foi uma que foi gravado, hoje está com o MAB. Foi uma das apresentações em que eu comecei a mim destacar. A gente sentiu, que a gente tinha potência para crescer. E a partir dali eu sugeri que eu estava no caminho certo, estou indo e aqui é a escola que eu preciso, é essa.

**5-Você pode dizer o que contribuiu para você se tornar esse jovem que age dessa forma hoje? Esse que participa? Questiona? Discute?**

A minha maior contribuição que eu tenho hoje para me ser essa pessoa que sou, acredito que um ponto principal, a matriz seja a escola, se não fosse essa escola, talvez, eu não teria, não tava a pessoa que tou hoje, contribuindo com a comunidade, contribuindo com a própria escola, com a família. Os livros, os materiais que a escola trás, para a gente estudar, material diferente, não só encima de teoria dos livros, mas também a prática que a gente vê. Se você vai para o movimento você vê a diferença da sala de aula, isso ajudou a contribuir fora, contribuir com a comunidade.

**6-Antes de você se envolver nestas participações que você faz hoje, você viveu alguma experiência que estimulou a sua participação?**

Acho que sim Erialdo. O primeiro ponto foi o meu irmão Ózéias. Com a participação de Ozéias, apresentação na comunidade, nos comícios, quando ele subia nos palanques, que ele falava bonito, aquilo a gente arrepiava e levou a gente a ter um pensamento positivo, será que eu posso chegar a esse ponto. E com isso quando eu cheguei aqui na escola eu percebi que a escola dava, tinha como ajudar no meu crescimento. Eu vi apresentação de pessoas daqui da própria escola nas comunidades com teatro, com poesia e aquilo foi me despertando para vida. Então foi aí que eu comecei. Mas dá família mesmo dentro de casa não. O que meus pais sempre falava que era pra eu estudar, estudar, ... E sempre assim, né.

**7-De todas as suas aprendizagens que você teve nestes últimos anos tanto de escola, comunidade, na família, nos movimentos que você andou, têm alguns que marcou sua vida? Como aconteceu? Onde? Que pessoas contribuíram com esse momento?**

Pra mim um cara que eu tenho como destaque hoje é o Ranufe, que foi em Correntina, ele foi assessor nesse

seminário que aconteceu lá. E outro é o Hélio Meca que é do R. G. do Sul também, foram esses dois caras que eu acho que me incentivou a participar. E o próprio você o Erialdo, né, são três pessoas que hoje a gente carrega não só como pessoas que te alertou, mas como amigas que a gente tem e considera. Pessoas que te ensina um caminho que você pode ter futuro, se você quiser seguir o caminho tá aberto, eles deram uma lanterna com pilhas bem fortes, que essa lanterna está iluminando esse túnel, que você pode chegar do outro lado, depende de você querer, pela força dessas três pessoas, dos caminhos que eles me ensinaram, esses estão marcados para mim.

**8-Você se lembra dos momentos e o que estava acontecendo quando essas pessoas falaram coisas que tocou em você?**

Eu me lembro principalmente quando falava na vida dos sem terra, como é que era a situação deles, como era a vida dos sem terras, das pessoas que moravam na favela e também das comunidades. Como eu era estudante ele falava a forma como eu podia contribuir dentro da comunidade, que a gente via que as pessoas necessitam. Havia conflitos entre as próprias pessoas da Associação, ele falava que não precisava haver aquilo, né. Tinha como um jovem que estava estudando

levar idéias diferentes, isso foi o que mais me despertou, marcou. Quando a gente vê o sofrimento das pessoas e você está deixando que as coisas passem, não contribui.

**9-Me fale um pouco sobre a sua vida, lá no campo, na família e na escola, alguma experiência que você vai levar para o resto da vida?**

Na família eu, pra mim uma coisa que a gente leva para o resto da vida é sempre os que os pais da gente fala, é o conselho que eles dá, os bons caminhos. Eles não tiveram estudos, eles desejam que a gente estude, que a gente forme e que seja uma família sempre unida, esteja por perto, isso a gente marca e a gente guarda.

No campo pra mim, uma coisa que me marca mesmo é eu tá morando, pra mim isso é muito importante eu gosto do campo. Talvez quando eu fico na cidade um ou dois meses eu fico agoniado. Eu acho que nasci no campo e até hoje eu tô lá e não pretendo saí de lá. A natureza pra mim é uma coisa que faz parte da minha vida e se eu for para cidade não sei o que será de mim.

**10 -Você sendo um jovem camponês, com todas as dificuldades que agricultura familiar enfrenta, como é**

**que você consegue articular o trabalho, a escola, a participação e o lazer em relação ao tempo?**

Isso é que é um problema, que a gente sempre preocupa. Porque sempre você tem que organizar, você trabalha na propriedade, tem que ir para a associação, vir para o colégio e talvez tenha que participar fora, né, do estado ou do município isso é dificuldade. Mas tem jeito é com a família ajudando, com os próprios colegas da escola. Talvez você não pode está presente no momento ali, você coloca outros colegas seu que estuda na escola, é o caso de Vaneça, da Vanusa, são pessoas que me ajudam muito na minha participação fora. E a minha administração no estudo eu sempre procuro estudar nos momentos vagos que é a noite que a gente encontra, sempre o dia a gente está participando. No momento de lazer também, sempre o tempo de lazer que a gente tem sempre é no domingo, né. No domingo tem uma bolinha à tarde, a gente brinca. Mas é difícil pra você administrar esse tempo, mas consegue. A correria é grande se o jovem não tiver disposição, não tiver vontade, não vai conseguir achar o tempo para ele colocar tudo isso, participar fora, ficar com a família, ficar na escola, fazer os trabalhos da comunidade, se torna difícil, mas pra tudo, quando a gente tem um objetivo, a gente arruma um tempo.

**11-Diante de tudo isso que você vem fazendo nestes últimos tempos como é que você se sente? Você está bem? De bem com a vida? Você é feliz fazendo essas coisas? Ou acha que não valeu a pena? Foi perda de tempo? E o que você pensa para o futuro?**

É, eu acredito que valeu a pena sim, eu ta participando é pra mim, não tive nada perdido até agora. Que pena que a gente demorou a acordar, do primeiro ano para frente, mas acho que não tem tempo tarde pra gente. Eu acredito que está participando é o que eu sempre queria. Eu gosto de ta mexendo com o povo, de ta trabalhando com as pessoas. E o que a escola repassa para mim, eu tenho que passar pra frente, eu não posso ficar com isso dentro de mim. Então isso faz parte da minha vida. Então, o que eu gosto de mexer é com gente, o meu sonho, meu futuro é sempre querer ser um político, esse eu penso ser, mas primeiro a gente que vê na frente faculdade alguma coisa. Mas o sonho da gente é ser um político pra poder contribuir melhor, não só com a comunidade rural, mas também com a cidade, né, com a situação que a gente enfrenta nesse momento.

**Você pensa em continuar os estudos, casamento, em ficar na terra?**

Isso é o que a gente mais sonha. É o de continuar na terra, de você ter a própria terra, sua chacinha para poder trabalhar e ir pra faculdade. No primeiro momento a gente pensa em terminar os estudos fazer o máximo possível para que você esteja uma noção melhor de trabalho, de expectativa, mas sempre a gente tem uma noção de um projeto de vida. E é claro uma família também, que o homem não nasceu para morrer sozinho, tem que ter uma família, esse é o sonho de todo jovem.

**12-Ainda sobre esse assunto participação e formação de jovens, você ainda tem alguma coisa que gostaria de falar?**

Eu gosto sempre de falar neste caso do estudo mesmo, eu acho que é um sonho que todo jovem que passa Poe essa escola que ele tem interesse, ele sempre sai daqui, mesmo que ele talvez aprenda pouco na teoria, mas na convivência com seus colegas, nos trabalhos, nas comunidades. Também acho que muitos jovens que saiu daqui, hoje estão atuando na comunidade, os que não ta, ta na faculdade, a gente vê alguns jovens trabalhando. E isso é o que a gente sempre sonha, né, ir para faculdade terminar e voltar para o campo, ter a sua propriedade, o seu trabalho próprio e não viver dependendo

dos outros, viver independente. Esse é o sonho de todo jovem que mora no campo e que estuda nesta escola.

**ANEXO 5:**

**FORMAÇÃO DE JOVENS E PARTICIPAÇÃO SOCIAL:**

Um estudo sobre a formação de três estudantes da Escola Família Agrícola de Porto Nacional – TO

Questões:	Grade de Análise dos dados		
	Virna	Matheus	Oscar
1-Conte-me como que você chegou a ser esse(a) jovem que você é hoje?	(...) participando, envolvendo em coisas que eu gostava de fazer. Pelo incentivo que recebi da minha família que já participava da Associação. (...)	Foi através da participação na escola, principalmente, na comunidade e também através da formação familiar.	(...) eu cheguei a ser esse jovem foi através desta escola, né. Pela minha participação que a escola me incentivou. Então, através do incentivo da escola eu comecei a participar fora, a participar no movimento.
2-Você acha que é um jovem participativo?	Sim, (...) eu participo da minha associação, participo da escola. (...)	Sim (...) eu participo na comunidade através da associação, (...) uma boa participação também nos eventos fora da escola, também participa na escola das discussões.	Eu acredito que sou um jovem participativo, (...) nesses seminários, na minha comunidade e aqui na Escola Família Agrícola, a gente contribui, dou sugestões e na comunidade também onde eu participo, (...)
3-Quando começaste a ser participativo? Lembra-te da 1ª vez?	(...) depois que eu vim para a EFA foi que começou. (...)	(...) a primeira vez mesmo, foi aqui na escola, (...) dentro da comunidade foi através da necessidade.	(...) no 1º Congresso do MAB, que aconteceu aqui na EFA. (...) já tinha a força da escola, com as palestras dos professores e de outras pessoas que vinham colaborando com a escola, e com, o incentivo do MAB,

			eu acabei de acreditar que a gente podia mudar o mundo, mudar o nosso Brasil (...).
4-Desde dessa primeira vez, lembra-te de outros momentos que foste participativo? Onde? Quando? Com quem?	(...) quando entrei na associação da minha comunidade. (...)	(...) os congressos que a gente participa. (...) quando a gente vai para outras realidades, que a gente não conhece, isso motiva muito.	(...) aqui na escola mesmo (...) nos conselhos de classes. (...) participei de um teatro em Correntina-BA.
5-Você sabe o que contribui para ser esse jovem que atua hoje dessa forma?	(...) problemas na família e com colegas. Fugindo dos problemas. (...) a vontade de estar participando, de estar ajudando, de estar contribuindo. (...)	(...) essa vontade de crescimento,...	(...) acredito que um ponto principal, a matriz seja a escola, se não fosse essa escola, talvez, eu não teria, não tava a pessoa que to hoje, (...)
6-Você viveu algumas experiências de participação, antes de começar a atuar? (Família, comunidade, escola, etc).	(...) a experiência, não minha, da minha mãe, no movimento de mulheres. (...)	(...) foi a partir de 97 quando eu comecei a vir para essa escola. (...)	(...) foi o meu irmão Ozéias. Com a participação de Ozéias, apresentação na comunidade, nos comícios, quando ele subia nos palanques, que ele falava bonito, (...) eu vi apresentações de pessoas daqui da própria escola nas comunidades, com teatro, com poesia e aquilo foi me despertando para

			vida.
7-Conte sobre momentos fortes de mudanças na sua vida? (Quando? Como? Com quem?).	(...) o 1º Congresso da Juventude camponesa aqui na EFA. Junto com o Maurício, Oziel e o pessoal da escola, com você mesmo.(...)	(...) a responsabilidade que a gente pega, (...) você se torna mais adulto, mais responsável, você tem que atuar de forma diferente, (...)	(...) destaque hoje é o Ranufe, foi em Correntina-BA, ele foi assessor nesse seminário que aconteceu lá. E outro é o Hélio Meca que é do Rio Grande do Sul. (...) E o próprio você, o Erialdo, né, são três pessoas que hoje a gente carrega não só como pessoas que te alertou, mas como amigas (...).
8-Que aprendizagens na sua vida você acha que foi marcante? (O quê? Como? Com quem?)	(...) fiscalizar uma eleição, em 6 de outubro de 2002.(...)	(...) ligado a prática com os conteúdos. (...) incentivo dentro da escola. (...) existe também a necessidade na comunidade. (...) de 2000 a 2003 é o período que marca muito para a questão da participação.	(...) falava na vida dos sem terra, como é que era a situação deles como era a vida dos sem terra, das pessoa que moravam na favela e também das comunidades, (...) a forma como eu podia contribuir dentro da comunidade. (...) (...) um jovem que estava estudando devia levar idéias diferentes para a comunidade.
9-Me fale de sua vida, alguma experiência importante para você. (Família, Comunidade, Escola).	(...) quando meus pais quiseram se separar (...). Atualmente quando há discussões entre eles, quando você vê que a coisa está ruim.(...) participando de um congresso da EFA's em 2003. Nossas semanas de cultura	(...) a questão da propriedade, porque o meu pai, sempre falava que ia morrer e deixar a terra pros filhos que quisesse trabalhar.	(...) é sempre os que os pais da gente fala é o conselho que eles dá, os bons caminhos. (...) (...) me marca mesmo é ta morando no campo (...) eu gosto do campo, ...

	aqui na EFA(...)		
10-Sendo você um jovem que estuda, trabalha e participa. Como que você articula o fator tempo para poder atender a todas atividades?	(...) você tem que aproveitar esse tempo (...) aproveitar o tempo o máximo possível(...).	(...) a família, (...) ela tem dado apoio quando eu preciso sair, eles mantêm o serviço firme. (...) tem que convencer da importância disso. (...) dá retorno também. (...) o retorno é fundamental para a gente continuar participando, ...	(...) é com a família ajudando, com os próprios colegas da escola, (...) você coloca outros colegas (...) é o caso de Vaneça e Vanusa, (...) (...) procuro estudar nos momento vagos que é a noitr (...) (...) é difícil, administrar esse tempo, mas a gente consegue (...)
11-Como você se sente diante das atividades que vem participando? Você é feliz com o que faz? Está bem consigo mesmo? Com a vida? O que você pensa para o futuro?	(...) tenho certeza que tô bem (...) prestar vestibular, (...) fazer faculdade (...) e continuar na roça. (...) parceira da EFA (...) e continuar na roça. (...) continuar ajudando a minha comunidade (...).	(...) eu me sinto é feliz (...) pra mim é um motivo de felicidade essa participação fora. (...) a tendência é participar, (...) não só participar como atuar (...) continuar ainda um pouco os estudos (...)	É, eu acredito que valeu a pena sim, (...) eu acredito que está participando é o que eu sempre queria (...) e o que a escola repassa para mim, eu tenho que repassar pra frente (...) meu futuro (...) quero ser um político (...) quero fazer faculdade (...) continuar na terra (...) ter uma família (...)
12-Há alguma coisa que você gostaria de dizer sobre esse assunto formação de jovens e participação social?	(...) é muito bom você está participando (...) participando da escola (...) sendo liderança da escola (...) da sua comunidade (...)	(...) a formação e a participação social é uma das principais atividades que a gente possa estar fazendo em vista de melhorar as condições de vida. (...) se a gente começar a mudar a gente mesmo, com certeza a gente está mudando um pedacinho do mundo, que a gente faz parte deles, isso envolve	(...) mesmo que o cara não cresça em conhecimento teórico, (...) ele cresce na convivência com seus colegas, nos trabalhos comunidades. (...) os jovens que saíram daqui, hoje estão atuando na comunidade (...) ta na faculdade (...) a

		muitas pessoas. (...)	gente vê alguns trabalhando. (...) sonha em ir para faculdade (...) ter a sua propriedade (...) ter o seu próprio trabalho (...)
--	--	-----------------------	--

**ANEXO 6:**

**GRADE DE ANÁLISE SOBRE O TEMA FORMAÇÃO**

ESTUDANTE FORMAÇÃO	VIRNA	MATHEUS	OSCAR
<p><b>AUTOFORMAÇÃO</b></p>	<p>Por problemas na sua família, com colegas, Fiscalizar uma eleição em seis de outubro de 2002. Quando os meus pais quiseram se separar, né. Atualmente quando há discussão quando você vê que a coisa está ruim.</p>	<p>(...) a gente tem procurado fazer o melhor possível. (...) essa vontade de crescimento (...) (...) mudanças ocorreu das responsabilidades que a gente pega (...) (...)ligando prática com conteúdos (...) (...) eu me sinto feliz (...) Pra mim é um motivo de felicidade essas participações fora (...).</p>	<p>Eu acredito que valeu a pena sim (...) eu acredito que está participando é o que eu sempre quis(...)</p>
<p><b>HETEROFORMAÇÃO</b></p>	<p>- Experiência é da minha mão Ajudar a comunidade.</p>	<p>Participação na escola principalmente(...) na comunidade e através da formação da família(...) Foi a partir de 97 quando eu comecei vim pra essa escola (...) isso vem acontecendo com o incentivo dentro da escola(...)</p>	<p>(...) acredito que um ponto principal, a matriz seja a escola, se não fosse essa escola, talvez, eu não teria, não tava a pessoa que tô hoje, (...) (...) destaque hoje é o Ranufo, foi em Correntina – ba, ele foi assessor neste seminário que aconteceu lá. E outro é o Hélio Meca que é do</p>

			<p>R.G.S. (...) E o próprio você, o Erialdo, né, são três pessoas que hoje a gente carrega não só como pessoas que te alertou(...)</p> <p>(...) um jovem que estava estudando devia levar idéias diferentes para a comunidade(...)</p> <p>(...) e o que a escola repassa pra mim eu tenho que repassar para frente.</p>
<p>ECOFORMAÇÃO</p>	<p>Em cada lugar que você tem, você tem que aproveitar esse tempo.</p> <p>Eu quero continuar na roça.</p>	<p>(...) existem também a necessidade.</p> <p>(...) a questão da propriedade, porque o meu pai sempre falava que ia morrer e deixar a terra pros filhos que quisesse trabalhar(...)</p>	<p>(...) falava da vida dos sem-terra, como é que era a situação deles como era a vida dos sem-terra, das pessoas que moravam na favela e também das comunidades, (...) a forma como eu podia contribuir dentro da Comunidade.</p> <p>(...) me marca muito é ta morando no campo (...) eu gosto do campo (...) a natureza para mim é uma coisa que faz parte da minha vida (...)</p>
	<p>- 1º congresso da juventude camponesa</p>		<p>(...) foi o meu irmão (...). Com a participação de (...) apresentações na comunidade, nos</p>

COFORMAÇÃO	<ul style="list-style-type: none"> <li>- Nossas semanas da cultura</li> <li>- Parceira da EFA</li> </ul>		<p>palanques, que ele falava bonito(...)  (...) eu vi apresentações de pessoas daqui da própria escola nas comunidades, com teatro, com poesia, e aquilo foi me despertando para a vida.  (...) mas na convivência com seus colegas, nos trabalhos, nas comunidades,(...)</p>
OUTROS			<p>(...) meu futuro sempre quero ser um político, esse eu posso ser, mas primeiro a gente que vê na frente é a faculdade.  (...) Claro ter uma família (...)  (...) os jovens que saíram daqui, hoje estão atuando na comunidade, os que não ta, ta na faculdade, a gente vê alguns trabalhando.  (...) sonha em ir para a faculdade, ter a sua propriedade e o seu trabalho.</p>

**ANEXO 7:**

**GRADE DE ANÁLISE SOBRE O TEMA PARTICIPAÇÃO**

ESTUDANTE PARTICIPAÇÃO	VIRNA	MATHEUS	OSCAR
FAMÍLIA	A experiência da família. Participando, se envolvendo no que gostava de fazer. Problemas familiares – Fuga para os problemas.	(...) responsabilidades que a gente pega, a (...) eles tem dado apoio, quando sai, eles mantém o trabalho firme(...)	(...) é com a família ajudando, com os próprios colegas da escola, (...).
COMUNIDADE	Os movimentos de mulheres e Associação. - Participo da Associação. - Entrada na Associação da comunidade	Eu participo da comunidade através da associação, e, tenho uma boa participação também nos eventos fora da comunidade (...) E dentro da comunidade foi através da necessidade(...).	(...) e na comunidade também onde eu participo, dou sugestões para o melhoramento.
ESCOLA	Participo da minha escola. Depois que eu vim para a EFA. Problemas com os colegas. É muito bom você estar participando na escola, você ser liderança na escola.	(...) e da escola também e participo na escola das discussões, procurando dar opiniões e se possível fazendo críticas necessárias(...). A 1ª vez foi aqui na escola(...)	(...) eu cheguei a ser esse jovem foi através desta escola, né pela minha participação que a escola me incentivou (...). Através do incentivo da escola eu comecei a participar fora, a participar do movimento. (...) aqui na escola, aqui a

			<p>gente contribui, dou sugestões (...) já tinha a força dessa escola com as palestras dos professores e algumas outras pessoas (...) aqui na escola mesmo, (...) no conselho de classe(...) Você coloca outro colega(...) é o caso de Vaneça e Vanusa(...)</p>
<p>MOVIMENTOS SOCIAIS</p>	<p>(...) essa vontade de estar participando, de estar ajudando, de estar contribuindo, mesmo pouquíssimo para mudar o mundo (...) ser capaz de mostrar para a pessoa que ela tem condições de mudar a sua situação.</p>	<p>(...) e tenho uma boa participação também nos eventos fora da comunidade (...) (...) os congressos que a gente participa, é geralmente a participação é muito boa. (...) E principalmente quando a gente vai para outra realidade que a gente não conhece, motiva muito, a gente a participar(...)</p>	<p>(...) 1º congresso do MAB que aconteceu na EFA. (...) participei de um teatro em Correntina – BA.</p>
<p>OUTROS</p>	<p>-De um montão de coisas – Encontros, seminários, congressos voltado para o campo ou p/ a escola - As pessoas te perguntam, vão atrás buscar informação. - Você tem que aproveitar o máximo possível.</p>	<p>(...) a tendência é participar(...) continuar ainda um pouco os estudos para tentar melhorar as condições de vida na minha propriedade, para que a gente possa ter uma estabilidade. (...) a formação e a participação social é uma das principais atividades que a gente</p>	<p>Eu acredito que sou um jovem participativo. (...) acredito que contribui, pois onde eu passei nesses seminários, na minha comunidade.</p>

		possa estar fazendo em vista de melhorar as condições de vida(...)	
--	--	--	--

## **ANEXO 8:**

### **Lista de Tabelas e Figuras**

<b>Tabela 1.</b> Porto Nacional-TO: Indústria, Comércio, Serviços e Propriedades Rurais – Número de Estabelecimentos – 2000.....	18
<b>Tabela 2.</b> Porto Nacional. Número de Estabelecimentos Escolares – 2002.....	19
<b>Tabela 3.</b> Taxas de Analfabetismo Total, em 1999, segundo faixas etárias e situação de domicílio.....	20
<b>Tabela 4.</b> Taxas de Analfabetismo Funcional – 1999 (maiores de 10 anos).....	21
<b>Figura 1</b> – Teoria Tripolar.....	69
<b>Figura 2</b> – Coformação entre a Autoformação e a Heteroformação.....	75
<b>Figura 3</b> – Relação Estado – Professor – Família na Escola Rural – Brasil.....	85
<b>Figura 4</b> – Relação na Escola Rural.....	86

**-ANEXO 9:**

**LISTA DE SIGLAS**

AEFACOT - Associação das Escolas Família Agrícola do Centro-Oeste e Tocantins

AIMFR - Associação Internacional das Maisons Familiares Rurales

BA - Bahia

CEFFA's - Centro Familiar de Formação por Alternância

CFR - Casa Familiar Rural

CMDRS – Conselho Municipal de Desenvolvimento Rural Sustentável

Comsaúde - Comunidade de Saúde, Desenvolvimento e Educação

CONTAG – Confederação dos Trabalhadores da Agricultura.

CTA - Centro de Tecnologias Alternativas

EFA - Escola Família Agrícola

FAO – Organização das Nações Unidas para Alimentação e Agricultura

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDH - Índice de Desenvolvimento Humano

MAB - Movimento dos Atingidos por Barragens

MEPES - Movimento Educacional e Promocional do Estado do Espírito Santo

MST - Movimento dos Sem Terra

ONG's - Organizações Não-governamentais

ONU - Organização das Nações Unidas

PIB - Produto Interno Brasileiro

PNDRS – Plano nacional de Desenvolvimento Rural Sustentável.

SEPLAN - TO - Secretaria de Planejamento do Estado do Tocantins

TO - Tocantins

UNEFAB - União Nacional das Escolas Família Agrícola do Brasil

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura